

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE LETRAS

PERCURSOS DE VIDA: A Prostituição no Porto na década de 60/70

Ana Maria da Rocha Pereira Cardoso Alves

Dissertação de Mestrado em História Contemporânea apresentada à FLUP sob
orientação da Professora Doutora Maria José Moutinho

PORTO

2009

Índice

I- Introdução	P. 1
II- Objecto de Estudo	P. 5
III- Fontes e Bibliografia	P. 8
3.1- À Procura das Fontes	P. 8
3.2- A Bibliografia	P. 9
IV- Orientação Metodológica e Enquadramento Teórico	P. 10
4.1- O Recurso à História Oral	P. 10
4.2- As Razões para a Escolha desta Metodologia	P. 11
4.3- À Procura do Testemunho	P. 12
4.4- Prostitutas uma População Oculta	P. 13
4.5- A Entrevista	P. 13
4.6- Observação no Terreno	P. 14
4.7- Uma Amostra Incompleta	P. 15

4.8- Algumas Teorias Sobre a Prostituição em Portugal em Perspectiva Histórica	P. 16
V- A Mulher e a História	P. 22
5.1- Onde Estão as Mulheres	P. 22
5.2- Questões do Género Aplicadas à Prostituição	P. 23
5.3- As mulheres: Alguns Pontos de Vista do Estado Novo	P. 26
VI- Remar Contra a Maré? Obra de Recuperação de Mulheres	P. 31
6.1- Portugal Político, Económico, Social e Cultural (1960/70)	P.35
VII- Personagens e Percursos de Vida ...	P. 44
VIII- Análise dos Percursos de Vida	P. 90
IX- Considerações Finais	P. 114
Fontes e Bibliografia	

I – Introdução

*Vai-se o dia. Da lua a tocha acesa
Arde à entrada do pórtico do céu.
Suspenso o ar. É a véspera da Deusa
Que pureza da noite tem por véu.
Astros custódios rodeiam-lhe a cabeça.
Vê-la, nenhum mortal o mereceu.
Nos umbrais da sua realeza
Fico em êxtase à espera de ser eu.
Na folhagem dos sonhos que flutuam
Ao ser lar antiquíssimo recuam
Deuses esquecidos em nocturnos génios.
Em puro encanto desperta anoitecida,
A alma da terra: a Bela Adormecida
Sob as cobertas cegas dos milénios.*

1

A mulher sempre exerceu sobre o homem um grande poder de atracção. As diferenças fisiológicas e psíquicas dos dois sexos projectaram-se nos respectivos comportamentos. Homens e mulheres provêm das mesmas origens, talvez prossigam idênticos objectivos, familiares, sociais, profissionais, mas intuitivamente seguem rumos próprios, talvez em alguns casos, até divergentes. A natureza dotou-os de características diversas que se reflectem fatalmente nas respectivas sensibilidades e estas induzem a linhas de procedimentos diferentes perante circunstâncias idênticas.

É claro que a nossa cultura ocidental, através da educação milenar, foi demarcando e atribuindo tarefas e funções a uns e a outros que podem não coincidir, mas que nem sempre decorrem da natureza do sexo de cada um. A história mostra que se imaginou existirem mulheres terrivelmente guerreiras e cruéis, como as amazonas, mas também mães, companheiras, amantes carinhosas e desveladas que trabalhavam arduamente para poderem oferecer

¹ CORREIA, Natália, 1991, *Sonetos Românticos*, Publicações Projornal, Lisboa

aos seus *homens* tudo o que estes poderiam ambicionar: lazer, bem-estar, abundância de tudo o que a vida exige, sexo, prazeres de toda a ordem. A mulher, ao longo dos tempos, pôde ser divinizada, como a deusa-mãe, mas também diabolizada, como uma bruxa, uma aliada de Satanás, aquela que carrega consigo um mal original e que o difunde sempre que pode. Ou seja, o universo feminino e o masculino raramente coincidem no imaginário popular e colectivo. A umas e outros se atribuem características e comportamentos diversos que, em certas circunstâncias, conduzem a práticas de ruptura, de marginalização e, eventualmente, também ético-moral.

Nesta óptica se insere a prostituição, a qual, embora para existir exija pelo menos duas pessoas, é olhada como um interdito socialmente censurável e forte, mas que culpa predominantemente um dos agentes (mesmo que ambos sejam do mesmo sexo). A mais velha profissão do mundo, como, por vezes, é designada, acompanha o percurso da humanidade desde sempre. O género humano perpetua-se através da inter-relação mulher-homem, é certo. Mas para que o uso do sexo se torne aceitável e *normal* tem que submeter-se a regras, oriundas da própria comunidade. Há múltiplos exemplos de poligamia legítima (e até justificada), mas esse padrão de comportamento não passou para a cultura ocidental. Quando se vem a conhecer (caso de algumas seitas religiosas, por exemplo), é rejeitado e perseguido. Aliás, uma das razões do choque entre muçulmanos ortodoxos e ocidentais radica, a meu ver, na forma como é vista (e tratada) a mulher pelos discípulos de Maomé. Aí radicam divergências civilizacionais de fundo entre os judaico-cristãos e eles. Portanto, a condição da mulher prestou-se a múltiplas leituras ao longo dos tempos e justificou atitude de dureza e de perseguição ou, então de complacência e compreensão por parte das autoridades constituídas. O assunto é demasiado complexo para poder ser abordado de forma rápida e taxativa.

Ao escolher o tema, *Percursos de Vida: A Prostituição no Porto na década de sessenta/setenta* para esta dissertação, talvez nem imaginasse a sua vastidão e susceptibilidade. Porém ao constatá-lo, decidi prosseguir. A História portuguesa, ao contrário das outras ciências sociais, não mostrou especial interesse pela temática da prostituição. A escassez de trabalhos de investigação sobre o tema, no período do Estado Novo, consubstanciou uma aliciante à continuidade. Os comportamentos marginais, analisados pela

História, permitiram-me enquanto aluna, desenvolver um fascínio pela História das mentalidades. Na verdade, este campo da historiografia revelou-me, que a diferença da actuação humana encontrava-se na forma como cada um observava e interpretava o que o rodeava. A mulher quando enveredava pela prostituição vendia o seu sexo desviando-se da conduta moral padronizada. Contudo, aos olhos da comunidade, é um ser *diferente* - apenas porque ele não deseja cumprir os normativos comunitários. Terá a sociedade o direito de julgar os que são *obrigados* a agir de forma diferente? A resposta será o resultado que se encontrará ao longo destas páginas. As limitações que se me depararam foram muitas, mas desistir não está na minha forma de proceder. Avancei, mesmo conhecendo os respectivos riscos.

A mulher sabe que pode atrair o homem de várias formas, seduzi-lo e depois cobrar um preço. O seu corpo reveste-se, porventura, de numerosos atractivos a que o homem, enquanto macho, não fica indiferente. Ora ela aprende, desde cedo, a usar toda uma enorme panóplia de trunfos pelos quais, mais tarde pode exigir uma retribuição. A sedução não tem limites. Usam-na os políticos (mulheres espias, confidentes, infiltradas) e abusam delas os proxenetes. Por isso o corpo (e o rosto) feminino tantas vezes serviu de arma poderosíssima contra barreiras a derrubar (lembre-se o caso bíblico de Judite). E uma delas é a exploração do corpo pura e simples como forma de obter bens ou favores de alto preço e reduzidos custos.

A mulher, muitas vezes, atrai enquanto fêmea, cede à cupidez e ao acto de posse do homem-macho e...depois cobra o reembolso. Quando o faz sem qualquer sentimento de reciprocidade, de atracção ou de fruição própria, isto é, quando se oferece apenas como objecto de prazer, prostitui-se.

Este trabalho procurou penetrar um pouco mais e de forma autónoma nesse universo nebuloso e interdito de uma sociedade que é a prostituição feminina. Por natureza, como exercício de história fundamenta-se no passado, considera-o, procura compreendê-lo e descrevê-lo, mas pretende mergulhar nos domínios da psicologia humana e nos seus comportamentos íntimos, para entender essa criatura, tantas vezes enigmática, que é o ser humano. Será um contributo modesto, mas é pessoal e elaborado com seriedade e gosto. Como mulher que também sou, tentei colocar-me na posição de Eva para tentar penetrar nesse universo de interditos para melhor compreender esses seres

humanos estigmatizados pela sociedade, as prostitutas. Enquanto investigadora procurei no submundo da prostituição feminina, observar comportamentos e atitudes ouvir histórias de vida, tentando apreender e enquadrar as eventuais raízes do *crime*, que a sociedade enquanto tal, rejeita, marginaliza, para que sejam praticados em lugares e horas quase clandestinas.

O meu desiderato será perceber melhor as motivações desta prática de que nenhuma sociedade se encontra imune.

A poesia de Natália Correia, escrita em forma de soneto, que antecede esta introdução, evocando *o génio da noite, as aparências, os mágicos metais, o sonho, a loucura, a hora adormecida*, bem pode servir de mote a este trabalho. Na prática da prostituição todos esses conceitos podem estar presentes e fortemente actuates, mesmo que a autora não os usasse (com esse sentido) neste texto. O leitor perceber-lhe-á o alcance, lendo o que seguidamente se escreve.

II – Objecto de estudo

A dissertação, que elaborei, resulta de uma investigação que levei a cabo ao longo de vários meses. Centra-se na análise das entrevistas feitas a mulheres que se prostituíram no período do Estado Novo. O seu âmbito circunscreveu-se à cidade do Porto, que serviu de campo de observação e de análise dos dados que foi possível apurar.

Qualquer trabalho de pesquisa implica a observância de determinada metodologia e a sua compartimentação em vários prismas de observação. Foi isso que se pretendeu. Por isso mesmo o leitor o encontrará dividido em sectores de análise, como se fossem capítulos, para, desse modo, melhor seguir o pensamento da autora. Ele aqui fica explicitado através de sucessivos ângulos de análise.

I- Em primeiro lugar, aborda-se, embora de forma muito sumária, o problema das condições, causas ou condicionantes que propiciaram a abertura e a penetração de algumas mulheres jovens para o mundo da prostituição. A esmagadora maioria delas, desconhecia, à partida, as regras do universo em que mergulharam e as haveria de atrair, para, em seguida, as descaracterizar e, de algum modo, desumanizar. As suas expectativas iniciais e a sua boa fé levaram-nas a trilhar caminhos desconhecidos, que depois se tornaram meios de vida sem retorno.

II- Seguidamente tenta-se o enquadramento social e de onde provinham as prostitutas, os caminhos trilhados e as vias de acesso a essa conduta que a sociedade considera imoral e que, por isso, pune, com numerosos interditos.

III- Depois torna-se indispensável e clarificador o mergulho no quotidiano da prostituição. Como vive e se sente alguém que resvalou para esse universo, quais as *regras* e os implícitos de quem assumiu para si uma vida mergulhada na escuridão das noites sem crepúsculo?

IV- Em seguida observa-se quem mergulha (voluntária ou inadvertidamente) nesse mundo de silêncios e de interditos, há retorno possível ao status quo ante? Isto é, o regresso a uma vida igual à da maioria da população será (ainda) possível? E, se sim, a que preço? A possibilidade (ou não) ao regresso da pessoa a uma vida simples, regrada, moderada, em que trabalho e capacidade de sobrevivência se equilibram, é ainda hipótese válida

V- Posteriormente analisa-se os que vivem isolados num mundo onde, apesar de tudo, os afectos e a confiança faltam. Qualquer pessoa, além da sua sobrevivência física, aspira a dispor de carinho, de compreensão, de partilha, de solidariedade permanente e de tranquilidade emotiva. Uma prostituta, em geral, sem marido, muitas vezes aceita a companhia que paga, de alguém que a protege, acompanha e supervisiona. Costuma chamar-se-lhe *chulo*, na linguagem de gíria. O seu papel pode assumir relevância, mas a sinceridade com que geralmente age é questionável. Que figura é essa?

VI- Finalmente, não se pode contornar a questão básica. Como procede a autoridade constituída perante o fenómeno da prostituição? Cala-se? Proíbe? Finge ignorar? Preocupa-se com a questão da saúde pública? O que os males causados pelos efeitos perversos da prostituição podem projectar-se sobre as famílias, destruindo-as, ou sobre os indivíduos infectando-os. Assim se atinge o núcleo da sociedade organizada ou a pessoa, com o rol de males que daí provém. O Estado Novo não podia fingir que nada sabia. Assim se tocam os interditos não explícitos. A forma como o Estado Novo lidou com a prostituição conferiu-lhe uma imagem própria. Por isso ela é um domínio tão sensível.

Como se poderá constatar, a abordagem a este mundo reveste-se de múltiplos riscos. Na verdade, havia no comportamento humano zonas de silêncios e de interditos consagrados, como por exemplo, o que concerne ao aborto, à contracepção, à morte de crianças de tenra idade. Sabia-se que existiam, que eram prática corrente em muitas épocas, mas não se avançava publicamente por incapacidade de ajuizar, de contabilizar, de agir. Eles nasciam morriam no mais íntimo do foro individual. Talvez só os confessores (no caso dos católicos) delas pudessem ter conhecimento. Mas, mesmo eles, não podiam falar. Outro tanto sucede com o mundo da prostituição. O que se afirma (nós sentimo-lo) não é senão uma parte da verdade. Esta torna-se inatingível.

Uma barreira de silêncios a protege. Isso entende-se desde logo pelo facto de quem se prostitui se tornar marginalizável, discriminado, suspeito, sem escrúpulos. A própria sociedade tolera uma vez que não se dispõem a diagnosticar as causas do fenómeno, preferindo considerá-lo apenas uma transgressão e um desvio à conduta modelo. Fingir que se ignora é sempre uma escolha cómoda. Todos se desculpabilizam e cada um relativiza o seu comportamento como entende. O que aqui estaria em causa não seria

condenar as pessoas mas sim os seus consentimentos. O Estado Novo, contudo, não quis.

III – Fontes e Bibliografia

A prostituição tem-se tornado um problema sociológico, na medida em que a sociedade e as próprias instituições não têm conseguido dar resposta nem soluções a este velho e secular problema.

Os cientistas sociais consideram a prostituição uma opção difícil de investigar, não só pela dificuldade de acesso aos próprios protagonistas como também pelas eventuais ameaças e perigos que pode suscitar a partir do submundo fechado e subterrâneo, paralelo ou clandestino em que os seus organizadores operam.

3.1 – À Procura das Fontes

Iniciamos o nosso trabalho pela procura de fontes de arquivo², embora conscientes da dificuldade que tal tarefa se revestia. A ordem de destruição pelo fogo dos livros de registo, livretes e outros documentos afins ligados à prostituição teria sido cumprida na sequência do estipulado pelo Decreto-Lei nº 44579, de 19 de Setembro de 1962, com entrada em vigor a 1 de Janeiro de 1963. O referido decreto ordenava igualmente o encerramento das casas de tolerância a apreensão dos bens dessas casas a favor do Estado³.

Contudo, foram por nós contactadas instituições, que pela sua estrutura funcional poderiam estar em condições de possuir documentação ligada ao fenómeno da prostituição, a saber: Comando Distrital de Polícia do Porto, Delegação de Saúde, Governo Civil do Porto, arquivos hospitalares, Ordem dos Médicos e a Santa Casa da Misericórdia do Porto. De todos os organismos referidos recebemos a melhor colaboração, (excepto da Santa Casa da Misericórdia, pois continuamos a aguardar resposta ao nosso pedido.)

Finalmente, o acesso à documentação que suportaria o nosso estudo, (boletins de ocorrência policial e registos de matrícula), apesar de procurados pelas

² Na expectativa de que alguns documentos por esquecimento, ou outra razão, tivessem sobrevivido, decidiu-se dar continuidade à sua procura.

Os Arquivos Distritais de Penafiel e Viana do Castelo possuem registos oficiais sobre a prostituição, nomeadamente boletins de matrícula dos séculos XIX e XX

³ Para as mulheres detentoras de comportamentos marginais, a destruição das fontes, como no caso da prostituição, configurou um processo de salvaguarda da intimidade desses actores marginais

peessoas contactadas, e que desde o primeiro momento se mostraram disponíveis e interessadas em colaborar neste trabalho, nada foi encontrado.

3.2 – A Bibliografia

As obras relacionadas com a problemática da prostituição centravam-se essencialmente ao nível da antropologia, psicologia e sociologia. Porém, a abordagem que essas obras faziam à prostituição não era coincidente com o período que pretendíamos analisar, (década de 60/70, do século XX), ou com o espaço definido, a cidade do Porto. Desenvolveu-se um esforço em seleccionar nas obras, por nós consultadas, os capítulos que focavam a história da prostituição em Portugal, apesar de cronologicamente as referências à temática se situarem entre os finais do século XIX e os primeiros quarenta anos do século XX.

No entanto, o quadro analítico criado com as nossas leituras carecia de aperfeiçoamento, pois não satisfazia as nossas questões. A resposta às nossas interrogações só nos poderiam ser fornecidas por quem havia vivido no submundo da prostituição.

Face à escassez de fontes em arquivo sobre as *mulheres comuns*, situação desde cedo detectada pelos investigadores sociais que se tem dedicado (em todos os países) a devolver à mulher o seu papel na História, o nosso trabalho estava dificultado.

Na tentativa de contribuir, embora de forma modesta, para um maior conhecimento na área da mulher marginal, a prostituta, enveredamos pelo método de recolha de histórias de vida que nos permitissem reconstruir os percursos de mulheres que tivessem vivido da prostituição, na cidade do Porto entre 1960 e 1970.

IV – Orientação Metodológica e Enquadramento Teórico

4.1 – O Recurso à História Oral

O termo História Oral é relativamente recente. A escola de Chicago privilegiou a recolha de testemunhos orais, como forma de adquirir informação nos anos 20 e 30 do século XX. Este método desenvolveu-se após a II guerra mundial pela necessidade de conhecer as experiências vividas pelos combatentes, familiares e vítimas de guerra.

A primeira geração de historiadores orais surgiu nos Estados Unidos, nos anos cinquenta, com o propósito de reunir material para historiadores futuros. Tendo, ainda, como característica, privilegiar as ciências políticas e ocupar-se da história dos notáveis.

A segunda geração foi marcada por uma nova concepção de oralidade, reportando-se aos relatos orais das minorias étnicas, dos iletrados, dos marginalizados. É uma história vista como alternativa a todas as construções historiográficas baseadas na palavra escrita.

A adesão de vários estudiosos como Paul Thompson, Mercedes Vilanova, Danièle Hanet e a realização, em 1975, do XIV Congresso Internacional de Ciências Históricas em São Francisco e do Primeiro Colóquio Internacional de História Oral efectuado em Bolonha, concretizaram o marco fundamental da terceira geração de historiadores orais.

The Ethnographic Interview, publicado, em 1979, por James Spaddley⁴, incita os investigadores a colocarem as necessidades das pessoas no cerne da própria investigação. Os investigadores têm a responsabilidade de *sincronizar* a sua investigação com as *necessidades humanas*, podendo esta ser conseguida através da consulta aos potenciais informantes, realizando entrevistas-piloto que poderão fornecer os tópicos que considerem úteis investigar. Ao envolverem-se, tornam-se participantes deixando de lado o papel passivo e silencioso que a sociedade lhes atribuiu

⁴ SPADDLEY, James, 1979, *The Ethnographic Interview*, in Resumos das Comunicações do Congresso-1st International Oral History, Congress, October 2006, Porto, Portugal

Paul Thompson⁵ defende que a História Oral pode ser um forte e activo agente de mudança, uma vez que, na era da globalização e pós-modernismo, se revela num instrumento de auto-conhecimento para indivíduos e sociedades. Justifica a sua afirmação, referindo: *Procurar a evidência oral é tão antigo como a própria história, e quem pretende escrever uma história mais humana e original...deve levar em consideração as fontes orais...em confronto com os documentos existentes pois em casos importantes ela (a vida) pode ser utilizada para transmitir a história de uma classe ou comunidade, ou transformar-se num fio condutor ao redor do qual se reconstrua uma serie de extremamente complexa de eventos.*

A versatilidade da história oral permite que seja usada de várias formas, abrindo novas áreas de pesquisa, mudando o conteúdo e objectivo da História.

4.2 – As Razões para a Escolha da Metodologia

Cientes da dificuldade do apoio num estudo sobre a prostituição, pelas razões já referidas no capítulo III (ausência de fontes de arquivo, bem como, de a bibliografia não corresponder ao período que nos propusemos analisar) optámos pelo único método que nos permitia colectar informação sobre o tema: a memória oral, através da recolha de testemunhos vivos. Para o efeito, procedemos a algumas entrevistas, a mulheres que se prostituíram no período do Estado Novo, constituindo a base, em termos do *corpus documental*, do nosso trabalho. Sabedores das dúvidas que os testemunhos orais, enquanto método, levantam nos meios académicos, mas conscientes de não existir outra metodologia que orientasse a nossa investigação, validamos a nossa decisão transcrevendo as palavras de Jean Paul Sartre:

Aquilo que cada um faz com o que consigo fizeram... aquilo com que nos deparamos no momento presente é enquadrado pelas nossas recordações antigas que são adaptadas ao conjunto das nossas percepções actuais”.

A importância dos quadros sociais (família, classes sociais, agrupamentos religiosos, partidos políticos), gera nos indivíduos esquemas comuns de significações, ou seja, dominam o mesmo código para evocar, gravar e

⁵ THOMPSON, Paul, in Resumos das Comunicações do Congresso-1first International Oral History, Congress, October 2006, Porto, Portugal

*localizar as suas memórias, suporte de vida material e simbólica dos grupos, o que unifica as memórias é o facto de constituírem um conjunto de pensamentos, de representações a um grupo e não a continuidade temporal*⁶.

As palavras de Sartre funcionaram como um elemento unificador do nosso pensamento: o que cada um faz com a sua vida, a forma como quer recordar e arquivar o seu passado e como o relaciona com o presente, é um processo individual. Para quem procura histórias de vida, o passado de cada indivíduo configura a criação de uma fonte histórica.

4.3 – À Procura do Testemunho

Seleccionado o método passamos à fase seguinte, entrevistar mulheres que se prostituíram no final do período do Estado Novo, na década de 60/70. As entrevistas seguiram um guião com quatro áreas temáticas: dados de caracterização social, o exercício da prostituição, a legislação sobre a actividade que exerciam e como aprontaram o abandono de uma profissão sem reconhecimento legal.

Fomos ao encontro destas mulheres com as questões orientadoras elaboradas previamente, e com as quais se pretendia que nos descrevessem as causas da entrada no mundo da prostituição, o significado das experiências vividas ao nível do corpo e da alma, como conviveram com as autoridades e como preparavam a sua saída da prostituição

Para a consecução dos nossos objectivos procuramos intermediários passivos, pois estes não pertenciam ou estavam envolvidos no mundo da prostituição. Os intermediários funcionariam apenas como elo de contacto com as prostitutas. A sua actividade profissional ou local de trabalho colocava-os numa situação privilegiada de conhecimento com as mulheres que se pretendia abordar.

⁶ SATRE, Jean-Paul, in Resumos das Comunicações do Congresso-1st International Oral History, Congress, October 2006, Porto, Portugal

4.4 – Prostitutas: Uma População Oculta

As prostitutas sempre se inseriram na comunidade, contudo os interditos e os estigmas que a própria sociedade colocava a estas mulheres impeliu-as à criação de um grupo à margem num processo de auto-defesa.

Fernandes e Carvalho denominam os seres que vivem na margem social como: *As populações ocultas fazem parte das populações especiais (que podem ser ocultas, raras ou marginais), cujo principal critério é a difícil acessibilidade. As suas dificuldades de localização devem-se não tanto à prevalência do traço, mas à sua natureza, habitualmente de cariz ilegal ou socialmente reprovado*⁷.

Para Diaz *As populações marginais são, aquelas cujas características a estudar existem numa pequena parte da população geral*⁸.

A população que pretendíamos estudar era simultaneamente, oculta e marginal, o que pressupunha um problema quanto à sua localização, contacto e disponibilidade em falar. Estas mulheres formam um grupo em que as questões morais, legais e sociais se desviam da norma. As características que pautam esta população explicam a indispensabilidade de recorrermos a intermediários. A necessidade de contactar elementos femininos com 60 anos ou mais, dificultou muito a tarefa a quem se propôs colaborar com o nosso trabalho.

4.5 – A Entrevista

Foram muitas as mulheres contactadas. Algumas negaram-se a participar, alegando que nunca fariam do seu passado. Outras mostraram-se disponíveis, marcando dia, hora e local de encontro (o dia, hora e local seria sempre, da conveniência de quem se dispunha a colaborar). Mas não apareceram. Voltaram a marcar outra e outra data. Nunca compareceram.

⁷ FERNANDES, L., e CARVALHO M.C., 2000, *Por onde anda o que se oculta: o acesso a mundos sociais de consumidores de drogas através do método de snowball*, Toxicodepências Revista, Edições I.D.T., in OLIVEIRA, Alexandra, 2004, *As Vendedoras de Ilusões. Estudo sobre Prostituição, Alterne e Striptease*, Editorial Notícias, Lisboa

⁸ DIAZ, A., 1998, *Hoja pata, polvo y roca el consumo de los derivados de la coca*, Barcelona, Serviços Públicos da Universidade Autónoma de Barcelona. in OLIVEIRA, Alexandra, 2004, *As Vendedoras de Ilusões. Estudo sobre Prostituição, Alterne e Striptease*, Editorial Notícias, Lisboa

As mulheres que assumiram relatar os seus percursos de vida, adoptaram atitudes diferentes: as que já tinham abandonado a prostituição foram mais abertas e disponíveis. Outras, que abdicaram do exercício da actividade, mas continuam a ela ligadas como donas de casa de passe, revelaram-se mais cuidadosas, as que se encontram ainda, no exercício da actividade temem represálias por parte das colegas.

Nenhuma das nossas mulheres/colaborantes permitiu a gravação da entrevista. Consentiram no registo de alguns apontamentos. Assim, podemos dizer que cada entrevista se revestiu de dois momentos distintos. O primeiro, em que conhecemos a fonte, o segundo, onde o clima era de maior abertura, permitiu-nos repetir algumas questões, no intuito de tocar temáticas mais sensíveis, como por exemplo o que sentiam pelo seu corpo quando usado por estranhos. Finda a entrevista completávamos e desenvolvíamos as notas recolhidas.

As nossas participantes escolheram o local para nos contarem as suas histórias de vida. A maioria optou por praças públicas ou cafés que conheciam e frequentavam. Apenas uma mulher nos recebeu numa das suas *casas de passe*.

Como desejávamos interagir o mais possível com as nossas fontes, avaliamos factores como: o nosso vestuário, o vocabulário, a postura. Paralelamente todos os detalhes das mulheres foram sendo observados e registados: estrutura física, forma de vestir, olhares, gestos, a linguagem que se alterava de acordo com o episódio que relatavam (tom mais agressivo quando se referiam a situações que as indignava, mais comovido face a questões que consideravam positivas), ou com as pessoas que conheciam, usando com estas o calão. Notamos que entre si falavam em código; *esfolar um cabrito*, significava ter atendido mais um homem.

4.6 – Observação no Terreno

Realizámos uma observação sem interacção directa (o investigador participa nas actividades de forma anónima, sem que os frequentadores do local conheçam o seu estatuto de observador), a danceteria. Este local permitiu-nos analisar o perfil dos frequentadores, a forma como interagiam entre si e todos os pormenores do lugar: decoração, iluminação, disposição das mesas,

cadeiras, sofás, recantos, comportamento dos funcionários do exterior e interior.

Na situação em que interagimos com os vários agentes do meio, na *casa de passe* da Dores, fizemo-lo com a proximidade bastante para obter uma perspectiva do interior, mas com o afastamento necessário para não perturbar as actividades que se desenrolavam no local.

Das observações que realizámos, esta última foi das mais difíceis. Fomos confrontados com a hostilidade das prostitutas que nos consideraram intrusos, sentindo a nossa presença como uma ameaça. Os clientes habituais ou não, viram em nós uma novidade, não se inibindo de perguntar o que oferecíamos e o preço que lhes custaria os nossos serviços...

4.7 – Uma Amostra Incompleta

Sabemos que as amostras que recolhemos não representam as diversas vertentes da prostituição, uma vez que todos os casos recolhidos abrangem mulheres com as mesmas características: famílias numerosas, desestruturadas e muito carenciadas, quer provenham do campo, quer da cidade. Na sua juventude, essas mulheres desde cedo conviveram com a fome, com habitações exíguas sem condições de higiene e privacidade, tendo, ainda, sido marcadas pelo trabalho infantil e absentismo escolar. Por tudo o que antes foi dito, não é de estranhar que a prostituição fosse para as mulheres entrevistadas, a alternativa escolhida como fuga às adversidades sentidas no meio onde nasceram e cresceram.

Todas as mulheres entrevistadas apresentam um percurso de vida semelhante, exercendo a sua actividade na rua e de forma clandestina. Podemos, então, afirmar que não tivemos escolha. Foram estas as mulheres que se disponibilizaram ao relato das suas experiências, enquanto prostitutas. A idade destas mulheres não foi fruto do acaso. Foi antes, uma condição por nós imposta, pois só assim, seria possível analisar o objecto do nosso estudo.

É do conhecimento geral a existência de outras formas de prostituição, como é o caso das mulheres que praticavam a prostituição de luxo. Este formato de *venda do sexo* era exercido em casas particulares, destinadas a homens com um nível económico elevado. Nesses *prostíbulos de luxo*, as mulheres eram preparadas, educadas e tratadas pela *patroa* para estarem ao nível dos

clientes e do preço cobrado. Consequentemente, as prostitutas de luxo eram bem remuneradas e examinadas em consultórios particulares, forma das *patroas*, ou *patrões* manterem a reputação das suas casas junto dos seus clientes. Em suma, o estado físico das mulheres e o sigilo marcavam a diferença na comunidade das prostitutas.

Havia, ainda, outro tipo de prostituição, mais personalizada, praticada nos hotéis, tendo como coniventes alguns funcionários. Era exercida por *senhoras* que se prostituíam por conta própria. O critério para a escolha dos clientes tinha por base a sua situação financeira, ou a posição social que ocupavam.

O período histórico-social que foi objecto de estudo enraizou nas mentes das prostitutas uma postura de silêncio, um recato das suas histórias que as resguardava dos comentários públicos, que, ainda hoje, as indisponibiliza a relatar os seus percursos de vida.

Acedermos ao patamar mais elevado da prostituição exigiria muito tempo, muita persuasão e encontrar intermediários que fizessem parte desse mundo, e, temos dúvidas de o conseguir.

4.8 – Algumas Teorias Sobre a Prostituição em Portugal Em Perspectiva Histórica

Estudar a prostituição.

Estudar a prostituição? Gastar dinheiro para ouvir prostitutas? Não haverá nada de mais importante para fazer? Estes foram alguns dos muitos comentários que teceram ao nosso tema de trabalho. A forma depreciativa como, os que nos eram próximos ou simples conhecidos, se referiam às mulheres prostitutas em nada afectou o nosso desejo de penetrar no mundo da prostituição, pelo contrário despertou-nos a consciência e a vontade de contactar com esse mundo e os seus intervenientes.

O conceito de prostituta não foi sempre o mesmo ao longo dos séculos. De mulher sagrada, nas sociedades primitivas, a delinquente, débil mental, vítima da hereditariedade, a mulher prostituta foi e é aquilo que a sociedade em que se insere pretende fazer dela.

No sentido de proceder a uma análise crítica sobre a figura da prostituta procuramos os enunciados do pensamento de quem em Portugal se debruçou

sobre o fenómeno da prostituição e como esta interagiu com a sociedade. Para o efeito, recuamos à segunda metade do século XIX.

Historicizar sobre a prostituição em Portugal e não mencionar Inácio Santos Cruz⁹, o pioneiro da regulamentação no nosso país, configuraria, em nosso entender, uma lacuna na abordagem teórica ao acto da prostituição.

Em 1837 foi criado o Conselho de Saúde Pública do Reino. Esta instituição solicitou a **Santos Cruz**¹⁰ um estudo sobre o vírus da sífilis que se propagava entre a comunidade feminina dedicada à prostituição. Foi desta forma que Santos Cruz se tornou pioneiro em Portugal na defesa da regulamentação da prostituição. Considerava a prostituição pública como um mal da espécie humana sem remédio, por isso era necessário tolerá-lo, diminuindo-o o mais possível, os males maiores que poderiam advir de uma proibição absoluta.

O primeiro regulamentarista português apresentou um projecto de regime policial e sanitário que acabaria por constituir o eixo de todos os regulamentos do país. Nesta perspectiva a prostituição a nível nacional deveria ser organizada e centralizada. Assim, as meretrizes concentradas em casas próprias, as casas das toleradas, estariam sujeitas a inspecções sanitárias periódicas. Esta foi a forma encontrada para combater o vício e manter os limites da decência pública.

Santos Cruz¹¹ definia as prostitutas como: *volúveis, inconstantes, ordinárias, mentirosas, coléricas, fingidas, dissimuladas, dotadas de boa disposição, obesas, com voz rouca, pouco dadas a hábitos de higiene e de religiosidade*. Cruz procurou nas prostitutas traços fisiológicos e individuais que as distinguíssem das mulheres honestas e ainda tentou compreender as causas que motivavam a entrada das mulheres na prostituição.

Segundo Cruz as mulheres entravam na prostituição por causas gerais e específicas. Como causas gerais enumerou a existência de uma sexualidade desordenada, (relações sexuais ilícitas), a sedução, o engano por parte do amante, a preguiça, a vaidade e a cobiça do luxo. Nas específicas encontrou a

⁹ CRUZ, Inácio Santos, 1984, *Da Prostituição na cidade de Lisboa* (1841), Publicações Dom Quixote, Lisboa

¹⁰ Ibidem

¹¹ Ibidem

miséria, pobreza, abandono familiar, rigidez educacional, maus exemplos, falta de vergonha e uma predisposição natural para a prostituição.

Tovar de Lemos¹², ao contrário dos seus colegas, investigou em 1906, 267 prostitutas e concluiu que fisiologicamente as prostitutas em nada diferiam das mulheres normais. Considerava que as prostitutas, fisicamente eram mais saudáveis do que as mulheres que exerciam profissões socialmente aceites, citando como exemplo as costureiras.

Um problema preocupava Tovar de Lemos, a infertilidade das prostitutas. Diz nada encontrar nos órgãos sexuais das prostitutas para justificar o baixo índice de fertilidade destas mulheres. O autor acreditava que o alcoolismo, a tuberculose e outras doenças que afectavam estas mulheres seriam a causa para a sua infertilidade.

Outros autores se debruçaram sobre a prostituição. Também, estes observaram que a prostituta se caracterizava pela mobilidade de carácter, a ociosidade, a preguiça, a sedução pelo luxo. Estas eram premissas comuns à mulher de conduta imoral, bem como uma predisposição individual e inata, para serem influenciadas pelo mau exemplo. O fatalismo da hereditariedade.

Os pressupostos enunciados encontram-se nos estudos de **Ângelo da Fonseca**¹³, **Armando Gião**¹⁴, **Francisco Pereira D'Azevedo**¹⁵ e **Fernando Schwalbach**¹⁶. Muito mais do que uma análise quantitativa estes estudiosos criavam o pressuposto da anormalidade da prostituta pela construção do padrão da normalidade feminina.

Lombroso considerava a mulher marcada por incapacidades fisiológicas, destacando: o tamanho dos seus órgãos sexuais primários, secundários e a sua frigidez orgânica e o seu espírito monogâmico. Pudor e boa conduta moral caracterizavam o sexo feminino. Ele compreendia o adultério masculino, mas nunca o feminino. A mulher adúltera praticava um crime contra a sociedade e a natureza. *A prostituta era um ser anormal*. O autor procurou estigmas fisiológicos para o justificar, mas não os conseguiu comprovar.

¹² LEMOS, Alfredo Tovar de, 1910, *A Syphilis*, Centro Tip. Colonial, Lisboa

¹³ FONSECA, Ângelo, 1902, *Da Prostituição em Portugal*, Typographia Ocidental, Porto

¹⁴ GIÃO, Armando, 1981, *Contribuição para o estudo da Prostituição*, Tip. Crist. A. Rod., Lisboa

¹⁵ D'AZEVEDO, Francisco Pereira, 1864, *História da Prostituição e Polícia Sanitária no Porto*, Casa de F. Gomes da Fonseca, Porto

¹⁶ SCHWALBACH, Fernando, 1912 – *O Vício em Lisboa*. Lisboa, A. M. Pereira

Sendo, estes autores, dos finais do século XIX início do século XX, não nos seria estranho a forma causal e linear como explicavam a prostituição. Contudo, em 1944, **José Crespo**¹⁷ considerava a prostituição como um fenómeno que em nada se relacionava com a miséria, mas sim com o desejo de uma vida fácil, de luxo e preguiça.

O discurso da polícia do Estado Novo ia de encontro à teoria normativa da prostituição. Esta estrutura do poder considerava as meretrizes como vagabundas, provocadoras dos homens, devassas, debochadas e que praticavam acções indecentes acompanhadas de palavras obscenas e gestos insinuantes.

Aureliano da Fonseca, Francisco Norton Brandão e Francisco da Cruz Sobral¹⁸ realizaram um estudo que contemplava aspectos sanitários, jurídicos e ainda as causas para a prostituição. O estudo de caso que fizeram após a proibição da prostituição, em 1963, levou-os a concluir que, as mulheres prostitutas eram provenientes de famílias rurais e modestas, por isso procuravam nesta actividade uma vida fácil e mais rendosa. Fugiam a um ambiente familiar castrador ou degradado. Estas eram criadas sem hábitos e sem orientação na infância, tornando-se naturalmente preguiçosas. A entrada destas jovens pouco escolarizadas no mundo do trabalho era dificultada pelo facto de serem mulheres e desqualificadas para o exercício de uma profissão, optando por uma actividade mais rendosa e mais adequada ao seu perfil ocioso.

Segundo aqueles autores, elas haviam crescido haviam fugido, o que desenvolvera nelas uma instabilidade afectiva difícil de se vergar a uma disciplina moral, social e profissional. Consideravam-nas incapazes de se fixarem a um trabalho com hábitos, por outro lado nunca alcançariam nesse trabalho os lucros que obtinham na prostituição.

¹⁷ CRESPO, José, *Contribuições para o estudo do lenocínio em Portugal. O meretrício no distrito de Viana do Castelo*, 1944, Separata da Revista Coimbra Médica

¹⁸ FONSECA, Aureliano, BRANDÃO, Francisco Norton e outros, 1965, *Alguns Aspectos Sociais e Económicos da Prostituição Em Portugal*, separata de «O MÉDICO» nº 716, Tip. SEQUEIRA, Lda., Porto

Visão da assistente social sobre a prostituta.

O estudo da prostituição em Portugal foi um fenómeno intermitente. Proliferaram estudos, no fim do século XIX e primeiras décadas do século XX, motivados pelas doenças físicas e morais que esta comunidade podia transmitir à sociedade. Debelado o problema de saúde pública restava a conduta imoral das prostitutas. A comunidade científica colocava as prostitutas no grupo dos indivíduos portadores de um comportamento desviante. Elas, as prostitutas, passavam a casos clínicos.

Os hiatos que detectamos no estudo da prostituição, levaram-nos a procurar, fora da comunidade científica, instituições que observavam a mulher prostituta. Consideramos pertinente analisar a forma como a assistência social lidava com a prostituição, acrescido do conhecimento, que nos foi transmitido pelas mulheres que acederam a relatar os seus percursos enquanto prostitutas e, que nunca beneficiaram de qualquer ajuda da assistência social.

Em 1956, o Instituto de Assistência à Família envia trabalhadoras sociais para as instituições que albergavam grupos marginais, nos quais se incluíam as prostitutas. Dos relatórios elaborados pelas trabalhadoras sociais foi-nos possível inferir como viam e lidavam com a prostituição.

Consideravam as assistentes sociais que a prostituta exercia a vivência da sua sexualidade, não no plano humano, mas animal. O exercício da prostituição era uma tendência psicossomática, uma debilidade mental, causada por quadros depressivos ou por um sensualismo anormal.

O grupo assistencial indicava como causas para a conduta destas mulheres, as doenças mentais, a hereditariedade, o vício, a natureza interna, a vulnerabilidade, os sentimentos levianos, a sedução pelo luxo, acrescentavam ainda os factores familiares, promiscuidade e falta de educação moral.

As actividades profissionais das mulheres eram consideradas um factor de risco, sobretudo a indústria e as profissões tradicionais, (costureiras, criadas). A industrialização aumentava o número de mulheres empregadas nas unidades fabris, locais imorais e inadequados ao psiquismo feminino. Os baixos salários impeliam as mulheres a ansiarem por melhores condições de vida que obtinham com os ganhos da prostituição.

Como se pode observar as explicações científicas para a prostituição em Portugal desde a segunda metade do século XIX e início do século XX

assentaram em causas médicas, biológicas, fisiológicas e patológicas. A partir dos anos quarenta, do século passado, sucederam-se as causas psicológicas, sociais, económicas e culturais. As explicações apresentadas para o fenómeno da prostituição sustentavam-se sobretudo na criação de representações e estereótipos socialmente construídos sobre as mulheres de conduta imoral. As explicações científicas caracterizavam-se pela evolução em direcção à complexidade do fenómeno que se pretendia observar. Foi o que se verificou em relação à prostituição. De uma análise causal evoluiu-se para uma explicação estrutural.

V – A Mulher e a História

5.1 – Onde Estão as Mulheres?

Ao longo dos séculos, a sociedade conferiu à mulher um papel construído pelos interesses políticos e masculinos. Elas estavam confinadas ao espaço privado, o lar, com funções determinadas: ser mãe, zelar pela harmonia do lar, educar os filhos, funções que deveriam desempenhar de forma perfeita e harmoniosa. Ao homem pertencia o espaço público, esfera, onde ele garantia o sustento do núcleo familiar, exercendo as actividades que as suas superiores capacidades o habilitavam.

O conceito de *Fada do lar*, surge na alvorada do séc. XIX e pretendia dignificar as funções domésticas, numa sociedade industrial e burguesa, onde o peso do patriarcado remetia a mulher para um lugar secundário da sociedade, mas, crucial para a nação, pois eram elas que tinham a seu cargo a educação dos filhos, formando o carácter dos futuros cidadãos da nação. Convinha ao estado, que estes fossem moldados de acordo com os interesses estabelecidos para não perturbarem a ordem. Esta atitude manipuladora das mentes femininas, reforçada pela literatura feminina onde eram exaltados os valores morais que a mulher devia ter e demonstrar: a harmonia, traduzida em candura e submissão, não passava de uma tentativa de anular o papel da mulher na sociedade.

As ciências ao classificarem as aptidões do ser humano, determinavam que ao homem cabia a razão, a força física, intelectual e moral e à mulher a sensibilidade e a delicadeza.

A insistência em preservar as qualidades femininas mantendo imaculada a sua figura para esta concretizar a função principal da sua existência, a maternidade. O binómio lar/família que caracterizava a sociedade e funcionava como equilíbrio da mesma, não era mais do que uma forma camuflada de limitar o poder feminino, que as estruturas de poder, assim como a sociedade conheciam mas pretendiam castrar.

O desenvolvimento industrial e a expansão do sector terciário impeliram a mulher para o mercado de trabalho. Sendo ela a garantia da união familiar, pairava o perigo desta entrar em crise.

Historiadores como Georges Duby ao proceder à reconstituição dos casamentos na época feudal interroga-se: *Mas as mulheres? Que se sabe delas?*¹⁹

A publicação da obra *Histoire de La Vie Privée, De L'Antiquité à Nos Jours*²⁰, ao analisar a história da família introduz novos actores ao facto histórico, as crianças e os jovens. Os autores intrometeram-se no mundo privado, resultando o inevitável confronto com a mulher.

Na verdade as mulheres sempre estiveram presentes e participaram na evolução da humanidade, desde a pré-história à actualidade. A sociedade ao tentar minimizar os seus papéis pretendia reforçar o estereótipo do feminino ser simultaneamente a encarnação do anjo e do demónio.

A sedução feminina representava um perigo social que teria de ser contido para não corromper as estruturas sociais.

5.2 – Questões do Género Aplicadas à Prostituição

O conceito de género inicialmente utilizado pela literatura (género poético, dramático e normativo) e na gramática (distinção entre o feminino e masculino) foi sendo adicionado a outros significados da esfera política, sexual e cultural.

As teorias feministas, sobretudo anglo-saxónicas, adoptaram o conceito de género em relação ao sexo, passando este a constituir uma construção social ou cultural, ou seja a diferença entre homem e mulher sendo inevitavelmente biológica, mas o comportamento sexual e os papéis desempenhados por cada actor eram uma construção social que justificava a distinção entre o feminino e o masculino e a codificação dos seus comportamentos.

Seria na enunciada acepção de género que em 1949, Simone de Beauvoir²¹, publicou em França *O Segundo Sexo* que consistiu numa *seminação* sobre a condição feminina e o feminismo.

¹⁹ DUBY, Georges, 1981, *Le Chancelier, La Femme et le Prêtre, Le Mariage dans la France Féodale*, Paris, Hachette, in, PERROT, Michelle, *Uma História das Mulheres*, 2007, ASA Editores, Porto

²⁰ ARIÉS, Philippe e DUBY, George (dir.), 1986-1987, *Histoire de La Vie Privée à Nos Jours*, Paris, Seuil. in, PERROT, Michelle, *Uma História das Mulheres*, 2007, ASA Editores, Porto

²¹ BEAUVOIR, Simone, 1949, *O Segundo Sexo*, Editions Galimard, Paris

Simone de Beauvoir rompeu o silêncio, as barreiras da sociedade, ao transpor para o vector cultural a condição secundária do ser feminino. Para a autora, a mulher era uma produção cultural da sociedade em que estava inserida: *Não se nasce mulher, torna-se mulher*.

A publicação de *O Segundo Sexo*, já ultrapassou meio século, porém os estudiosos do ser social evocam Simone de Beauvoir nos ensaios sobre o género. Distanciados da perspectiva existencialista da autora, mas considerando-a um paradigma de coragem e de rompimento com o silêncio sobre a condição de ser mulher a sua obra continua a inspirar os que se dedicam ao estudo do género.

Simone de Beauvoir escandalizou os seus contemporâneos, mas quebrou o silêncio instalado, abriu a discussão que não parou até aos nossos dias.

Em 1975, Natalie Zemon Davis²², na II Conferência sobre História das Mulheres realizada em Berkshire refere a importância de perceber o significado dos dois sexos ou grupos de género no passado histórico. Refere a propósito:

Parece-me que deveríamos interessar-nos pela história tanto das mulheres como dos homens, que não nos devíamos dedicar ao tema de um só sexo, da mesma forma que um historiador da história social não poderia estudar unicamente os camponeses. O nosso objectivo é perceber o significado dos dois sexos ou grupos de género no passado histórico. É descobrir a diversidade de papéis sociais e simbolismos das diferentes épocas e sociedades, saber que significado tinham e como funcionavam para manter ou modificar a ordem social.

A autora afirmava que o interesse da História não devia cingir-se ao sexo masculino. O conhecimento do passado envolvia os dois sexos, a diversidade dos seus papéis enquanto agentes intervenientes na ordem social. Assim se compreende a continuidade dos estudos sobre o género. A mulher continuava a sua luta, menos radicalizada, pois o acesso ao mundo cultural, profissional já havia sido reconhecido. O sexo feminino teria de encetar a batalha pela igualdade de oportunidades profissionais e remuneração salarial Não era a diferença anatómica que diminuía as suas capacidades face ao homem. As lutas feministas e as mudanças políticas que ao conferirem a igualdade de

²² DAVIS, Natalie Zemon, 1975, *II Conferência sobre História das Mulheres*, Bedrkshire

direitos a homens e mulheres relançavam a discussão para a discriminação, como observava Madalena Barbosa, ao afirmar:

Não se pretende que mulheres e homens se tornem num padrão, antes que se diferenciem naquilo que são as suas identidades e formas de ser e estar.

Chamamos género e são identidades passíveis de modificação. Por isso se procura chegar à igualdade de género, ou seja, igualdade do ser e estar para todas as pessoas e não igualdade entre os sexos, o que não é possível nem desejável. Esta igualdade pressupõe o direito de escolher sem entraves, discriminações. Ou interditos sexuais definidos. Ou seja sem descriminação²³.

A igualdade do género mais do que um conceito abstracto deveria significar uma forma de estar na vida, reflectindo-se nas práticas do quotidiano.

Até aos nossos dias muito se escreveu sobre a secundarização do papel da mulher na sociedade. Muitas lutas foram travadas para que os direitos femininos fossem reconhecidos a nível cultural, profissional e político. Nos países democráticos as mulheres viram os seus direitos confirmados constitucionalmente. Contudo a prática revelará o cumprimento das suas reivindicações?

Seria vasta a lista de exemplos demonstrativos de que prática e direitos reconhecidos pelas estruturas políticas e sociais não são consentâneos. Um exemplo inequívoco é o fenómeno da prostituição.

A mulher que se prostituía foi usada pela sociedade e pelo poder político da forma que melhor convinha a quem ditavam as normas de conduta e as leis.

A sociedade tolerava a *mulher perdida* para que esta fosse o eixo de equilíbrio da sexualidade masculina. Contudo condenava-a. A mulher que saciava sexualmente o jovem solteiro ou o homem casado, para que as jovens e as de mau mulheres honestas fossem preservadas, era a *devassa*, a *ordinária*, a *mulher de mau porte*, como ainda hoje a apelidam.

Os políticos legislavam, confinando-as ao bordel e a inspecções sanitárias sem qualquer respeito pelos corpos que tantas vezes usavam a fim de saciarem o prazer que lhes era interdito com as suas *esposas honestas*. Quando a sociedade se agitava, ou os movimentos internacionais denunciavam a

²³ BARBOSA, Madalena, 2008, *Que força é essa*, Sextante Editora, Lisboa

prostituição como uma forma de escravatura das mulheres, os políticos emitiam leis proibicionistas ou abolicionistas.

As prostitutas que o eram por necessidade ou opção não preocupavam quem as estigmatizava. As mulheres que enveredavam pela prostituição por necessidade tinham motivos para o fazer, e estes não eram apenas seus mas sim da conjuntura económica em que cresceram e viveram. As mulheres que optaram pela prostituição não viam a sua opção ser respeitada.

O Estado Novo mantinha um silêncio confrangedor sobre o fenómeno da prostituição. A sociedade assumia um papel semelhante; de condenação ou de ignorância. Esqueciam que as prostitutas eram um produto gerado por si e que a prostituição representava um submundo paralelo no qual o poder não pretendia tocar...

5.3 – As Mulheres: Alguns Pontos de Vista do Estado Novo

*A mulher é acima de tudo mãe, é essa a profissão que a natureza (eu digo providência) a dotou. Tem coração, tem sensibilidade, tem faculdades especiais que precisam de ser devidamente orientadas para essa missão de dirigente, de educadora, que amanhã a vida lhe fará assumir...*²⁴

À mulher do Estado Novo estava destinado o papel de mãe, para o qual a natureza a tinha dotado com capacidades específicas, (coração e sensibilidade). A importância dada pelo Estado à família, sendo a mulher o elo de união, suportava a doutrina governativa a coesão familiar e da Nação.

A Igreja Católica assumia em paralelo com o poder político e científico os valores a inculcar nas mentes femininas: pureza, obediência, abnegação do corpo e dos sentidos. À mulher honesta o prazer confinava-se à educação dos filhos, asseio do lar e a uma conduta moral irrepreensível a fim de não envergonhar o marido e a família.

A mulher era santificada em discursos, convenientes a quem os proferia, (a ideologia salazarista firmava a segurança da Nação na família), porém o sexo feminino não passava de uma subalternização ao masculino. Quando a mulher era vítima de violência física ou sexual, a Igreja respondia com o exemplo das

²⁴ SILVA, Lourdes Graça Camelo Cunha, 2004, *Os Serões de Domingo em Sambade. Outra Escola. Outros Saberes*, edição da autora, Maia

mártires que souberam encarar o seu sacrifício em nome de Deus premiando-as com o estatuto de santas. O Estado nunca oficializou a mulher como cidadã e trabalhadora, concebia-as enquanto mães, esposas subalternizadas ao poder do marido. A inferioridade da mulher é consubstancializada pelo Código Penal e Civil.

A doutrina do Estado Novo desenvolveu uma apologia da vida campestre. Era no campo que as mulheres demonstravam a sua verdadeira beleza física, (porque lhes eram vedadas todo o tipo de vaidades: uso de pó de arroz, água de colónia e outros enfeites) e moral (perfeita nas lides domésticas e no cumprimento dos preceitos religiosos). Esta, a vida rural era sadia em oposição à vida citadina, onde a industrialização se afirmava, a grande inimiga dos camponeses, a que lhes roubaria a alegria de viver e a saúde.

As precárias condições económicas do campesinato justificavam o êxodo rural. Os camponeses procuravam na cidade melhores condições de vida. Contudo, a cidade pouco tinha para lhes oferecer, o desemprego, o trabalho precário, o excesso de mão-de-obra disponível e a baixa dos salários dissiparam as expectativas da comunidade migrante de uma vida melhor. Assim eles foram remetidos para o lado mais sombrio, da urbe onde se alojavam os operários em habitações degradadas, imundas e sem o mínimo de dignidade.

A insuficiência económica, a desqualificação profissional atiravam as mulheres e os menores para o mercado de trabalho a troco de salários miseráveis. O desemprego, a morte de um dos membros da família ou a incapacidade para o trabalho faziam com que as mulheres recorressem a expedientes reprováveis pela sociedade para compensar o orçamento familiar, entre eles a prostituição. O quadro idílico traçado pela ideologia do regime sobre a vida campestre não foi suficientemente forte para travar o avanço da população rural para o exterior ou para o litoral, zonas de concentração industrial. Ali procuravam o que o campo lhes negava, trabalho e melhores condições de vida.

A situação feminina não diferia entre as citadinas e as rurais. As mulheres oriundas de classes desfavorecidas que configuravam um grupo de mão-de-obra sem qualificação sentiam as mesmas dificuldades em ingressar no mundo laboral. A indústria, sobretudo a têxtil, considerada a mais adequada às mulheres, empregava-as a troco de poucos salários. Um grande número das famílias operárias vivia abaixo do limiar da pobreza. Assim, não será difícil de

perceber a necessidade das mulheres recorrerem a actividades ilícitas para compensarem os proventos mensais. O recurso à prostituição declarada ou escondida era a forma mais rápida de equilibrar o orçamento familiar.

Evangelina, uma das nossas entrevistadas, 71 anos, reformada da indústria têxtil afirma a respeito:

Não considero que me tenha prostituído. Tive um senhor muitos anos que me ajudava, tinha pena da fome que os meus filhos passavam.

Os nossos encontros eram semanais, em casa de uma amiga. O marido trabalhava todo o dia e ela ficava em casa para tomar conta dos filhos. Durante o encontro com o referido senhor, os miúdos vinham brincar para a rua. Era tudo com muito respeito. Era bom para as duas, ela recebia um dinheirinho pelo quarto, sem o marido saber, eu vivia mais desafogada.

O meu marido nunca soube. A vida ficou melhor e ele nunca fez perguntas.

Prostituta nunca, sempre me dei ao respeito.

A sociedade no feminino era formada pelas *senhoras* e pelas *mulheres*. As primeiras, elementos de famílias abastadas com acesso à educação, a uma habitação condigna e a um casamento respeitável. As segundas, as mulheres do povo, as regateiras, as operárias, as vendedoras ambulantes. As franjas das mulheres do povo eram vistas pelas elites como um perigo moral. Sendo elas, na sua maioria, oriundas de famílias desestruturadas, facilmente abraçavam o *mundo do vício e da venda do sexo*.

A prostituta não se incluía na filosofia moralista do regime. Apontada como uma *chaga social*, a *mulher perversa* que manchava a moral da população se não podia ser evitada, devia ser vigiada e controlada a fim de não corromper as mulheres honestas e as famílias.

O estado confrontado com um problema que adquiria proporções difíceis de controlar pelo corpo policial destacado para o efeito, prepara as medidas tendentes à proibição o que virá a ocorrer em 1963.

O poder religioso e as senhoras que ocupavam os seus tempos livres em obras de caridade iniciaram uma cruzada de amparo às mulheres de conduta desviante que passam a ser olhadas como vítimas sociais. Conscientes da incapacidade do Estado para resolver o problema da prostituição levantaram a bandeira de que a sociedade civil deveria cooperar com o Estado para colocar fim a um problema que a todos dizia respeito. No entanto, não foram

combatidas as causas que determinavam a entrada das mulheres na prostituição. A igreja incentivava as mulheres ao arrependimento do seu pecado; as senhoras ofereciam esmolas e conselhos incentivando as mulheres a redimirem-se pelo trabalho e pela oração, pois na sua óptica só assim estas mulheres poderiam readquirir uma conduta moral que lhes devolveria uma vida digna.

As mulheres aperceberam-se, cedo, da necessidade de lutarem pela igualdade de direitos relativamente aos homens. Os movimentos feministas tiveram uma dimensão, na Europa central e do norte, bem diferente da sentida em Portugal. O Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas foi reconhecido como secção do Internacional Council of Women em 1914. A implementação do C.N. M. na sociedade lisboeta foi lenta, reclamava-se como uma organização apolítica e arreligiosa e tinha como objectivos principais a alteração da situação legal das mulheres em família e na sociedade; a abolição dos regulamentos da prostituição; a melhoria da saúde pública; a protecção das mulheres e crianças desfavorecidas e vítimas de maus tratos.

O C. N. M. existiu durante 33 anos, e foi marcado por dois períodos áureos. O primeiro correspondeu à década dos anos vinte, com a participação em Congressos Internacionais em 1923 e 1925; a realização em 1924 e 1928, de Congressos Feministas e de Educação; a colaboração nos Congressos Abolicionistas de 1924 e 1929, organizados pela Liga Portuguesa de Arnaldo Brazão²⁵.

Os Congressos abolicionistas, influenciados pelo pensamento de Josefina Butler²⁶ e promovidos pela Liga Portuguesa Abolicionista, (1926 e 1929) não podem ser dissociados do C.N.M., sendo várias as teses apresentadas e

²⁵ Nota: Em 1926, Arnaldo Brazão foi eleito presidente da Liga Abolicionista Portuguesa. No primeiro Congresso, realizado em Portugal, Brazão votou a favor da abolição dos regulamentos, do encerramento das casas de tolerância e da mudança da idade civil dos dezoito para os vinte e um anos. Defendia, ainda o combate à pornografia do livro, do teatro e cinema, bem como a existência de uma moral única para homens e mulheres. Apelava à reforma dos serviços policiais, segundo os princípios abolicionistas, e à educação sexual, moral e cívica

²⁶ Nota: Josefina Butler fundou em 1875, a Federação Abolicionista Internacional. Em 1924, a federação emitiu um apelo, com doze pontos sobre a regulamentação da prática da prostituição, dos quais se destaca: O estado não devia submeter a prostituta a um regime de excepção, a polícia não devia atentar contra a liberdade individual, invocando a defesa da saúde pública, o regulamentarismo apenas condenava a mulher

defendidas pelas suas dirigentes, até porque o combate à prostituição e a sua regulamentação pelo Estado eram considerados uma prioridade das feministas portuguesas.

O Conselho Nacional de Mulheres era constituído por mulheres escolarizadas e de condição económica bem diferente da maioria das mulheres portuguesas, assim se percebe a pouca adesão de mulheres a este movimento. Contudo, esta organização esteve activa durante 33 anos sendo arbitrariamente encerrada no Estado Novo.

O Estado Novo *calou* os movimentos associativos transferindo para as organizações criadas e tuteladas pelo Estado a função de educar para a cidadania. Estes movimentos (Mocidade Portuguesa, Legião Portuguesa, A Obra das Mães, Movimento Nacional Feminino, entre outros) seriam um reflexo da filosofia do sistema, Deus, Pátria e Família.

Elina Guimarães²⁷ foi das poucas, senão a única que manteve uma luta solitária em defesa das mulheres, no período do Estado Novo, o que nos leva a concluir que não existiu um movimento feminista em Portugal até Abril de 1974. Os ecos do feminismo português não reflectiram uma preocupação com a mulher prostituta. As feministas manifestavam-se sobre a prostituição enquanto actividade regulamentada pelo Estado, não se conhecem intervenções de fundo sobre as causas e as condições que levavam as mulheres a prostituírem-se, ao contrário do que aconteceu em outros países.

Tanto no passado, como no presente, enquanto houver desigualdades sociais geradoras de pobreza, a prostituição não será erradicada. Por outro lado há que encarar também a prostituição como uma possível opção individual que independentemente das causas que a determinem, será um direito de cada cidadão, desde que exercida de uma forma livre e autónoma.

²⁷ Nota: Elina Guimarães nasceu em Lisboa em 1904. Foi jurista, escritora e feminista. Enquanto feminista esteve ligada a muitos movimentos e instituições de defesa dos direitos das mulheres, desde o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas até à Internacional Council of Woman. Elina foi das poucas feministas, durante o período do Estado Novo. A persistência da conduta feminista, desta mulher, foi reconhecida em 1985, aquando da sua condecoração com a ordem da liberdade. Morreu em 1991

VI – Remar Contra a Maré?

A Obra de Recuperação de Mulheres

A prostituição e tudo o que o que lhe estava adjacente, as chamadas escolas de vício (bailes sem recato, os espectáculos de teatro e de cinema, as publicações pornográficas, entre outras) incitavam ao desregramento sexual, à proliferação do comércio do sexo. O Estado tinha para com as prostitutas uma acção repressiva, quando estas não cumpriam o estipulado nos regulamentos, eram equiparadas a criminosas e punidas com penas de prisão.

Instituições sociais de índole não governamental criaram ferramentas de combate ao fenómeno da prostituição. Remavam contra a maré. As prostitutas necessitavam mais do que o encarceramento, impunha-se a criação de condições/ajuda humanitária para que as mulheres caídas em desgraça pudessem recuperar os seus valores morais a fim de se desvincularem da vida perversa que levavam.

Como exemplo de instituições surgidas ao longo do Estado Novo com preocupações regeneradoras das mulheres prostitutas seleccionamos a Liga Portuguesa de Profilaxia Social e a Casa de Santo António. A Liga Portuguesa de Profilaxia Social²⁸, instituição não governamental de cariz social, operava em Portugal desde do ano de 1924, e, tinha como objectivo desenvolver junto da população mais carenciada acções profiláticas no âmbito da saúde física e moral. As campanhas da Liga eram divulgadas por artigos publicados em jornais e ainda por cartazes, opúsculos e conferências. As acções da Liga foram várias, contudo, a prostituição por ser uma actividade isenta de valores morais merecia uma intervenção incisiva que se traduzia num combate cerrado à prostituição e a tudo quanto pudesse contribuir para a desmoralização dos costumes.

Dores, uma das nossas entrevistadas, 68 anos, dona de casas de passe refere: *Entrei na vida depois da morte do meu marido. O que ganhava como mulher-a-dias não chegava para pagar as despesas. Ajudas naquele tempo não havia. Era melhor receber homens do que roubar. Fui presa. Ninguém me ajudou e*

²⁸ Instituição não governamental de cariz social, sediada na cidade do Porto, na rua de Santa Catarina, número 108

nunca ouvi falar de senhoras, ou casas para ajudar as mulheres da vida. Fui eu que resolvi o problema da minha prisão, como tinha dinheiro contratei um bom advogado, o Dr. Juiz soltou-me logo no dia seguinte.

Julietta, outra das nossas entrevistadas, 78 anos, prostituta afirma:

Aos 11 anos a minha mãe, criada de servir, deu-me a um homem com filhas mais velhas do que eu. Esse homem fechou-me numa casa e alterne da rua do Almada. Ninguém se preocupou comigo. Como não gostava de estar presa, nem do que ele me obrigava a fazer, fugi. Vivía na rua, como sempre vivi, quando a minha mãe não pagava às amas. A polícia apanhou-me e fui para a Tutoria.

A nossa opção, em seleccionar os excertos das entrevistas da Dorcas e da Julietta, visa demonstrar que as instituições que operavam no Estado Novo de cariz social e movidas pela necessidade de fazer um combate cerrado à prostituição, não eram conhecidas de toda a comunidade feminina que vivia da prostituição. A Dorcas foi presa, saiu da cadeia porque tinha dinheiro (ficou rica, como afirmou, com os ganhos da prostituição) para pagar a um advogado. A Julietta era uma menor. Foi presa e levada para a Tutoria. Nunca recebeu ajuda de nenhuma instituição. Aliás, as mulheres que relataram os seus percursos de vida, enquanto prostitutas, em momento algum referiram conhecer as instituições mencionadas neste capítulo, no entanto estes organismos operavam na cidade do Porto.

Fica-nos a dúvida se as nossas entrevistadas não conheciam A Liga de Profilaxia Social e a Casa de Santo António porque exerciam a prostituição de forma clandestina, ou se estas instituições trabalhavam apenas, com o número de prostitutas que podiam *socorrer*. De qualquer forma o objectivo enunciado pelas instituições referidas era o de *combater os males do vício das mulheres prostitutas*. Uma certeza perdurou. Não prestaram auxílio a toda a comunidade de prostitutas, da cidade do Porto, bem como a sua existência não terá sido divulgada com a pertinência que afirmavam nos seus opúsculos.

Em 1962 a Liga Portuguesa de Profilaxia Social convidou Maria José Sousa Pinto, presidente da Casa de Santo António²⁹ a prestar o seu testemunho de

²⁹ Situada na Estrada Exterior da Circunvalação, 12409, Porto

como era possível atenuar a situação das mulheres prostitutas que após terem saído da cadeia pretendiam iniciar uma vida decente.

Maria José Sousa Pinto era uma mulher com grande experiência nesta matéria uma vez que, cumprindo os ideários da doutrina vicentina³⁰, visitou durante anos mulheres que pelo exercício da prostituição haviam sido presas. Ao proferir a sua intervenção, que aconteceu na sede da Liga, afirmou que muitas das mulheres, quando libertadas, se perdiam novamente no caminho do vício, levadas pelas companheiras e porque não tinham outra alternativa de sobrevivência, na medida em que as casas religiosas se recusavam a receber *mulheres vindas de lupanares*.

O grupo de Vicentinas, do qual a oradora fazia parte, perante a impotência de socorrer as mulheres que pediam ajuda, e resolvidas a solucionar o problema pós prisional das meretrizes, assistiram no Porto a uma conferência do Padre Riquet, que lhes sugeriu a ideia de uma obra de recuperação de mulheres. Foram a Paris conhecer o Padre Talvas, o fundador do Nid, abrigo não governamental, que recolhia e ajudava mulheres que pretendiam abandonar a prostituição.

O posicionamento do Padre Talvas face às mulheres prostitutas, publicado na revista *Fêtes et Saisons*, incentivou as vicentinas lusitanas a importarem a ideia e o projecto para Portugal. O programa do Padre Talvas necessitava de se ajustar ao meio, costumes, cultura, temperamento e educação das prostitutas portuguesas.

A Casa de Santo António, cedida pela Misericórdia em 1959, deu corpo ao projecto que as vicentinas importaram de Paris, a fim de recuperarem as mulheres caídas em desgraça.

No trabalho que realizou para a Liga Portuguesa de Profilaxia Social, Maria José de Sousa Pinto, enumera as causas para a entrada das mulheres no

³⁰ A Companhia das Filhas da Caridade, fundada em França no século XVII por S. Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac, ficou conhecida na Igreja pelo nome de Companhia das Filhas da Caridade de S. Vicente de Paulo. As vicentinas descobriram a beleza na total entrega ao Senhor na pessoa dos mais pobres e abandonados. A comunidade vicentina colocava como prioridade a caridade concreta e prática, vivida na simplicidade e humildade. Os membros vicentinos estabeleciam como prioridade empreender projectos conjuntos de serviço aos pobres, de acordo com as necessidades do tempo em que se encontravam. A concretização dos seus objectivos devia obedecer a alguns princípios, como: consciência eclesial de serviço aos pobres, espírito de fraternidade e de ajuda mútua entre os vários membros da comunidade

mundo da prostituição, baseando-se na obra de Arnaldo Brazão sobre o tema.

Destaca:

Baixos salários, baixo nível das classes trabalhadoras, analfabetismo, falta de educação profissional, moral e religiosa da mulher, crises periódicas de trabalho, pornografia (leituras, estampas, filmes), viciado meio familiar, amor ao luxo, abandono ao sedutor, desamparo familiar, fugas do campo para a cidade, má compreensão da elevação social da honestidade, desejos mórbidos, temperamentos, etc.

Apresenta ainda causas locais:

Grande população, grandes indústrias, mau ambiente local, população flutuante, praias e termas, guarnição militar.

Para além das causas apontadas, a oradora referiu o problema da escravatura branca, (tráfico de mulheres para o mundo). Citando Adolfo Coelho que na sua obra – *Ópio, cocaína e escravatura branca*, descreve o tráfico de mulheres como uma empresa industrializada, um negócio financiado e dirigido por poderosos capitalistas, constituindo quadrilhas internacionais.

Entre as centenas de mulheres recrutadas na Europa deviam distinguir-se duas categorias: As que já praticavam a prostituição e sabiam o que as esperava, e as outras, as mais numerosas, mulheres honestas que partiam enganadas à procura da fama em companhias e teatro. As jovens dos grandes meios, que viviam com salários miseráveis sonhavam com a oportunidade da fama e de um salário de estrelas.

No destino, eram abandonadas pelos falsos empresários, sob o pretexto de que a empresa havia falido. Perdas num país desconhecido. Eram presas fáceis para quem as havia ludibriado, sendo os próprios a arrastarem-nas para a prostituição.

D. Maria José indicou, ainda, como causa para a prostituição feminina, a baixa moral das mulheres. Sendo Portugal um país tradicionalmente católico, compreende-se a afirmação. A igreja inculcava nas mentes femininas a importância da virgindade, da pureza, da castidade. Qualidades que todas as mulheres honestas deviam manter até ao casamento. A virgindade só deveria ser entregue ao marido. A castidade/pudor seria um elemento intrínseco à conduta da mulher honesta, a fim de esta não envergonhar o marido, a família e os filhos.

A oradora apresentou como solução, que poderia pôr fim à prostituição, o abolicionismo. Justifica a sua opção afirmando:

*Regulamentar é reconhecer a legalidade do que nunca devia ter sido permitido*³¹.

Conclui que ao Estado cabe legislar e providenciar o cumprimento da lei. Contudo, o poder político não poderia encetar tão nobre tarefa, sem o apoio da sociedade civil. Assim, justificava e enaltecia a obra que presidia: *A Obra de Recuperação de Mulheres a funcionar no Porto na Casa de Santo António*³² *desde 1959, onde as mulheres prostitutas recebiam o amparo e, onde eram educadas para a obtenção da moral e bons costumes.*

O ano de 1962, marcou a proibição do exercício da prostituição, lançando para a clandestinidade, um sem número de mulheres que não sabiam fazer mais nada. Prostitutas clandestinas encheram as ruas, pensões e bordeis que reapareceram com nova roupagem.

As razões apresentadas, pela vicentina Maria José Lima Sousa Pinto, em 1962, para a entrada das mulheres na prostituição, levou-nos a uma observação política, social e económica do país, no período do Estado Novo para melhor compreender as afirmações proferidas no colóquio que fez a pedido da Liga Portuguesa de Profilaxia Social.

6.1 – Portugal Político, Económico, Social e Cultural (1960/70)

Abordar a política portuguesa dos anos sessenta/setenta torna-se imperioso referir a figura de António Oliveira Salazar, estadista e obreiro do Estado Novo.

³¹ PINTO, Maria José Vahia Lima Sousa, 1962, *O Problema da Prostituição*, Imprensa Social, secção da Cop. Do Povo Portuense, Porto

³² A Obra de Recuperação de Mulheres era constituída por três sectores: A Casa de Santo António, O Infantário e o Lar de Trabalho. A Casa funcionava como local de recolha e recuperação de prostitutas, e tinha capacidade para vinte mulheres. Na Casa, as mulheres aprendiam ofícios que lhes iriam permitir uma existência digna. O Infantário acolhia os filhos das prostitutas. As dirigentes consideravam que as crianças não deviam estar perto das mães, pois a recuperação das internadas obrigava-as ao isolamento. Contudo, e sempre que a Direcção desse autorização as mães podiam visitar os filhos. O Lar de Trabalho destinava-se a mulheres recuperadas, estas podiam trabalhar para a comunidade, ou fora. As mulheres que trabalhavam no exterior podiam pernoitar na Casa, até obterem autonomia para uma vida digna.

Os axiomas traçados pelo estadista para o governo da Nação merecem a nossa atenção, pela interferência na cultura, e essencialmente na mentalidade da população portuguesa.

Salazar, no início do seu longo mandato e num laivo de racionalidade, tentou adaptar o país à sua natural modéstia. Contudo, a fabricação sistemática de uma lusitanidade exemplar, associada ao seu carisma reaccionário aos poucos foi substituindo a imagem, mais ou menos adaptada do país real dos começos do estado novo por uma ficção ideológica, sociológica e cultural irrealista. Esta imagem da Nação sem controlo nem contradição possível traduziu-se num oásis de paz, exemplo das nações. Configurava o modelo e a solução ideal que conciliava o capital e o trabalho, a ordem e a autoridade com um desenvolvimento harmonioso da sociedade. O modelo de Nação salazarista preconizado por um optimismo de encomenda, sem escândalos, nem suicídios, nem verdadeiros problemas. O regime criou o modelo com tal perfeição e habilidade que a maioria da população o aceitou e absorveu.

Braga da Cruz comenta o dualismo antiliberal e não totalitário de Salazar, afirmando:

*O estado português, não sendo teoricamente totalitário, não esconde desígnios políticos totalizantes visando a “conquista das almas” por uma veiculação oficial de uma concepção de vida e de uma moral dominantes, através de uma forte orientação ideológica da família, do ensino, do trabalho e da cultura*³³.

Salazar percebeu a impossibilidade de, em países de capitalismo subalterno, como Portugal, as grandes empresas não poderem concretizar sozinhas o projecto industrial. A resposta ideológica e técnica de Salazar surgiu como um elemento protector a um liberalismo incapaz de fazer funcionar o sistema industrial incipiente, o corporativismo.

A filosofia política e ideológica do governo, tendencialmente ruralista, objectivava a prisão do homem à terra, ao seu meio de origem, onde deveria dar continuidade aos valores recebidos pelos seus antepassados e perpetuar a transmissão dos mesmos para as gerações futuras.

³³ CRUZ, Braga da, 1980, *As Origens da Democracia Cristã e o Salazarismo*, Lisboa, in *Dicionário do Estado Novo*, dir. Fernando Rosas e J. M. Brandão de Brito, Lisboa, Circulo de Leitores, 1996

Na perspectiva de manter a ruralidade no seu estado mais puro proliferavam os artigos, que engrandeciam a vida saudável do campo e elogiavam as qualidades do homem rural. A sistematização desta ideia de pureza rural tentou afirmar-se pela repetição.

As Casas do Povo foram criadas em 1933, com o objectivo de providenciar aos sócios assistência na doença, desemprego e velhice. Surgem ainda, os dispensários, as creches, os patronatos e os asilos. Os objectivos da Casa do Povo são ratificados por decretos-lei subsequentes. Em paralelo à acção das Casas do Povo foi lançado um jornal mensal, o Mensário. A data da primeira publicação, do referido jornal ocorreu em 1946, e destinava-se a ser lido em voz alta, por quem detinha o saber, (o professor, o padre ou outras pessoas com saber), na Casa do Povo. Assim, os artigos publicados no jornal, e que deviam chegar às gentes do campo continham uma mensagem cirúrgica das pretensões do poder central: a fixação da população à terra e a defesa dos interesses dos grandes ruralistas, que detinham um forte ascendente no governo.

A literatura neo-realista, que começava a ganhar alguma força mostrava a miséria e o servilismo dos camponeses. O regime contrapunha com a força da cultura popular. Contudo o agravamento das condições económicas da população rural: assalariados agrícolas, ou sem rendimentos, a política de baixos salários e preços, assente na desvalorização dos produtos agrícolas, marginalizou a agricultura e acelerou o fenómeno migratório para os núcleos industriais, ou em vias de industrialização do litoral. A emigração para a Europa que procurava mão-de-obra barata, não qualificada foi uma das saídas encontradas para a miséria rural.

A paisagem demográfica altera-se. Acentua-se a desertificação do espaço rural, gerando um empobrecimento da população, acentuando-se o atraso no desenvolvimento de infra-estruturas e técnicas de produção.

No plano económico o pendor ruralista, cunha o desenvolvimento industrial, com avanços e recuos. Entre 1950/70 a indústria tornou-se de forma inevitável, um sector determinante em Portugal.

Nos anos sessenta, a política económica oficial integrava definitivamente as bases do pensamento industrialista, para o que contribui a entrada na economia, de um grupo de jovens com formação técnica cujo pensamento/

planeamento se afasta radicalmente do empirismo generalista, dos seus antecessores. A agricultura transforma-se num sector subsidiário do mundo industrial e urbano.

O conceito de planificação foi sendo visível na elaboração dos planos de fomento, sendo o terceiro o que planificou a economia para o período compreendido, entre 1968/73, programou uma correcção progressiva dos desequilíbrios regionais de desenvolvimento. Os sectores sociais ganhavam particular destaque. Este plano mantém o carácter centralizador prosseguindo em paralelo, a necessidade de uma orgânica de desenvolvimento regional. O governo admitia a necessidade de intervir nas desigualdades sociais.

O planeamento económico, a tentativa de minorar as condições de vida da população, intentadas na última década do regime, revelaram-se tardias, ao facto terá de ser integrado, o despoletar da guerra colonial.

Na cidade, o crescimento industrial não conseguiu responder à explosão de mão-de-obra urbana, acrescida da libertada pelo meio rural. Intensificou-se o desemprego, o subemprego, os baixos salários. A terciarização dos centros urbanos tradicionais expulsou a população residente para os concelhos periféricos. A população migrante que ocorreu à cidade em busca de emprego, incapaz de suportar os preços inflacionados das habitações na cidade, recorreu às zonas periféricas, marcadas pela ausência de infra estruturas habitacionais e de transporte. Os subúrbios foram lotados por uma população de parques recursos económicos, onde proliferavam os bairros de barracas, a construção clandestina. A degradação das condições de vida: desemprego, ou trabalho precário geravam um ambiente de pauperismo em que a prostituição e a criminalidade surgiam como resposta à fome ou ao pagamento das necessidades básicas de sobrevivência.

A sociedade agitava-se em convulsões derivadas ao desemprego, fome e miséria. O sentimento patriótico era desmascarado, na teoria e na prática, pela luta de classes. A ideologia da fracção dominante da classe operária, acrescida do descontentamento crescente da pequena e média burguesia intelectual, a difusão do marxismo faziam crescer a onda de descontentamento.

Os ideólogos mais activos do regime de Salazar souberam utilizar com habilidade o recurso ao discurso patriótico-clerical despertando os valores clássicos de um país cristão, harmonioso, ocidental e antimarxista.

Maria uma das nossas entrevistadas de 63 anos, natural de uma aldeia dos arredores do Porto referiu a propósito da situação financeira da sua família:

Éramos muito pobres. Os meus pais trabalhavam na agricultura, ganhavam muito mal. A ceia era uma tigela de sopa e um naco de broa seca, quando havia. A minha mãe só cozia pão uma vez por semana. Muitas vezes fomos para a cama com fome. Todos os filhos trabalhavam, no campo. As raparigas, quando tinham doze ou treze anos eram mandadas para a cidade para servir. O ordenado era enviado aos pais. Naquele tempo, a vida era uma miséria.

António, outros dos nossos entrevistados de 75 anos, emigrante reformado em França, justificou a razão que o levou a emigrar, afirmando:

Cansado da vida da aldeia, juntei a minha trouxa e o dinheiro para o bilhete de comboio e vim para o Porto. Queria um trabalho para fugir à miséria. Quando cheguei a S. Bento, fiquei feliz, estava na cidade grande, ia arranjar emprego, ganharia dinheiro para construir a minha família, (a moça tinha ficado na terra à minha espera), e ainda podia ajudar os meus pais. Procurei emprego, qualquer coisa me servia, mas não havia, como eu estavam muitos homens e mulheres. Sem dinheiro e trabalho, com vergonha de voltar para a terra, dormia onde calhava, sempre com medo da polícia. Para comer pedia esmola. Falaram-me em ir para França a “salto”, lá precisavam de gente. Tinha de arranjar dinheiro para o passador. Consegui um emprego nas docas, juntei o dinheiro e fugi. Correu bem, naquele tempo era perigoso emigrar. Na França passei o meu bocado, mas consegui. A família só soube de mim quando eu já estava melhor de vida. Um Verão vim à terra e casei. Levei a mulher comigo, fizemos vida. Voltar só para férias. Em França tenho uma boa reforma, os filhos e os netos!.

O modelo industrial português não possibilitou a erradicação da pobreza, ele continha em si novos factores geradores de miséria. A partir dos anos 50, o empobrecimento das populações constituiu uma preocupação mundial. Os discursos do governo português protelaram a referência à pobreza, sublimando a realidade, a fim de evitar medidas, que não possuíam, ou não queriam adoptar para erradicar o fenómeno.

Na verdade Portugal era um país com uma população pobre como demonstram os estudos de *Bento Murteira*, sobre a pobreza em Portugal, publicados na revista *Economia e Finanças*, baseados em dados quantitativos

retirados do Inquérito às Despesas Familiares realizados pelo I.N.E.³⁴ entre Abril de 1973 e Março de 1974. Confirmam a existência de uma percentagem elevada de pobres na década de 60/70. Outros estudos contribuíram para a confirmação da situação social do país, nos últimos anos do Estado Novo, a saber:

Em 1979, *Manuela Silva*³⁵ analisou criteriosamente a situação social portuguesa na fase final do estado novo. Esta investigadora utilizou os dados do estudo efectuado pela O.I.T.³⁶ que calculava como rendimento mínimo indispensável à satisfação das necessidades básicas de uma família de dimensões médias o valor de 42,3 contos/ano. Confere-se que cerca de 39,4% das famílias portuguesas não auferiam esse rendimento anual. O rendimento monetário não sendo um critério absoluto de classificação, permite contudo, obter um indicador fiável do número de pobres em Portugal à época em estudo. A investigação de *Bruto da Costa*³⁷, sobre a pobreza nos anos 70 apontava os valores dos estudos referidos anteriormente, acrescentando uma mais-valia, ao distinguir pobreza rural e urbana. Concluindo que o meio rural apresentava um índice de pobreza superior ao citadino. *Manuela Silva*, completou este estudo, identificando os pobres do meio rural referenciando-os como: assalariados agrícolas, pequenos agricultores, indivíduos não activos sem rendimento próprio. No espaço urbano, a pobreza estava directamente ligada aos desempregados, inactivos, de profissões e ramos de actividade de baixos salários e com famílias a seu cargo.

Maria José Sousa Pinto, para além do factor económico, indicava a impreparação das jovens rurais ou urbanas, como causa para a entrada na prostituição. A falta da preparação das jovens provenientes de famílias pobres e maioritariamente disfuncionais, obrigava-as à entrada precoce no mundo laboral. Estas raparigas, sem escolarização e qualificação profissional, engrossavam as fileiras da mão-de-obra desqualificada, a menos remunerada.

³⁴ Instituto Nacional de Estatística

³⁵ SILVA, Manuela, 1974, *Uma estimativa da Pobreza em Portugal, em Abril de 1974*, Cadernos de Ciências Sociais, separata nº1, Edições Afrontamento.

³⁶ Organização Internacional do Trabalho

³⁷ COSTA, Bruto da, SILVA, Manuela e outros, 1985, *A Pobreza em Portugal*, Cáritas, Lisboa.

Os magros salários, o emprego precário, ou o desemprego tornava-as presas fáceis daqueles que viviam do recrutamento de jovens para a prostituição.

A observação de *Maria José Sousa Pinto* impele-nos a um olhar sobre o panorama educacional do Estado Novo.

O atraso económico do país, agravado pelos factores externos, bem como a pouca importância dada à educação por uma população de mentalidade ruralista, atirou a Nação para o lado negro da evolução escolar. O Estado Novo conseguiu diminuir a taxa de analfabetismo mas, controlando os efeitos sociais da escolarização. Lançando mão de um discurso moralista em que realçava as virtudes humanas da simplicidade, humildade, e, critica as ambições pessoais e o desejo de mudança. O ensino primário era o indicador do lugar que cada um ocupava na sociedade.

Os programas únicos, bem como o manual escolar e ainda as estratégias pedagógicas, promoviam a adesão à norma e aos valores que se pretendiam coerentes com o sistema. As práticas de controlo a alunos e familiares não foram descuradas. A Mocidade Portuguesa e o programa de Saúde Escolar exerciam o seu papel fiscalizador.

Em 1950 a taxa de analfabetismo era de 40,4%, 1960 de 32,1% e 1970 de 26,6%. Como se pode concluir pelos números apresentados, em vinte anos a percentagem de analfabetos desce para cerca de metade do valor de referência.

Na década de sessenta consolida-se o discurso do *capital humano* e o planeamento educativo permitindo um outro olhar sobre o ensino primário. Os projectos de aumento da escolaridade obrigatória, bem como a tentativa de adiar a idade em que os alunos são obrigados a decidir pelo liceu ou escola técnica, são sinais de uma tímida democratização do ensino.

O tema seria retomado pelo ministro *Veiga Simão* na sua batalha pela educação, da qual resultou um diagnóstico lúcido da situação, e o esboço de algumas medidas a tomar pelo poder político, mas que não obtiveram condições para passar do discurso à prática.

A propósito, em 1973, *Veiga Simão* referiu:

O princípio básico da política educativa nacional, no quadro da efectiva igualdade de oportunidades para todos os portugueses. E desejamos ardentemente que cada vez mais, essa igualdade permita o acesso aos bens

*da cultura e, em particular, aos diferentes níveis do sistema educativo exclusivamente em função da capacidade de cada indivíduo sem dependências das suas condições de origem, sociais ou económicas*³⁸.

Relativamente ao ensino superior mantém-se a lógica elitista. Em 1966 as estatísticas publicadas pela UNESCO continuam a colocar Portugal como um dos países europeus com menor taxa de frequência a nível do ensino superior. A democratização do ensino defendida por *Veiga Simão*, não vingaria no Portugal real. Uma parte da população portuguesa continuaria a lutar pela sobrevivência. A escola era abandonada o mais cedo possível para que os jovens pudessem entrar no mundo do trabalho e contribuir para o orçamento familiar.

Joaquim, um dos nossos entrevistados, de 73 anos, comentou com mágoa o motivo do seu abandono escolar:

Lembro-me muito bem, quando acabei a 4ª classe o Professor Pimenta chamou o meu pai, disse-lhe que era uma pena eu não continuar a estudar, tinha uma boa cabeça. O meu pai ficou triste, mas não podia ser, não havia dinheiro para os estudos, precisava que eu fosse trabalhar. Já me tinha arranjado emprego, ia para moços de recados de um armazém, se tivesse juízo tinha o meu futuro garantido, atrás de um balcão. Assim aconteceu.

O ciclo das oportunidades estava traçado: trabalho infantil, impreparação escolar, sobre exploração no estado adulto e fuga para a marginalidade; esta, como uma economia paralela, permitiria a estes cidadãos oportunidades de ganhos mais rápidos e fáceis.

Não nos foi possível recolher mais informação sobre *Maria José Sousa Pinto*. Um facto pode ser afirmado; não era uma mulher do povo, não vivia em barracas. Era portadora de uma educação superior, deslocou-se a Paris e teve a influência necessária para criar a Obra de Recuperação de Mulheres: A Casa de Santo António no Porto, instalações cedidas pela Misericórdia. Contudo, as fontes por nós contactadas e contemporâneas desta casa de ajuda a prostitutas, quando interpeladas sobre a possibilidade de recorrerem a esta obra afirmaram desconhecer a sua existência.

³⁸ SIMÃO, Veiga, in *Dicionário de História do Estado Novo*, dir. Fernando Rosas e J.M. Brandão de Brito, Circulo de Leitores, Lisboa, 1996

Desconhecemos se assistiu ao fim do regime, ou se percebeu o seu estado agonizante, pelo ano em que proferiu a sua palestra tudo indica que sim.

A Liga Portuguesa de Profilaxia Social, fundada em 1924, como já se referiu, recordada por algumas campanhas significativas na área da Medicina Preventiva e/ou social, das quais se destaca: Abolição do Pé Descalço (entre 1928 a 1953); contra a sífilis e tuberculose (1929); o fumo das fábricas (1936); a proibição do casamento das telefonistas e enfermeiras (1938).

VII – Personagens e Percursos de Vida

As entrevistas conseguidas resultam dos testemunhos de quem viveu e vive da prostituição, consistem a fonte privilegiada do nosso trabalho, com os riscos de fiabilidade que podem conter. Procedemos ao cruzamento de informação, testemunhos directos, indirectos e bibliografia consultada, objectivando a obtenção do rigor inerente a um trabalho académico.

Concordantes com a afirmação de *Paul Ricoeur: neste contexto, é necessário dar relevo à memória histórica, sendo este um campo de conhecimento que acolhe a narrativa oral e escrita, segundo critérios de ordenação temporal, mas sem reduzir a história a uma narrativa cronológica de acontecimentos*³⁹.

O testemunho oral, pelas suas características, insere-se na descontinuidade temporal, porque emerge do fluxo tempo/experiência. Os factos são aqueles que o narrador considera mais importantes, sendo a ordem um factor arbitrário. Na construção da narrativa, as descontinuidades organizam-se, pois as referências significativas apontam situações individuais mas também colectivas sendo assim possível tornar inteligível a integração dos relatos nas trajectórias humanas.

Posteriormente, procedemos a um questionário, para provir à ordenação da informação; aos entrevistados que nos possibilitaram outros encontros, diligenciamos esclarecimentos que considerávamos pertinentes, para melhor retratar o período em estudo, que se caracteriza por um *estranho silêncio*.

Todos os nossos entrevistados são identificados por nomes fictícios, normas que pautam um trabalho académico centrado em percursos de vida.

Tudo foi por nós observado, desde a localização do lugar onde trabalham, ao vestuário, mas sobretudo as expressões, quando abordavam momentos mais difíceis do seu percurso de vida.

Todos nos surpreenderam ao nível das atitudes. As obras analisadas, não coincidem com o *nosso tempo*, sendo anteriores ou posteriores, induziram-nos, a perfis bem diferentes dos encontrados.

³⁹ RICOEUR, Paul, in Resumos das Comunicações do Congresso-1st International Oral History, Congress, October 2006, Porto, Portugal

Relemos o polémico livro de *Isabel do Carmo*⁴⁰, *Putas de Prisão*, pelo facto desta obra ser a única sobre o tema, relativamente ao período em que nos propusemos trabalhar.

Os testemunhos recolhidos pela autora revelam-se despidos de falsos moralismos. Retratam a actividade da prostituição como uma opção. Todavia, a análise da autora é, em nossa opinião, distorcida por um posicionamento político exacerbado ao qual não é alheio a militância política de Isabel do Carmo que pretende justificar todos os problemas sociais, como *chagas* herdadas da ditadura, e não tratadas, no período pós revolução de Abril, não seguindo, este, os parâmetros por si desejados.

⁴⁰ CARMO, Isabel e FRÁGUAS, Fernanda, 2002, *Putas de Prisão*, Publicações Dom Quixote, Lisboa

Maria das Dores nasceu em 1940, é natural do Porto, onde trabalhou como mulher-a-dias, (não referiu a idade em que começou a trabalhar). Casou aos 28 anos com um trolha, de quem teve dois filhos. O marido morreu cedo vítima de doença oncológica, esteve casada pouco tempo.

Não sentimos sinceridade, por parte da nossa entrevistada, em tudo o que se relacionava com a sua infância e juventude, claramente não queria tocar esta parte da sua vida, referiu apenas que era analfabeta, nunca frequentou a escola e desconhecia a profissão dos pais.

A sua relação com a Igreja é explicada com encolher de ombros: *tanto faz*.

O seu discurso começou a ser fluente e sem lapsos de memória a partir do momento que mencionou o seu casamento, a profissão que exercia, mulher-a-dias.

Referiu as casas onde trabalhou. Ficámos na dúvida se só citou as das pessoas conhecidas na cidade, por lhe conferirem uma importância que gosta de demonstrar.

Pelo marido não demonstrou afecto. O facto de enviuvar nova não perturbava esta mulher. Cientes de existir neste relato incoerências, tentamos contornar a questão através da idade dos filhos. *Maria das Dores* esquivou-se.

Admitimos que esta mulher, à semelhança das *mulheres do povo*, para quem o casamento não era uma obrigação, bem como os contactos sexuais, terá tido os dois filhos fora do casamento e, a prostituição já era uma actividade por si exercida, provavelmente encoberta com o trabalho doméstico.

O uso do vocábulo *provavelmente* traduz a nossa leitura dos factos relatados em cada entrevista. Um trabalho académico obedece a um cruzamento de informações, a fim de lhe conferir validade, quando a fonte é criada entre dois seres humanos, a memória é o elemento fulcral desta construção, assim como os signos que se pretende, que ascendam ao patamar das recordações.

A casa de passe onde nos recebeu, um prédio na zona histórica da cidade, foi comprado em ruínas, pouco tempo antes de o marido falecer. Sendo um casal com ocupações profissionais de baixos salários, como poderiam ter feito esta aquisição?

Justificou a entrada na prostituição com a morte do marido e a necessidade de sustentar os filhos, pagar à ama, a renda de casa, o que não acontecia a quem possuía habitação própria.

O prédio em ruínas rapidamente se transformou em local para o exercício da prostituição clandestina.

A data de nascimento da Dores e os dados que possuímos, permitem-nos concluir que ela terá iniciado a vida de prostituta por volta dos anos sessenta, o que nos remete para o período próximo à proibição desta actividade.

A sua atitude moralizadora de *dar as suas voltinhas* durante o dia, enquanto os filhos estavam na ama, e, por necessidade, não nos convenceu, o episódio relatado da abertura de uma janela nas traseiras, para a necessidade de uma fuga, demonstra que a Dores conhecia bem o meio em que se movimentava, bem como as suas implicações.

A sua história está envolta em contradições, só recebia os homens, em sua casa e durante o dia, mas, como afirmou era bem conhecida do chefe de polícia, foi para a esquadra mais de uma vez, apanhada com outras mulheres e *travestis*, nas rusgas nocturnas.

O relato da sua prisão configura um esquema de suborno, muito comum à época, e que a Maria das Dores dominava. Ela afirmou que nunca aceitou subornos, *apenas oferecia presentes, entre eles, envelopes com dinheiro*.

No que concerne à sua prisão, não nos parece que a Dores tenha sido absolvida de forma tão simplista. Da bibliografia consultada, verificámos que uma detenção obrigava a que fosse lavrado um auto de ocorrência. Mesmo com um bom advogado, como afirma *porque tinha dinheiro para pagar* sai ilibada, sem uma multa para pagar, ou uma advertência...

Este relato das Dores forma o quadro, de uma infra-estrutura económica própria deste submundo, gerador de lucros, cujos tentáculos abrangiam os mais variados ramos profissionais. É do conhecimento geral a existência de advogados predispostos a defenderem as prostitutas, não por caridade, mas porque *elas* representavam um *mercado* lucrativo.

O regime político que governava Portugal, não permitia, face ao seu cariz moralizador, situações escandalosas; este encobrimento diferia de acordo com os promotores do acto: se eram de estratos sociais irrelevantes, pagavam a sua atitude com pena de prisão e outras sanções adicionais; se ocupavam cargos respeitáveis na sociedade ou pertenciam a famílias de *linhagem*, as autoridades policiais tomavam a seu cargo a resolução do processo, evitando a sua divulgação.

A Maria das Dores referiu que o exercício da prostituição, era a única forma de pagar as suas despesas que, segundo a nossa entrevistada rondavam, os 900 escudos mensais, apenas para a casa e ama dos filhos, aos quais teria de somar água, luz, e géneros alimentícios.

Procedemos a uma amostra dos salários pagos em diferentes profissões, neste período, revelando-se impraticável a relação que a Dores estabeleceu entre despesas e salários, binómio que se agravou com a viuvez.

Nunca foi vítima de nenhuma doença venérea, sabia cuidar-se, reconhece que viu muitas mulheres, morrerem com sífilis e tuberculose, não referiu se prestou ajuda a estas doentes, remeteu a culpa para as próprias e para os *chulos*. Evidenciou a mesma postura, relativamente aos métodos contraceptivos e abortos clandestinos.

Demonstrou uma grande vaidade sobre a forma como soube orientar a sua vida, *não precisa de nada, nem de ninguém*. Hoje é dona de quatro casas de passe, o seu êxito deve-se ao facto de nunca *ter andado a ganhar para chulos*.

A Maria das Dores, mais por vaidade do que por vontade referiu a filha como, *a sua seguidora*. Se do seu casamento só nasceram dois rapazes, então esta filha, o seu orgulho, terá sido fruto de uma relação com um *chulo*, ou com um *protector*, sendo a última hipótese, a que nos parece mais credível.

Apesar de a Dores ter referido que *existe actualmente uma crise nas casas de passe, pois, as suas mulheres, não há muito tempo, ganhavam trinta contos dia, hoje quando fazem um homem é muito...* Não foi o que constatámos, nas três horas que estivemos numa das casas. Mas, a acreditar nas suas palavras, como teria sido possível a esta mulher ser proprietária de quatro prédios, todos a operar como bordéis, ter dois filhos toxicodependentes que tratou na Casa de Saúde de Santa Catarina, sem resultado, por isso, *arca com o sustento dos dois rapazes e o do vício*.

Alguns dos vizinhos, que se disponibilizaram a dizer algo sobre a Dores, com muitas reticências, *pois não querem problemas*, referem que a conhecem há muitos anos, dizem ser *uma mulher muito rica*, dona de quatro prédios, os filhos são uns drogados que não trabalham, que a mãe sustenta. Não fazem mal a ninguém, têm sempre dinheiro para a dose.

É uma mulher muito rica, mas não dá nada a ninguém, quando alguém precisa de alguma coisa, empresta dinheiro mas com juros muito altos. Afirmação de uma vizinha da Dores

A Maria das Dores, preparou a sua saída da prostituição mantendo-se no seu seio, de prostituta passou a *prostituir* indirectamente outras mulheres. Será que o *chulo* só aparece no masculino, o protector que leva a mulher ao trabalho e espera pelos proventos por si estipulados e, quando tal não acontece, a *amada* é espancada, *para aprender a obedecer*. As donas, ou donos dos bordéis não representam o mesmo papel, o de explorador?

De sindicatos, nunca ouviu falar, a nossa entrevistada não gosta de política, nutre simpatia por Salazar, apreendemos que da sua acção nada sabia. É mais uma portuguesa saudosista e iludida, pelo desconhecimento e analfabetismo, de que só um governo firme, como o do *ditador* poderia trazer a ordem e o progresso económico ao país.

A Maria das Dores se soubesse as pretensões dos sindicatos dos trabalhadores do sexo, seria contra à sua existência, pois a exploração das mulheres que tem por sua conta não seria arbitrária.

Não podemos concluir a análise desta entrevista sem referir que a Dores, em nenhum momento, mostrou desconforto pela vida que levou e leva, mostra orgulho em passar o negócio para a filha, que já domina o meio, e que é dura. Dos outros filhos, os que ela citou no início da entrevista, como uma preocupação, *foi para eles comerem e não andarem na rua, que teve de começar a dar as suas voltinhas*.

Hoje, já os deserdou, colocou todos os bens no nome da filha e deseja a sua morte para não serem um estorvo à *sua menina!!!*

Apenas nos foi possível visitar uma das casas da Dores. O prédio constituído por quatro andares, localiza-se no centro do Porto, numa das artérias destinadas a casas de prostituição.

A Maria das Dores recebeu-nos com muitas reticências, apesar de se ter comprometido com um dos nossos parceiros a dar a entrevista. Justificou a sua mudança de atitude pelo facto das suas mulheres não gostarem de intrusos.

As mulheres da Dores encontravam-se à porta do prédio quando nos aproximámos. Fomos recebidos com todo o tipo de insultos:

Estas putas destas jornalistas vêm para aqui, só para sacar, não é para dar nada.

São da Segurança Social, perguntam sempre o mesmo, porque estamos na vida. Ó filha, eu digo-te porque sou boa sei abrir bem as pernas. Mulheres da casa de passe da Dores.

Os impropérios continuaram, a Dores recebeu-nos numa pequena sala do primeiro andar. O espaço era completamente desordenado, sem luz directa, mobilado com poucos móveis e antigos. Dois cães circulavam pelo espaço com todo o à vontade.

A Dores, indiferente a tudo, foi relatando o que quis da sua vida. Todos os pormenores nos interessavam, centrámos a nossa atenção no meio e nas expressões da mulher que estava à nossa frente. Mulher de estatura média, cabelo muito loiro, pouco cuidado e sujo, assim como o seu vestuário.

Durante o tempo que durou a entrevista ela não demonstrou qualquer expressão de tristeza em relação aos filhos, à morte do marido ou à opção de vida que tomou para fazer face às despesas com a família.

Descrevia o trajecto da sua vida de prostituta com gargalhadas e sorrisos.

O orgulho do património que construiu era evidente no seu rosto. A gestão do negócio em momento nenhum passou despercebido à nossa entrevistada, sempre que uma mulher entrava com o cliente, observava qual a mulher que estava a trabalhar e o tempo que demorava.

Acompanhou-nos à saída: A Dores precisava de ver o que se passava nas outras casas, as suas mulheres não podiam estar sem vigilância.

A Maria nasceu em 1934, natural de uma aldeia, que prefere não identificar: *Do lugar onde nasci, só tenho más recordações, nunca mais lá voltei.* Mulher de 74 anos, estatura média, magra, cabelos pelos ombros, hoje mais brancos do que pretos. De toda a sua figura guardamos o seu olhar triste e a sua expressão facial quando abordava as partes mais marcantes da sua vida.

Sobre as suas origens referiu que: *os pais, pequenos agricultores, nunca se preocuparam com a escolarização dos filhos.* Pertencia a uma família numerosa, (ao todo eram oito filhos). Por isso, desde criança trabalhava com os irmãos nas lides agrícolas, contribuindo para o magro orçamento familiar. *Quem vive da terra sabe como as coisas são. É um trabalho duro, de sol a sol, mas não dá dinheiro, por isso, todos tinham de ajudar, com o gado, os animais de criação, nas sementeiras e na apanha do que a terra dava.*

Tudo o que criávamos era para vender, para nós ficavam os restos.

A descrição do seu dia-a-dia até à morte dos seus progenitores apontava para um relato verídico. A bibliografia consultada, concretamente O Estado Novo e seus Vadios, bem como nos relatos orais conseguidos mostram descrições que confirmam a situação dos agregados familiares do meio rural.

Sabe lá, com era viver naquele tempo. Hoje os meninos têm tudo, nós, o que tivemos foi muita fome e porradinha...

O levantar era com o nascer do Sol, o almoço, uma tigela de café com broa cozida em casa, uma vez por semana.

No monte estávamos todo o dia, para comer, a mãe dava-nos um naco de broa com carne gorda ou com meia sardinha que tinha sobrado da ceia.

Não nos podíamos queixar de fome ou frio, mesmo encharcados até aos ossos o trabalho era para ser feito.

O Sábado era dia de banho. A minha mãe aquecia a água na lareira, enchia uma bacia e a família toda tomava banho na mesma água. Domingo era dia de missa. Era a única vez que vestíamos roupa limpa e calçávamos sapatos. Acabada a missa, de volta a casa, a roupa e o calçado de Domingo era guardado, também era o dia em que a comida era melhorada. A mãe matava uma galinha, ou um coelho, que tinha de dar para todos, a fartura era pouca, mas sempre era melhor do que nos outros dias.

O pai morreu cedo, não se lembra de quê. Recorda que após a morte do pai a vida ainda ficou mais difícil. A mãe para arranjar mais dinheiro começou a trabalhar para os outros, à jorna. Os filhos tinham de tratar das lides domésticas e agrícolas.

A mãe não durou muito, morreu de pneumonia. A Maria e os irmãos foram distribuídos pelos familiares mais próximos, ela ficou com uma tia, irmã da mãe. Como já tinha treze anos, a tia tratou de arranjar emprego à sobrinha. Falou com a dona da venda, lugar onde as senhoras da cidade iam procurar criadas de servir. Estas angariadoras tinham a facilidade de conhecer toda a gente da terra e os problemas das famílias, não lhes era difícil indicar várias raparigas para as senhoras da cidade escolherem a que lhes agradava mais. Por cada rapariga enviada para servir recebiam uma comissão.

Situações como as da Maria são relatadas com frequência: famílias numerosas em que os filhos contribuem desde cedo para o orçamento familiar dos pais. Muitos menores eram criados por padrinhos, ou familiares directos, (avós, tios). Esta era uma forma de diminuir o agregado familiar, aliviara as despesas, os menores contribuía com trabalho e companhia aos mais velhos.

O relato da Maria sobre a forma como veio para o Porto encontrava-se dentro dos parâmetros atitudinais do meio rural à época. A nossa entrevistada desconhecia se, aquando da morte do pai e, posteriormente da mãe, teria havido alguma intervenção do Estado a fim de tornar a tia sua tutora legal, sabe que foi a pessoa que a acolheu e que lhe dava ordens e decidia da sua vida.

A Maria nunca esquecerá o dia em que a foram buscar. Com apenas treze anos, foi arrancada da terra que conhecia e da família, para vir servir numa casa de pessoas completamente desconhecidas, e para a grande cidade. A tia entregou a sobrinha que de nada é informada, salário, horário de trabalho, folgas, ou qualquer outro direito.

A casa para onde veio servir, no Porto, (rua do Amial) era composta por dois andares e um quintal. A família não era muito numerosa: os patrões, dois filhos e uma senhora de idade. Apenas quando chegou ao seu novo *lar*, foi informada das suas obrigações. Indicaram-lhe todo o serviço que lhe competia fazer, supervisionado pela criada mais velha.

Inicialmente a Maria não gozava as suas folgas dominicais, não conhecia ninguém e a sua colega de trabalho não a convidava para sair. A Maria confessou que preferia não receber qualquer convite da criada mais velha, pois esta era muito má, tratava-a como uma escrava, *ainda era pior do que a patroa*.

O serviço de rua que a Maria tinha de fazer, ir à mercearia, ao talho e à costureira da senhora, permitiu-lhe o contacto com colegas de profissão. Foi dessa forma que ganhou as *suas amigas da cidade* com quem começou a sair ao Domingo.

Não nos surpreende o deslumbramento da nossa entrevistada face à cidade, *tudo* era grande, bonito. Contudo, para Maria ser livre, vestir o que gostava, ir com quem e para onde lhe apetecia, consistia na sua maior conquista. Ela podia contactar com o sexo oposto sem as amarras da gente da sua terra, que facilmente transformavam as *moças honestas* em *raparigas faladas*.

Numa das suas folgas travou conhecimento com um rapaz. Maria descreveu o primeiro encontro e os seguintes como um sonho. Disse ela sobre o namorado: *Era um rapaz alto, bonito, bem-falante, meigo, apaixonado, que lhe mostrou todos os cantos da cidade, levou-a pela primeira vez à matine e a lanchar. Prometeu-lhe casamento e uma vida de felicidade*.

A ingénua menina do campo, agora serviçal da cidade em tudo acreditava. A primeira relação sexual não a violentou, mesmo tendo ocorrido num beco escondido da cidade. Prazer, nunca pensou nisso, o importante era *agradar* ao seu homem, ele sim tinha de se sentir bem, afinal era o seu futuro marido.

A descrição da nossa entrevistada face à sua relação com o seu corpo e o prazer que deveria desfrutar da sua entrega são elementos reveladores da forma como a muitas mulheres sentiam o prazer do sexo, este era vivido no masculino, o desfrute não era seu, mas sim do parceiro.

Esta mulher, na década de cinquenta do século passado, sentia e aceitava que tinha por missão servir, como se comprova pelo seu relato, não aprendeu outra coisa na vida, serviu os pais, a tia, os patrões e o homem que a iria fazer feliz para sempre.

A união com um rapaz do meio urbano, considerada pelas raparigas rurais e seus familiares como uma promoção social. Assim, se compreendia o deslumbramento da Maria e a sua entrega displicente a um homem de quem

sabia tão pouco. Como a maioria das raparigas, sonhava com um casamento, casa, filhos e marido para cuidar. Pensamento revelador da importância dos valores morais que pautavam a concepção de família *ideal*, defendida pelo Estado e Igreja.

A gravidez aconteceu para *surpresa* de Maria, mas não para a sua companheira de trabalho.

Observada e questionada pela *criada* mais velha: *a coisa já veio? A tua doença é outra, eu não vi os panos a secar, estás é de bucho cheio.*

A população feminina era informada da importância da virgindade, a sua perda era uma desonra para a rapariga e família, que nada lhes explicavam sobre o corpo e a sexualidade. As jovens viviam na maior ignorância, sexualidade era um assunto tabu, como referiu Maria:

Naquele tempo ninguém falava de menstruação, de relações sexuais. A preocupação das mulheres mais velhas com as moças novas era a de ter juízo, porque uma rapariga desonrada não servia a nenhum homem, ficava perdida no mundo.

Maria não se preocupou com a sua gravidez, não ia ter um filho de um qualquer. O pai da sua criança era o seu futuro marido. Planeou tudo na sua cabeça, casavam antes de se notar a barriga e como continuariam a viver no Porto a família nunca vinha a descobrir. A patroa podia dizer à dona da venda, ela negava.

Certa de que tudo se passaria da forma que tinha planeado, foi ao encontro do namorado carregada de ilusões. Contudo nada aconteceu como a Maria tinha planeado. O amante não mostrou alegria, pelo contrário ficou irritado com a situação.

O namorado alegou que não tinha condições para casar: ganhava pouco, não tinha dinheiro para alugar uma casa e sustentar um filho. Os pais eram pobres não o podiam ajudar. A melhor coisa a fazer era *deitar abaixo a criança*. Ele trataria de tudo com uma senhora que fazia essas coisas. Tinham muito tempo, eram novos e quando estivesse melhor de vida, podiam pensar em casamento. Maria fez de tudo para convencer o namorado, não conseguiu, decidiram que no próximo encontro resolveriam o problema.

Não houve mais nenhum encontro porque o namorado da Maria não voltou a aparecer. Ela não o podia procurar, não sabia onde morava, qual o seu emprego, nem o seu nome completo.

A criada mais velha denunciou-a à patroa, nesse mesmo dia veio para a rua. A senhora não queria gente da sua *laia* em sua casa.

A entrada na prostituição foi o último recurso da nossa entrevistada, abandonada não podia voltar à terra, *era uma vergonha para si e uma desonra para a família*.

Expulsa da casa onde trabalhou, procurou emprego. Qualquer coisa lhe servia, mas a uma mulher e grávida nenhuma porta se abriu. Esmolou para comer, a rua era a sua casa, não tardou que outras mulheres da rua lhe apontassem o caminho para minorar as suas condições, vender o corpo.

Exerceu a prostituição até ao nascimento do seu filho e posteriormente até à doença do seu *menino*.

Maria falou do seu passado com muita mágoa. Apesar de ter encontrado uma família que a acolheu, quando dormia com o seu bebé, no portal de um prédio, e desta família a ter ajudado quando a criança esteve a morrer, vítima de disenteria. Do seu passado, como prostituta, Maria referiu-o com vergonha e lágrima, afirmando: *nunca esquecerei os homens que se puseram em cima de mim, eram porcos bêbados e nojentos...*

A nossa entrevistada deve a vida do seu filho à caridade alheia e a saída da prostituição a si própria. Não se iludiu pelos ganhos rápidos, ou ausência de horário, preferiu enfrentar as dificuldades e lutar por um emprego mal remunerado, mas *honesto*.

Hoje é uma mulher casada, com quatro filhos. Ninguém conhece o seu passado à excepção do marido. É feliz sobretudo porque os filhos estão bem na vida, deram-lhe netos, teve a felicidade de os ver crescer. *Todos bons meninos e estudiosos*.

A Maria, no fim da nossa conversa, confidenciou-nos o quanto lhe custava lembrar o passado, diz ter ganho pouco dinheiro na prostituição, foi sempre clandestina, nunca foi presa, talvez porque só atendia os homens que precisava para sobreviver e reafirmou:

Aquele era um dinheiro maldito, sujo. Odiei todos os homens que se puseram em cima de mim, porcos, bêbados, pareciam animais.

A Julieta nasceu em 1930. Filha de pai incógnito (nunca conheceu o pai ou soube o seu nome) e de uma criada de servir.

À época quando uma criada engravidava, por norma era expulsa da casa onde trabalhava. Não foi o caso da mãe da Julieta, e como esta nunca fez referência ao pai, não sabe se a sua progenitora quando foi trabalhar para os *senhores nobres* já era nascida, ou se engravidou na referida casa.

Se a gravidez ocorreu dentro da casa, onde a mãe trabalhava podemos estar perante um quadro, também comum ao período em referência da criança ser filha de um dos patrões. Pelo facto da família ser muito conhecida na cidade, a gravidez decorreu em surdina. Nascida a criança foi entregue a uma ama, apagando os vestígios da gravidez.

A ocupação de ama era muito comum entre as mulheres, as que trabalhavam fora de casa de dia ou de noite, e não podiam levar os filhos consigo. As mulheres que ficavam em casa encontravam, assim uma forma de aumentar o orçamento familiar, tomar conta dos filhos das trabalhadoras, ou das mulheres de má vida.

A Julieta não conheceu uma casa de família. Na infância, rodava de ama em ama. Sempre que a mãe não pagava prontamente, a mensalidade era posta na rua. Para comer e dormir, criava os seus expedientes: pedia esmola, pão e arranjava um vão de escadas para não dormir ao relento.

Lembro-me como se fosse hoje, tinha sete anos, a minha mãe não pagou à ama, fui posta na rua.

Era Inverno tinha um vestido rodado de chita, os pés descalços. Não me importei, brinquei com os rapazes da rua. Quando a fome apertou fui pedir, deram-me pão, comi metade deixei o resto para a noite.

Quando escureceu fui à procura de um lugar para dormir. Encontrei um vão das escadas de um prédio velho. Estava muito frio, encolhi-me e catei até à última migalha a metade de pão que guardei.

A rua assustava a Julieta, sobretudo à noite, mas concedia-lhe liberdade, de fazer o que queria, andar por todas as ruas, não receber ordens de ninguém.

Aos onze anos entrou na prostituição pela mão da mãe que a entregou a um homem com filhas mais velhas do que a Julieta. O amigo da mãe encerrou-a numa *casa de alterne* na rua do Almada, não manteve relações sexuais com a criança mas obrigou-a à prática de sexo oral.

Quando fui levada para a casa da rua do Almada era tão pequena que sempre que havia uma rusga as mais velhas escondiam-me debaixo das saias.

A polícia nunca me apanhou. O homem que me levou visitava a casa com frequência, não sei se ia com outras mulheres. A mim levava-me para o quarto e obrigava-me a dar beijinhos naquele sítio.

A mulher que estava a relatar-nos a história da sua vida foi *vendida* pela mãe, em criança. A facilidade com que a transacção se efectuou, permitiu-nos inferir: O homem era amante da mãe, e esta cedeu aos seus caprichos. Poderá a mãe ter considerado que a criança já tinha idade para iniciar *vida*, podendo ganhar dinheiro para as duas, ou operacionalizou uma simples transacção comercial, recebeu dinheiro pela menor e deixou de ter despesas com as amas.

A mãe da Julieta nunca foi incomodada pelo crime cometido, nem o homem que a levou para a casa de passe.

A Julieta foi vítima da sua progenitora. Não entra na prostituição por vontade própria, configura a displicência do sistema. O escondido não envergonhava o país defensor da ordem, da família e dos bons costumes.

Habituada à liberdade da rua não gostava de estar presa, justificava assim, a sua fuga *da casa de alterne*. Não foi o que o seu semblante traduziu nem as palavras que não conseguiu soltar. A Julieta fugiu para libertar o seu corpo de menina das sevícias que o seu *protector* lhe impunha.

Apanhada na rua a *vadiar* foi presa de acordo com os regulamentos da época e enviada para a Tutoria, instituição de reeducação de jovens em perigo moral.

A Julieta gostou do período em que esteve internada no *colégio*. Considera que deve tudo à instituição, foi onde aprendeu a ler, a executar todas as tarefas domésticas e outras. Pôde brincar com bonecas, tinha uma cama para dormir e as refeições asseguradas.

Encara a Tutoria como um lugar de aprendizagem sobre o que era a vida. Conviveu com todo o tipo de raparigas, desde prostitutas, criminosas e ladras.

A directora, D. Rute, dirigia a instituição seguindo a filosofia do regime, *só o trabalho árduo podia libertar o corpo do vício e regenerar os perdidos*. O trabalho das utentes era explorado à exaustão, poupando recursos humanos e económicos ao Estado.

À época a homossexualidade, *aberração da natureza* assustava mais os moralistas do que a prostituição. A Julieta brincava com uma colega da

instituição aos casais. A Directora não gostou deste tipo de brincadeiras. As duas colegas foram chamadas ao gabinete da Directora, onde, as jovens foram proibidas de *brincar aos casais*.

A Julieta ripostou o castigo porque não o entendia, a D. Rute até a ameaçou de lhe cortar as tranças. Não mostrou medo continuou a enfrentar a Directora e jurou que a mataria se ela lhe tocasse no cabelo.

A rebeldia da Julieta custou-lhe a transferência para uma instituição prisional em Peniche.

Esta é outra parte da vida da nossa fonte que referiu sem grandes pormenores. As razões da omissão, desconhecemos, poderá ser mais um dos actos marcantes da sua vida que procurou retirar da memória.

O relato da sua volta para o Porto confere com as normas da época. Saiu da instituição porque alguém pagou as coimas e se responsabilizou pela sua pessoa.

Veio para o Porto, (confunde o meio de transporte, tanto fala em camioneta como em comboio), porque a mãe a foi visitar à Tutoria e tomou conhecimento da transferência da filha. Ela não se lembrava se este facto ocorreu ao fim de três meses ou seis.

A mãe e o homem que a tinha levado para a *casa de passe* aos 11 anos estavam à sua espera. Ele na qualidade de falso padrasto e a mãe tinham tomado a seu cargo a responsabilidade de educar e manter em bom caminho moral a menor.

A mãe e o companheiro cumpriram com escrupulo o documento que assinaram às autoridades. Da estação, a Julieta agora com dezasseis anos foi levada, pela segunda vez, para a rua do Almada, novamente com a conivência da mãe. Desta segunda convivência com o homem, do qual nunca referiu o nome, não se limitou a *beijinhos*. Concretizou relações sexuais com a Julieta, as quais, resultam numa gravidez da qual nasceu a sua única filha.

Saída da Maternidade, a Julieta tomou a decisão de que a filha não teria a sua vida. A melhor forma de o conseguir era entrar na prostituição. Do pai da criança não fez qualquer referência.

A Julieta era uma adolescente, decidiu a sua forma de vida sem hesitação, os períodos passados na *casa de passe* tinham-na colocado em contacto com esta forma de vida que percebeu ser lucrativa.

Ela confessa ser conhecedora da noite, cantou o fado em casas nocturnas, e reconhecia que o seu corpo era um bom capital para a vida que escolhera: *era muito bonita e bem-feita, fazia parar o trânsito*.

Conhecedora do comportamento das amas, converteu a mãe em sua empregada pagando-lhe o mesmo salário que recebia na casa onde trabalhava. Desta forma podia trabalhar à vontade, *sabia que a sua filha estava bem entregue*.

Surpreendeu-nos este comportamento da Julieta, entregou a filha que não desejou, mas que aprendeu a considerar como a pessoa mais importante do mundo à mulher que a tinha *vendido* aos 11 anos.

Afirmou que como prostituta foi sempre clandestina, para esconder o seu modo de vida comprou um carro, podendo assim deslocar-se para o local onde tinha o seu *quarto de trabalho*.

A fim de aferir uma média dos ganhos da Julieta, concebemos uma lista de preços de bens essenciais e de remunerações mensais de diferentes profissões. Concluímos que a nossa entrevistada ganhava muito dinheiro como prostituta.

As nossas fontes não se disponibilizaram a indicar um valor, mesmo aproximado, dos seus proventos diários, semanais ou mensais. A tabela por nós criada permitiu-nos estabelecer parâmetros qualitativos dos seus ganhos, face a outras profissões.

A Julieta confirmou, embora inadvertidamente, as nossas conclusões, quando aludiu o facto da filha, já mais crescida, querer saber qual o emprego da mãe.

A Julieta trabalhou como criada e mais tarde como gaspeadeira. Não aguentou os empregos, precisava de trabalhar um mês para ganhar *o que fazia* num dia como prostituta, e ainda *estava presa*, não podia fazer o que queria.

O facto de ser reformada, o que comprovou exibindo o cartão de pensionista, indicou-nos que o dono da fábrica onde trabalhou um mês como gaspeadeira, seria um dos seus clientes habituais e fiéis, de outra forma como poderia obter a reforma.

A Julieta diz ter trabalhado sempre sozinha, sem amigas e sem *chulos*. Sobre o assunto refere:

As amigas não servem para nada, andavam atrás de nós para saberem da nossa vida. Nunca gostei disso, muitas pediam para me acompanhar disse sempre que não. Assim a minha vida ficou comigo.”

Chulos, não servem para nada, levavam o dinheiro todo às desgraçadas, quando elas deixavam de render, por doença ou por prisão, eles desapareciam, nunca mais ninguém os via.

Morreram muitas mulheres da vida na minha cama, umas com tubérculos e outras com sífilis. Andavam na rua ao frio e à chuva até à última. Precisavam do dinheiro para sustentar os filhos, pagar às amas e o quarto.

Quando caíam para o lado, ninguém queria saber delas, recolhi muitas.

A Julieta assumiu ter vivido com um homem mais de vinte anos. Fez questão de frisar que esta união era igual a um casamento. Saíam para jantar no casino, passeavam, iam ao cinema e a casas de fado.

A Julieta para comprovar o que tinha acabado de dizer mostrou-nos uma fotografia tirado num dos jantares do Casino, cujo nome não referiu.

Digam lá se eu não era uma brasa. Alguém que olhe para esta fotografia diria o que eu era...

Julieta diz que sempre gostou de respeitar e ser respeitada, por isso se deslocava para longe do seu local de morada, de carro, para exercer a prostituição. Razão pela qual, ainda hoje, no sítio onde mora, o mesmo, ninguém conhece o seu passado. O mesmo acontece com a sua família: filha, genro já falecido, e os netos que são doutores. *Não sabem e nunca poderão saber.*

Nunca referiu ter carta de condução. Inferimos que seria o seu companheiro a transportar a Julieta para o local onde se prostituía.

Na casa onde ela trabalhava atendia o número de clientes em função das suas necessidades económicas diárias.

O crescimento da filha aumentava as despesas. Sempre quis que ela fosse estudada. A primária fez sem dificuldade, depois quando foi para a Escola do Infante começou a ser preguiçosa.

A Julieta não desistiu de dar instrução à filha, em cada disciplina que revelava dificuldade contratava um explicador particular.

Não imaginam o que eu gastei, os professores vinham a minha casa dar aulas particulares à minha menina, eu não a queria em casa de ninguém.

Frequentou a Tecla e institutos de línguas. Por isso, hoje tem uma boa vida e casou bem, com um santo de um homem. Coitado morreu cedo, mas deixou a família muito bem.

Outro dos momentos que a Julieta referiu como tendo necessidade de trabalhar a dobrar foi o da doença da mãe.

A minha mãe apanhou cancro da mama. Gastei muito com a doença dela, não lhe deixei falta nada. As suas vontades eram ordens.

Como tinha de continuar a trabalhar, quando ela acamou contratei uma enfermeira para tratar dela durante o dia. A noite ficava por minha conta.

A Julieta ficou comovida quando falou da morte da mãe dizendo *não ter ressentimentos de tudo o que a mãe causou na sua vida.*

A Julieta voltou a frisar que, *só atendia os homens que precisava para as despesas do dia. Assim, à saída de cada cliente levantava a tampa da caixa onde guardava o dinheiro para fazer contas e saber quantos homens tinha de receber.*

De todos os homens com quem se deitou não guardou qualquer recordação. Nunca sentiu nada por nenhum cliente:

Não estava ali para sentir. Eu estava na cama para ganhar dinheiro.”

Refere que nunca foi maltratada por um cliente, considera que é preciso saber trabalhar nesta vida: Se uma mulher for meiguinha e lhes fizer as vontades, não há problemas.

Dona de um discurso fluente aborda o tema do aborto com toda a naturalidade, esclarecendo: *Fiz tantos que lhe perdi a conta, mas à noite já estava de volta ao trabalho:*

Conhecedora das doenças venéreas, afirmou nunca ter contraído nenhuma.

Não se arrependeu *em nada* da opção que tomou para a sua vida. Hoje voltaria a fazer a mesma coisa. Apoia a legalização da prostituição, considera-a uma profissão como outra qualquer. Apenas difere no salário, a prostituta é muito mais bem paga do que uma trabalhadora de qualquer outro ofício.

A Julieta considera-se uma mulher feliz. Não depende de ninguém, mora no sítio que gosta, onde todos a respeitam. Se um dia não vai cumprimentar os donos das lojas vizinhas, os comerciantes ficam preocupados, gostam da sua presença e das suas brincadeiras.

Amigas, continua a não ter preferir passear sozinha pela cidade que tanto ama.

Os fins-de-semana maioritariamente são passados junto da filha e dos netos. Quando não vai, não fica triste, faz o seu almoço e passeia pela cidade.

Julieta de 78 anos, mulher sóbria, vaidosa, (idas constantes ao cabeleireiro, tratamentos de pele e de unhas, compras compulsivas de roupa e produtos de beleza), demonstram os resquícios do passado de uma prostituta de categoria mais elevada, não era uma mulher de porta de rua que atendia qualquer um.

Quando nos despedimos dela mostrou a sua faceta de enigmática. Segurou as nossas mãos e disse pretender fazer uma revelação final.

Tem a certeza de que nos voltaremos a encontrar. Ela esteve quase a morrer, viu o túnel da luz e esteve do outro lado. Foi obrigada a regressar porque ainda tinha uma missão a cumprir. Já cumpriu uma parte, ajudar o homem que foi seu companheiro durante vinte anos e que a trocou por outra.

O outro assunto que tem para resolver, pensa saber do que se trata, mas não dirá nada no momento presente, depois...

A Paula madeirense, nome de guerra. O verdadeiro não o revela a ninguém, (já lhe causou muitos problemas o seu verdadeiro nome). Tem 60 anos, mas aparenta ser muito mais velha.

A história da Paula foi a única em que nos foi possível conciliar a idade com o facto de ainda se encontrar a exercer a actividade de prostituta. Para nos ser possível fazer esta recolha, pagamos o tempo que ela considerou perder. Impôs outra condição se viesse um cliente, pararíamos a conversa para o atender.

Justificou as suas exigências dizendo: *O negócio estava muito mal, se fosse um dos seus homens habituais e ela não fosse, outra apanhava-o de imediato.*

Nasceu no ano de 1948 na ilha da Madeira. Os pais eram pequenos agricultores, não sabiam ler nem escrever.

O pai morreu tão cedo que não guarda qualquer recordação do seu rosto. A mãe viúva, com muitos filhos, (não referiu o número de irmãos) foi obrigada a duplicar as suas funções laborais, associando os bordados à agricultura.

Estes trabalhos, agricultura e bordados eram muito mal pagos. Os filhos abandonaram a escola cedo. A mãe precisava que os filhos trabalhassem para ajudar nas despesas da casa.

A Paula frequentou a escola até à 3ª classe, reconheceu que não sabia ler nem escrever, *assino o meu nome e mal.*

A Paula trabalhava com a mãe na agricultura e nos bordados. O dinheiro que ganhava era todo para a mãe. *Decidi abandonar a ilha e procurar melhor vida no Continente.*

O seu primeiro emprego, no Continente, foi como criada de servir. Numa das suas saídas conheceu o pai dos seus filhos. Homem casado que lhe montou casa. A Paula não precisava de trabalhar, ele sustentava todas as despesas, ela olhava pelos filhos e atendia o seu amante quando a visitava.

A morte do seu protector, quando a filha mais velha tinha treze anos, criou uma crise na vida da Paula: casa para pagar, filhos para sustentar. Necessitou de procurar um emprego.

Iniciou funções laborais no Grande Hotel da Batalha como empregada da lavandaria. Trabalho pesado e mal remunerado, segundo a Paula, foi esta a razão que a levou à prostituição, como forma de aumentar o orçamento mensal.

Era uma rapariga bonita e bem-feita, uma pessoa amiga indicou-lhe o caminho para ganhar muito dinheiro, as boîtes.

A Paula trabalhava no hotel durante o dia, à noite ia para uma boíte conhecida da cidade e bem frequentada. Diz que o seu estatuto no estabelecimento nocturno era o de bailarina. A sua função era entreter os clientes, dançar com eles e faze-los beber muito. Quanto maior fosse o consumo maior era a sua comissão.

As companheiras ensinaram-lhe as técnicas para aumentar o consumo dos clientes e leva-los a pedir bebidas caras. Quando os homens já tinham bebido, faziam-lhes carícias e proposta sexuais. Desta forma, conseguiam os seus intentos, aumentar a comissão da noite, davam mais lucro à casa e o patrão ficava satisfeito com a empregada.

A Paula, como a maioria das suas colegas, não se satisfazia só com as comissões. A prostituição rendia bem. Os homens que quisessem, *serviço completo pagavam bem: só o fazíamos fora da boíte, numa das pensões com quem tínhamos acordo para este tipo de prestação de serviço.*

A Paula começava a sentir o cansaço de trabalhar de noite e dia, optou pela noite, era menos cansativo e ganhava muito mais.

Trabalhou em todas as boîtes da cidade, das frequentadas por homens endinheirados, localizadas em zonas menos degradadas, às *mal afamadas*. Este percurso descendente da Paula estava directamente relacionado com a sua idade. O seu rosto e corpo começavam a dar sinais de envelhecimento e cansaço. Menos procurada pelos clientes, deixava de dar lucro à casa, era dispensada.

A Paula compreendeu que o seu trabalho como bailarina/prostituta tinha chegado ao fim. Procurou um emprego fora do mundo das boîtes e da prostituição.

Os filhos já estavam criados, podia ganhar menos. Aceitou trabalhar como empregada em casa de *duas velhotas*. Não aguentou muito tempo, as patroas eram exigentes, a casa era grande, até o quintal tinha de limpar. Pagavam muito mal para tanto serviço.

A Madeirense abandonou o emprego e voltou ao exercício da prostituição, não em boîtes, pois sabia que nenhuma a aceitava, decidiu-se pela rua.

Na época em que começou a trabalhar na rua a prostituição era proibida. Nunca foi apanhada, conseguiu sempre fugir. As carrinhas policiais passavam a ronda nos locais onde se encontravam a angariar clientes. Quando eram presas, iam para o Aljube ou para a esquadra de Coronel Pacheco, sempre teve medo da prisão.

Quando a filha teve (conhecimento?) que a mãe trabalhava na Cordoaria, foi buscá-la não a queria naquela vida. Levou-a para viver consigo, impondo regras de conduta à Paula: *não podai beber, fumar, ou sair de casa sozinha*.

A Paula sentiu-se prisioneira da filha. Não gostava nem queria aquela vida. Discutiu com a sua descendente, andaram á pancada a Paula voltou à Cordoaria e à prostituição.

Atende todo o tipo de homens, velhos, novos, bêbados, porcos. A crise é muito grande não pode dispensar nenhum cliente. Cobra a cada um 10 euro por cliente e para um período de quinze minutos, pelo quarto da pensão cada cliente paga 3 euros.

Actualmente vive num quarto arrendado, para o qual despende de 1.500\$ dia, com direito a, usar o fogão, uma prateleira do frigorífico e um banho diário de água fria. A limpeza das divisões que utiliza é por sua conta.

O que ganha como prostituta não é suficiente para as suas despesas, assim candidatou-se ao rendimento mínimo. Recebe do Estado 32 contos por mês. A Paula diz viver com muitas dificuldades, mas prefere a miséria da sua vida a ser controlada. Não sabe dos filhos, facto que não a preocupa: *cada um que viva a sua vida*.

Os homens que a procuram não lhe dizem nada. À Paula interessa os 10 euros que pagam, precisa muito de dinheiro, contudo não faz tudo o que eles querem.

A Madeirense conhece as doenças que pode contrair com a vida que leva, (sida, hepatite, os esquentamentos e os viajantes), por isso só com preservativo aceita o serviço. Nem todos os clientes admitem a imposição da protecção, nada que a Paula não resolva: *se não querem usar a camisinha meto o passarinho dentro da gaiola*. Percebem o que estou a dizer: *faço uma punheta*.

A Paula continuou o discurso sobre *negócio estar mau*. Diz que não faz clientes há muito tempo, referiu que os preservativos guardados na mala, já deviam estar fora de prazo.

As afirmações da Paula, não conferiram com a nossa observação. Apesar da sua degradação física, atendeu clientes durante o período em que durou a nossa conversa.

A nossa entrevistada defende a legalização da prostituição por a considerar uma profissão como outra qualquer. Considera que deviam ter um sindicato que debatesse os direitos, das mulheres e homens, que fazem da prostituição o seu modo de vida.

A Paula estava mais confiante no fim da nossa conversa, mostrou-se disponível para outros encontros, colocou apenas um entrave: *estes tinham de acontecer sem o conhecimento das suas companheiras, elas desconfiam de toda a gente que não pertence ao meio*.

Pagamos o montante, que a Paula estipulou. Abandonou o café, precisava de voltar à sua vida.

A Paula madeirense acusou as colegas de desconfiadas e matreiras. Ela não tinha problemas, assumia a vida que fazia, contudo voltou para trás. Encontrou-nos na caixa a pagar a despesa que fora feita, pediu que lhe escrevêssemos num guardanapo, o nosso nome, o da faculdade e o objectivo do trabalho.

A prostituição é um acto de parceria. O objecto do nosso trabalho centraliza-se na prostituição exercida por mulheres, o que, em nossa opinião, carece de reflexão sobre o binómio homem/mulher.

Pela razão supra referida consideramos pertinente recolher testemunhos de homens, da faixa etária das nossas entrevistadas.

As nossas fontes masculinas mostraram-se mais disponíveis, a relatar o que observaram e observam sobre este público-alvo, as prostitutas. Relataram as histórias de vida que conheceram na terceira pessoa. *Eles, nunca frequentaram esses sítios...*

O Ardina, é natural do Porto, sempre viveu na zona histórica da cidade. Pensa conhecer a cidade como ninguém, e tudo o que nela se passa.

Não referiu a idade, outro dos nossos contactos, pensa que o Ardina já ultrapassou os 80 anos, terá nascido por volta de 1928.

Em criança, começou a vender jornais na Praça da Liberdade. Profissão que continua a manter não com os jornais numa sacola, a correr a cidade e a apregoar as notícias, diz a propósito:

Os tempos mudaram, criei uma banca na Praça da Liberdade, hoje tenho uma pequenina junto do Hotel Infante, serve para me ocupar e manter o contacto com as pessoas.

O Ardina é procurado por muita gente para falar do Porto antigo. Não recusa nenhum convite porque adora a sua cidade. Sobre a actividade da prostituição nunca foi inquirido, mas conhece bem o assunto, apesar de nunca ter frequentado esse meio, via-as, conhecia-as e observava como actuavam.

As mulheres de *má vida* normalmente eram criadas de servir ou operárias, entravam nessa vida por necessidade: *As criadas eram muitas vezes violadas pelo patrão ou pelos filhos, engravidavam, postas na rua, caíam direitinhas nessa vida.*

Augusta, tecedeira de 70 anos, refere a propósito:

Durante dezoito anos fui amante do meu encarregado. Éramos os dois casados, o meu marido ganhava muito mal, a vida em casa estava cada vez mais difícil. Ao meio do mês já comprava a comida fiada na mercearia. Pagava no fim do mês, os ordenados ficavam quase em metade. Aquilo não era vida.

O meu encarregado prometeu-me ajuda, aceitei, ele não me desagradava. Fazia horas extra, era a melhor altura para os nossos encontros, estes aconteceram sempre dentro da fábrica.

Sempre pensei que consegui enganar as minhas colegas e a minha família. Hoje, sei que não enganei ninguém, as colegas sabiam e muitas tinham o mesmo esquema. O meu marido, penso que sempre soube, era muito ciumento, mas não se importou, foi a forma da vida ser menos difícil.

As mulheres operárias, particularmente as ligadas à indústria têxtil, sendo as mais conhecidas à época: as da Senhora da Hora, de Rio Tinto e de branqueação na rua do Breyner, eram muito mal remuneradas, o salário não cobria as despesas familiares.

Os encarregados, aproveitavam a vida de miséria das operárias, para as seduzir. Elas, entregavam-se em troca de um lugar e salário melhor. Estas mulheres escondiam da família que se prostituíam com o encarregado, e muitas, as mais bonitas, com o patrão.

Sendo esta actividade, a prostituição, um acto que envergonhava a família e a comunidade onde viviam, tentavam ocultar da melhor forma como arranjavam o dinheiro extra.

A perda de emprego na fábrica levava-as para a prostituição. Na fábrica, tinham aprendido dois ofícios: o de operária e o de prostituta.

O Ardina classificou as prostituídas em duas categorias: as matriculadas no Governo Civil, portadoras de uma caderneta, inspeccionadas pela Delegação de Saúde. Estas eram as oficiais, as que podiam exercer legitimamente a sua actividade.

As mulheres legalizadas trabalhavam em casas próprias, as casas de passe, que também eram fiscalizadas pela polícia, secção de justiça. Homens que procuravam os serviços destas mulheres tinham de ser de maior idade, vinte e um anos, assim como as mulheres que se dedicavam à prostituição.

Questionado sobre a localização destas casas de passe, referiu que se circunscreviam às zonas: Banharia, Rua Escura, Cimo de Vila, Bonjardim, Caldeireiros e Gaia.

Adriano, de 71 anos empregado de escritório, reformado, relatou a sua primeira experiência sexual com as seguintes palavras:

Nunca esquecerei a minha primeira vez, tinha catorze anos. Os meus amigos mais velhos, da rua onde morava, acharam que estava mais do que na hora de conhecer uma mulher. Levaram-me a Gaia logo à saída da ponte, onde hoje está uma casa de móveis.

Quando chegou a minha vez, encontrei uma mulher que devia ter cinquenta anos. O quarto onde recebia os clientes tinha um cobertor a fazer de porta. No chão havia um xaille estendido, numa ponta colocávamos o dinheiro, (dois escudos e cinquenta centavos), na outra estava o pano de limpeza para usarmos no fim do acto sexual.

Tudo se passou rapidamente. Quando saí, havia uma fila de dezoito homens para a mesma mulher atender.

O Ardina considerava que, as prostitutas clandestinas eram, em maior número do que as legalizadas. As clandestinas, casadas, solteiras, viúvas, amancebadas mantinham o anonimato, por essa razão se encontrava nesta categoria mulheres de muitas outras profissões: empregadas de escritório, de balcão, bancárias, e de outros sectores, bem como de todos os estados civis.

Sendo a prostituição clandestina proibida, as mulheres que a exerciam fugiam constantemente da polícia. Muitas eram presas, especialmente as mais indefesas, as mais pobres, que não tinham protecção de ninguém: do marido ou companheiro, frequentemente o seu *chulo*, que as abandonara por já não renderem o suficiente. O seu lugar já havia sido preenchido por uma prostituta mais jovem, logo mais lucrativa.

O mundo da prostituição, segundo o nosso entrevistado, esteve sempre viciado, tanto nas casas de passe como na rua. As rusgas, as multas ou as penas de prisão só eram aplicadas a quem não tivesse influências. Referiu-se abertamente ao suborno.

Todos os agentes de autoridade eram corrompidos, desde os mais graduados ao simples polícia. Os pagamentos eram feitos em dinheiro, com sexo gratuito, ou, das duas formas.

Os envelopes, bem recheados, eram passados em mão ao agente de autoridade. Quando estes queriam uma rapariga, a dona escolhia a melhor da casa. Elas, iam ter à Pensão do Adriano na rua Conde Vizela, tudo era combinado previamente com a dona da pensão. Nenhuma suspeita podia ser levantada, eles, os agentes da autoridade eram casados e bem colocados.

Citou como exemplo o Manso do Corpo da Guarda e o Ângelo da Polícia Judiciária.

Os agentes de menor importância, recebiam prendas, às vezes dinheiro e serviam-se das mulheres da casa, sem direito a encontros e lugares especiais. As clandestinas quando eram presas, como nada tinham para oferecer, eram violadas na rua ou na própria esquadra.

Delfina, 65 anos, empregada de limpeza de uma casa de prostituição, referiu: *Sempre tive muito medo de ser presa, sabia que não tinha protecção. Quem anda nesta vida pode fugir muitas vezes, mas acaba sempre por ser apanhada. Eles quando querem sabem como fazer as coisas. A primeira vez que fui presa o guarda dizia: anda puta mostra o que vales. Usou o meu corpo as vezes que lhe apeteceu e como quis, obrigou-me a fazer de tudo. Tudo se passou dentro da esquadra com o colega, a gozar e a espreitar se vinha alguém. Das que fomos presas, nessa noite, foram poucas as que ficaram, as outras saíram rapidamente.*

O Ardina relata que nem todas as mulheres se prostituíam na cidade. Concentravam-se no Café Imperial e Guarani, os carros, na hora marcada, vinham buscá-las e procediam à sua distribuição pelos arredores da cidade. As de maior categoria, eram levadas para bares frequentados por industriais e homens de dinheiro; as outras actuavam em casas de passe ou na rua.

As mulheres de categoria mais elevada trabalhavam dentro dos bares. A sua função consistia em fazer companhia aos clientes e incentivá-los ao consumo, de preferência as bebidas mais caras. As relações sexuais aconteciam fora do bar, em residências clandestinas, preparadas para o efeito.

O Ardina continuou o seu relato dizendo que as prostitutas se distinguiam pela aparência: as mais finas, vestiam melhor, cuidavam do cabelo e do corpo. As outras, usavam roupas indecentes, saias muito curtas, decotes profundos, o cabelo a forma de falar, *tinham aspecto do que eram, não enganavam ninguém.*

Desconhece como evitavam a gravidez, sabe que o aborto era praticado. Este era outro aspecto em que o dinheiro contava; se tinham posses faziam o aborto com enfermeiras ou médicos. As pobres submetiam-se às curiosas, muitas morreram com hemorragias e infecções, tinham medo de ir ao hospital por esta

prática ser proibida, quando não aguentavam mais, não havia tempo e interesse em salvar estas mulheres.

As mulheres de má vida quando tinham filhos, estes eram criados em amas, quando havia dinheiro para pagar, ou andavam na rua. Outros tempos, que em nada se comparam aos de hoje: *andar descalço na rua, jogar à bola, partir um vidro, uma falta de respeito iam para a Tutoria para aprenderem a ser educados.*

A sociedade, a *gente de respeito*, não aceitava estas mulheres, *ordinárias, vadias*, não gostavam de trabalhar queriam dinheiro fácil e rápido. Eram um mau exemplo para as mulheres honradas, por isso evitavam passar nos sítios onde essas casas estavam instaladas.

Na rua, não podiam evitar o cruzamento com as de *mau porte*, conviver com o seu aspecto indecoroso e a sua linguagem ordinária, incomodava muito as senhoras de família.

O Ardina era um conhecedor de tudo o que se passava na cidade; desafiámos a sua memória sobre a eventualidade de ter ouvido rumores de algum escândalo entre prostitutas e gente conhecida que viesse a público. Em sua opinião, um facto destes nunca poderia acontecer; existiam muitas influências e gente demasiado importante, a censura abafava tudo.

O Ardina mencionou que a *queda destas mulheres* estava ligada à miséria, (que era muito grande nesse tempo), falta ou perda de emprego, jovens seduzidas, quando engravidavam eram abandonadas, obrigadas a criar os filhos, sem ajuda de ninguém. A família que muitas vezes sabia de onde vinha o dinheiro que as filhas ganhavam, fingiam acreditar nas histórias que lhes eram contadas. Uma gravidez colocava tudo a descoberto e representava mais uma boca para alimentar, por isso as expulsavam de casa.

Contudo, para o nosso entrevistado as principais responsáveis da entrada das mulheres na prostituição eram as *chegadeiras*, denominação atribuída a mulheres que sabendo das dificuldades, sonhos de uma vida melhor, apontavam às raparigas solteiras ou casadas o caminho mais fácil e rápido para ganhar dinheiro.

As *chegadeiras* funcionavam como intermediárias entre os homens ou as donas dos bordéis: *Eram elas que chegavam as mulheres aos homens, o que custava era a primeira vez, depois era como outra coisa qualquer.*

Na opinião do Ardina, o tema prostituição, nos nossos dias não é diferente do passado, pelo contrário considera-o pior; as mulheres estão por todo o lado, cada vez são mais com a vinda das estrangeiras, não são inspeccionadas pela Delegação de Saúde, a polícia não pode fazer nada. O aparecimento dos telemóveis foi a desgraça completa.

O Braga nasceu em 1931, na cidade do Porto. Filho de uma união que considera perfeita. O pai sapateiro de profissão a mãe doméstica, o habitual para a época.

Os pais obrigaram-no a frequentar a escola primária, que não concluiu por ser malandro; *a rua e a bola chamavam por mim, esse era o meu prazer.*

A mãe mais compreensiva aturava as suas malandrices, o pai, bastante severo, não gostava de vadios, por isso obrigava-o a trabalhar na arte de sapateiro, contribuindo para o pequeno negócio da família.

Sempre foi rebelde, adorava a noite e aquilo que ela lhe oferecia, mulheres não deixava escapar uma. Ao trabalho nunca faltava, podia ir sem dormir, mas à abertura do pequeno estabelecimento, o Braga estava pronto para a labuta diária.

De tantas mulheres que conheceu, encontrou a que pretendia para casar. Os pais da rapariga não aceitavam o namoro. O Braga tinha fama de mulherengo e trabalhava com facas.

Naquele tempo todas as profissões que metessem facas, sapateiros, talhantes e outras, eram mal vistas. Éramos considerados perigosos, porque sabíamos manejar bem as facas, o povo via-nos como perigosos e arruaceiros.

O casamento só foi conseguido porque a jovem engravidou, mas as reticências dos sogros foram tantas que só o consentiram quando a neta completou quatro anos.

O pai deu-lhe sociedade no negócio por considerar que o casamento e a paternidade o tornariam um homem responsável, a vida nocturna pertencia ao passado, o Braga seria um bom chefe de família.

Analisada a história de vida deste homem compreendemos que os sogros tinham razão; economicamente nada faltou à família do Braga, com a sua presença a família não pôde contar. As saídas nocturnas mantiveram-se, assim como as relações paralelas. Referiu-as com um prazer que lhe modificava o semblante. Julga ter sido o homem mais pretendido da cidade.

O Braga não se considerou culpado dos relacionamentos extra conjugais: *elas é que o procuravam, ofereciam-se, ele não era homem de recusar. O casamento não o impediu de ter sempre namoradas, mais do que uma ao mesmo tempo. O que acontece até hoje.*

A situação familiar do Braga continua a ser o reflexo da vida dupla que manteve. Insiste num casamento, de fachada como diz, pois a mulher nega-se a acompanhá-lo a qualquer sítio ou situação, como férias, festas de família, idas ao cinema, entre outras.

A sua única filha cortou relações com o pai. Não mostra qualquer incómodo pela situação, sabe bem como a resolver: continua com os seus casos amorosos, em casa tem a roupa lavada, e, quando morrer deixa os seus bens ao neto.

Para o Braga, falar de prostituição é cómodo, conhece bem o assunto. Referiu que nunca frequentou essas casas, preferia os engates de Domingo, ficavam mais baratos, levava-as para a praia do Areinho, ganhava a sua confiança, prometia-lhes casamento, elas caíam. Debaixo dos eucaliptos passei bons momentos. *A este lugar ainda hoje chamo a Pensão Eucalipto.*

Em sua opinião, as mulheres são alvos fáceis, especialmente as comprometidas, casadas ou com namorados: *umas palavras doces, tocar-lhes com carinho, avançar devagarinho, o que os companheiros não sabem fazer, e elas ficam caídas, entregam-se facilmente.*

Das prostitutas que conheceu no Porto, referiu que elas eram provenientes de vários locais da província, procuravam na cidade emprego, como criadas de servir, costureiras ou operárias.

As prostitutas nascidas na cidade, em geral eram filhas de mulheres que já andavam na vida, entregavam as filhas a amas, e muitas, nunca mais as procuravam. Estas crianças cresciam na rua, tornavam-se vadias, acabavam na Tutoria ou na prostituição, como as suas mães e avós.

Recordou a existência de normas para o exercício da actividade da prostituição. As raparigas tinham de ser de maior idade, portadoras de um livrete com um visto da Delegação de Saúde que atestava as suas boas condições físicas (ausência de doenças venéreas) para trabalhar.

Destacou as fadistas como prostitutas encobertas, cantar o fado era a sua profissão, depois de encerrada a taberna tinham os seus arranjinhos.

O Braga considerava que as prostitutas mais desgraçadas eram as da rua, as clandestinas. Angariavam os clientes com o seu palavreado *rasca*, consumavam o acto em pensões, ou em casas particulares destinadas a esse fim.

As mulheres que exerciam este ofício em exclusividade não se escondiam, as mais cautelosas eram as casadas, tinham os seus arranjinhos mas tentavam passar por senhoras sérias para não serem faladas.

Os *chulos* eram uns malandros, não gostavam de trabalhar, enganavam as raparigas, com promessas falsas como: tirá-las da vida, casar e ter filhos. Constituir família e serem vistas pela sociedade como senhoras sérias era o sonho de todas as prostitutas.

Estes malandros contavam sempre a mesma história às raparigas. Amavam-nas muito, só lhe pediam um bocadinho de paciência para que eles pudessem resolver um problema grave de dinheiro. Depois nem as queriam nessa vida. Foi com este conto do vigário que muitas moças entraram na vida, e nunca mais saíram.

O Braga não faz ideia do dinheiro ganho pelas prostitutas, pensa que não seria uma quantia certa, dependia dos homens que atendiam por dia e da altura do mês.

Os *chulos* eram os administradores das finanças das prostitutas: Estipulavam uma quantia diária, o incumprimento por parte das mulheres era punido com violência física e verbal. Criavam um clima de terror que as mulheres faziam de tudo para cumprir as ordens dos *seus chulos*.

Violadas, agredidas, juravam nunca mais voltar para o seu homem. Eles contornavam bem o obstáculo. Se elas fossem uma boa fonte de rendimento pagavam-lhes um jantar, proporcionavam-lhes uma noite de *amor*, justificavam a sua atitude com os ciúmes. Com estes mimos circunstanciais traziam-nas de volta à normalidade: *atacar o mais possível e entregar-lhes todo o dinheiro*.

Quando as mulheres já não rendiam, ou eram presas, arranjavam outras que rendessem mais, desapareciam...

O nosso entrevistado assistiu a muitas cenas de pancadaria entre prostitutas que disputavam o mesmo homem. *Gostavam de usar a navalha para marcar a rival no rosto.*

Sobre os subornos policiais, afirmou ter conhecimento da sua existência. O negócio da prostituição era e ainda é muito lucrativo. As donas das *casas de passe* e os *chulos* calavam os agentes, com dinheiro e favores. As autoridades esqueciam a idade das raparigas (muitas eram menores), a obrigatoriedade da matrícula, ou o visto da inspecção

As pessoas de família não olhavam para estas mulheres com bons olhos, não passavam nas ruas onde se situavam as casas de passe. Na rua viravam a cara para o lado. Os maridos queriam as suas mulheres e filhas afastadas, desses meios e *dessa gente*.

O Braga considera que as famílias reagiam com repulsa à presença das prostitutas por uma questão moral, por isso as chamavam *mulheres de mau porte*.

As doenças sendo as mais conhecidas na época: o cavalo ou a mula, a sífilis, a tuberculose, eram associadas à prostituição, esta era mais uma razão para a sociedade considerar que as prostitutas eram uma chaga social.

As prostitutas quando contraíam doenças venéreas eram tratadas em local próprio, junto ao Jardim de S. Lázaro. Outras encobriam a doença tanto tempo, que já não havia forma de as tratar. Muitas morreram no hospital.

Os homens também eram afectados por estas doenças, procuravam a ajuda de um enfermeiro muito conhecido da cidade. A cura consistia em queimar-lhes a ponta do pénis com nitrato de prata. Os gritos ouviam-se no início da rua, eles tinham que aguentar era a forma de esconder das mulheres a vida em que andavam.

O Braga conheceu muitas prostitutas que engravidaram e trabalharam até ao nascimento da criança. Quando os filhos nasciam eram entregues a familiares, que os recebiam a troco de uma mensalidade, ou a amas. Não considera que a entrega dos filhos fizesse das prostitutas más mães. O tipo de trabalho que exerciam obrigava-as a agir dessa forma.

Os abortos eram praticados por muitas prostitutas e mulheres sérias. *Desconheciam a forma de evitar os filhos, não existiam os métodos de hoje*. O Braga sabia onde as mulheres abortavam. *As mais pobres nas habilitosas, as com possibilidades faziam-nos em médicos ou enfermeiras parteiras*.

A palavra sindicato para o Braga lembra-lhe os comunistas, não gosta desta palavra. Nunca ouviu falar de sindicatos para prostitutas e está convicto que elas também não.

Pedimos ao Braga para nos dar a sua opinião sobre a legalização da prostituição. O Braga é completamente contra, justifica-se dizendo:

As mulheres que entravam nessa vida era por necessidade, passavam muita fome e miséria, naquele tempo era assim.

A prostituição era o meio de obterem dinheiro rápido e fácil. Enquanto jovens tinham muitos clientes, ganhavam bem, iludiam-se, não poupavam para a velhice por isso muitas morreram na miséria.

As mais espertas tentavam *apanhar* um *lorpa* que as tomasse à sua conta, ou que lhes abrisse uma casa para elas assegurarem o seu futuro.

Os homens que atendiam não representavam nada para estas mulheres, fingiam prazer em troca do pagamento.

Legalizar a prostituição iria atrair mais raparigas para uma vida sem moral, sem futuro e de exploração. Nenhuma mulher gosta de ser *puta*, as que o foram, ou são, estão nessa vida por necessidade ou enganadas por um malandro.

Investigar o fenómeno da prostituição é penetrar num espaço de silêncios e interditos. A prostituição é um fenómeno multicausal e multidimensional. Compreender este fenómeno, parcialmente, conduz-nos à procura de mulheres que optaram pela venda do sexo e ao terreno onde esta actividade se desenrola.

Contudo, outros terrenos e outros actores podem configurar actos e atitudes similares à prostituição. A mulher carente, solitária, que a viuvez libertou das amarras de um casamento pejado de obrigações e violência, e, que na fase mais madura da sua vida encontrou o conforto de dispor do seu tempo, do seu dinheiro e do seu corpo, como entende. O homem que procura companhia ou está só ou a mulher que deixou em casa, já não preenche o imaginário de uma juventude que pretensamente continua a acreditar possuir.

Outros procuram em locais próprios os incautos, homens ou mulheres que a troco de companhia se disponham a contribuir com dinheiro ou bens.

Penetrar numa danceteria da cidade conhecida pelo facto de ser frequentada por homens e mulheres de idade avançada. Sendo o espaço em causa rotulado de frequência duvidosa, foi o mote para procedermos à exploração deste território.

Foram contactadas pessoas que conheciam o espaço que se pretendia observar. Todos foram unânimes que não era um terreno a pisar por uma mulher sozinha. Perante a firmeza demonstrada de ir à danceteria, com ou sem ajuda, os conhecedores do espaço fizeram a única coisa que lhes era possível: marcar uma mesa, localizada de forma a observar o espaço e os frequentadores. A fase seguinte era por minha conta e risco.

Seguindo as instruções que me foram dadas, cheguei às três horas à entrada da danceteria. Procedi de acordo com as indicações dadas: falar o menos possível, vestir uma roupa adequada, pagar a entrada e não fazer qualquer observação enquanto não penetrásse na sala de baile. A entrada custava 3 euros com direito a mesa, baile, uma bebida e lanche.

Enquanto esperava pude perceber que o meu vestuário não era o mais adequado ao meio envolvente. As mulheres usavam roupas que faziam realçar as formas do corpo, já muito alterado pela idade, muito chamativas: cujo tom predominante era o dourado, também usado no cabelo e nos acessórios igualmente abundantes.

Os homens dividiam-se em dois grupos: os de fato e gravata e os vestidos de negro com a camisa aberta. Ao pescoço fios de ouro com crucifixos nos pulsos grossas pulseiras e anéis nos dedos.

A minha primeira surpresa aconteceu na entrada para o recinto. Dois dos homens vestidos de negro e bastante corpulentos revistavam os meus pertences. Tudo foi examinado ao pormenor: estojo de canetas, bloco de notas e outros objectos de uso pessoal.

A fase seguinte era a passagem pelo detector de metais, não havendo problema estava liberada a minha entrada no recinto de baile.

A danceteria é um espaço grande, pouco iluminado. Ao centro está colocado um palco onde actua o conjunto que anima o baile.

As mesas enchem todo o espaço que se divide em zona de fumadores e não fumadores. O nosso intermediário reservou uma mesa na zona de não fumadores, o mais central possível, para que pudesse observar a pista de dança e o ambiente circundante.

Enquanto o conjunto se preparava para actuar, foi-me possível dar atenção à decoração do espaço. Os sofás em tecido vermelho escuro, tornavam o ambiente pesado. Do tecto pendiam bolas brilhantes e de onde a onde colocaram palmeiras artificiais. No canto junto à porta de entrada, havia um bar onde serviam bebidas e também se fazia a troca do bilhete pelo lanche.

A festa começou os músicos tomaram conta do palco, todos eles tinham mais de cinquenta anos. Vestidos como nos anos setenta, cabelos brancos pelos ombros, iniciaram o baile. Tocavam uma música que me era completamente desconhecida, mas do agrado dos utentes habituais, pois ao som dos primeiros acordes saltaram para a pista os dançarinos.

Aberto o baile, dei início ao segundo objectivo que me levou àquele lugar: perceber como se formavam os pares. As senhoras ocupavam as mesas, os cavalheiros perfilhavam-se de pé, junto das primeiras mesas numa atitude de observação. Escolhida a interessada ou se deslocavam à mesa, fazendo o convite oral ou apontavam o dedo. Elas levantavam-se de imediato e saltavam para a pista com o homem que as escolhera.

As mulheres que não eram solicitadas iam para a pista dançar sozinhas a fim de demonstrar a sua disponibilidade aos homens que ainda não tinham

escolhido parceira. A estratégia só resultou para algumas. As que não foram convidadas dançaram toda a tarde sozinhas ou formando pares de mulheres. Ao fim de uma hora foi-me permitido concluir que um grupo de bailarinos já tinha acasalado. Não me é possível garantir que este tenha sido o primeiro encontro de todos, mas com toda a certeza era de muitos. A forma como o convite foi feito, a primeira dança, demonstrava um conhecimento de ocasião. Reparei que os pares que não mudavam de parceiros começavam a ocupar um espaço mais reservado e menos iluminado da pista. Da minha mesa não me era possível observar o que se passava nesse espaço. A minha alternativa era passar para a sala de fumadores, o que me obrigava a atravessar a pista de dança.

A deslocação que fiz esclareceu as minhas dúvidas. Os casais ocupavam este espaço para o enamoramento: trocas de beijos apaixonados, as mãos escorregavam pelos corpos fixavam-se nas partes eróticas.

Provavelmente por ser um elemento desconhecido daquele espaço ou pelo meu perfil não se enquadrar no da maioria das utentes fui sistematicamente abordada para dançar. Começava a ser difícil a minha situação. Reparei que as senhoras se deslocavam com muita frequência à casa de banho. Resolvi seguir os seus passos.

A solução por encontrei tinha um duplo objectivo; fugir das investidas de que estava a ser alvo e tentar entabular diálogo com as frequentadoras. Facto que me foi impossível concretizar na mesa. A música altíssima não permitia conversas e as mulheres não estavam interessadas em falar. O seu objectivo era o convite de um homem para dançar.

Na casa de banho podia ouvir as conversas que mantinham entre si. Todos os diálogos gravitavam em torno da sorte da tarde. Umas felizes porque tinham arranjado companhia, outras maldiziam o comportamento das companheiras, porque eram escandalosas: *faziam tudo para ter um homem, até roubar o parceiro da colega, eram umas desavergonhadas.*

Lentamente fui entrando na conversa das senhoras que retocavam a maquilhagem. Inicialmente olharam-me com desconfiança. Fiz passar a mensagem de estar num período difícil da minha vida; estava a ultrapassar um divórcio muito complicado, sentia-me sozinha e muito deprimida.

Referi que aquele local me foi indicado por um conhecido que me deu óptimas referências não só do ambiente como das pessoas que o frequentam.

Uma das presentes, mais confiante com o meu desabafo respondeu prontamente: *Não há melhor lugar para esquecer as mágoas e passar uma boa tarde. Venho sempre que há baile, às terças e quintas de tarde e à noite quando organizam festas.*

A Maria era uma mulher com 68 anos, diz ter sido enfermeira, nunca casou para se entregar à profissão. Agora, com uma boa reforma, acha que é tempo de gozar a vida. Não ia esperar a morte fechada dentro de casa, ainda tinha muito para viver.

Aquele era o lugar ideal, dançava, o que gostava muito de fazer e ainda conhecia pessoas. *Sei lá se não é aqui que encontro o homem dos meus sonhos.* Proferiu a última frase com uma gargalhada.

A Celeste é uma mulher com 75 anos, viúva, reformada da indústria (não refere em que ramo da indústria trabalhou, disse apenas que foi operária). Amiga da Maria, menos exuberante do que a sua companheira e mais retraída ao diálogo.

Os motivos evocados para frequentar a danceteria assemelham-se aos da sua amiga -: a solidão e a procura de um pouco de divertimento. Do seu passado não guarda boas recordações: *Foi uma vida de muito trabalho, na fábrica e em casa. Eram tempos de miséria, passei fome para dar de comer aos meus filhos, o meu marido gastava muito na bebida. Não lhe podia dizer nada, ele respondia com murros e pontapés.*

Agora com a minha reforma e a pensão que recebo do meu falecido, quero gozar os poucos anos que me restam; - só quero ter saúde para poder continuara a vir para aqui, gosto muito deste lugar é um sítio de respeito onde nada de mal se passa.

As duas amigas saíram. Depois dos retoques na maquilhagem, e uma boa quantidade de perfume, estavam prontas para voltar à sala de dança.

Segui as minhas conhecidas, não havia mais ninguém nos lavabos e o cheiro do perfume com que as duas impregnaram o espaço era insustentável.

De volta à mesa continuei a observação do meio. A música que o conjunto tocava era mais calma. Este facto foi-me explicado na casa de banho pelas

duas frequentadoras: *Eles começam com música rápida para arrumar os velhotes, depois vem a calminha.*

Os pares continuavam na pista, agora mais cúmplices. Não o escondiam, pelo contrário deixavam bem visível o seu comportamento.

Ao fim de quatro horas fui forçada a abandonar o local. Os convites continuavam a surgir de forma cada vez mais insistente, a minha recusa sistemática poderia levantar alguma suspeita, preferi não arriscar, não me sentia segura.

Reflectindo em tudo o que observei, não me restavam dúvidas do que se passava na danceteria. As mulheres, em maior número, *procuravam a juventude perdida*, período da sua vida, que pretendiam esquecer, pois na época tudo lhes era proibido. O medo e a solidão tomaram conta do espírito destas mulheres.

Hoje *libertas* da autoridade masculina e das convenções sociais percorrem o caminho para a danceteria em busca do prazer da vida, sobretudo para encontrar um parceiro com quem possam partilhar a sua existência.

Cruzando os objectivos que me propus analisar na danceteria, todos os indicadores apontavam para um local de encontros em que as mulheres se ofereciam em troca da atenção de um homem, de quem esperavam companhia, saídas, prendas, sexo. Eles procuravam quem lhes mantivesse a casa, a roupa, o carro.

A propósito dos casais que se formam dentro da danceteria, um frequentador comentou:

Contam sempre as mesmas histórias, elas acreditam, só percebem que as usaram quando as suas poupanças, ouro e pensões foram absorvidas pelas desgraças passageiras do companheiro.

São frequentes os desacatos neste lugar, normalmente provocados por cenas de ciúmes. Os matreiros, quando percebem que já exploraram a mulher com quem andavam, procuram outra a quem possam contar a mesma história e continuar a viver à custa delas. A maior parte é malandragem.

As ilações retiradas da minha observação e das curtas conversas com as mulheres com quem dialoguei na casa de banho, careciam de confirmação. Esta chegou-me pela Emília. Frequentadora assídua dos bailes do Porto e em

especial da danceteria que visitei. Propôs-se a colaborar, a contar tudo o que sabia e que fazia parte da sua história de vida.

A Emília nasceu em 1935. Filha de pai incógnito. Não recorda com exactidão que tipo de trabalho a mãe fazia, pensa que faria um pouco de tudo. Ajudava no campo, vinha ao Porto fazer fretes, (trazer e levar encomendas das empresas de camionagem), lavava roupa para fora. Tudo era pouco para sustentar os cinco filhos.

A Emília frequentou a escola até à terceira classe. Com a morte da mãe quem assumiu a responsabilidade da casa foi a irmã mais velha. A Emília começou a trabalhar cedo numa fábrica de cerâmica, não muito distante do local onde viviam.

A irmã mais velha casou e foi viver para Lisboa. A Emília tem muitas saudades desta irmã, gostava de a visitar mas tem medo de ir tão longe. Sabe que pode contar com a sua segunda mãe para tudo, o problema é a distância.

Conheceu o seu falecido marido, ainda era uma criança. Ele era uma boa figura, trabalhava como cobrador na empresa de camionagem do lugar onde viviam. *Vestia bem e falava melhor, não demorou muito, para eu estar nas mãos dele.*

Engravidou, como era de menor idade ele foi obrigado a casar com a Emília. Alugaram os anexos de uma casa. *Era tudo muito pequeno, de uma sala fiz dois quartos, separados por uma cortina; do outro lado, tinha uma cozinha e uma salinha de jantar. A retrete era fora. Foi onde vivi e criei as minhas três filhas.*

Do marido não guarda nenhuma saudade, dele só tem más recordações.

O marido sempre a violentou, usava-a como um instrumento de trabalho (as suas roupas tinham que estar devidamente lavadas e passadas a ferro; quando fazia refeições em casa, ela devia confeccionar o que o ele gostava).

O marido da Emília, (nunca referiu o seu nome) passava muitas noites fora de casa. Ela não se importava, sabia que ia ter com outras, mas era um descanso. As noites em que dormia em casa eram um suplício para a Emília:

Todas as noites queria festa, eu estava tão cansada: o trabalho da fábrica, tratar da vida de casa. Eu e as minhas meninas tínhamos pouca roupa, como sempre gostei da limpeza muitas vezes lavei as batas e a minha saia e sequei

a roupa no fogão para estar em condições no dia seguinte. Nem assim ele me dava sossego.

O meu falecido era um tarado, não lhe servia sexo normal, queria de tudo, se eu me negasse era barulho e pancada. Tinha vergonha da vizinhança, por isso fazia-lhe a vontade. Muitas vezes trinquei um pano para não berrar com dores. Outras vezes vomitava, ficava enojada com o que ele me obrigava a fazer.

O dinheiro que o marido ganhava era gasto em mulheres e bebida. Como tinha três filhas para sustentar, aceitava todas as horas extra a fim de conseguir levar uma vida pobre, mas honesta.

O encarregado da secção onde trabalhava cedo percebeu a fragilidade em que se encontrava, como amigo, tomou a seu cargo contemplar a subalterna com o máximo possível de horas extra, não queria nada em troca, era só amizade. Rapidamente a Emília percebeu que a *amizade* não passava de uma troca de favores: ele conseguia-lhe mais dinheiro ao fim do mês, que resultava do seu trabalho extra, ela tinha de consentir os *apalhões* quando estava sozinha a separar os azulejos defeituosos.

A fábrica em que sempre trabalhou, passou por graves dificuldades no período pós 25 de Abril. A indústria, paulatinamente, foi forçada a modernizar-se, operários sem especialização e analfabetos foram dispensados, como aconteceu à Emília.

A morte do marido foi uma libertação para a Emília, só *lhe custava estar sozinha!* As filhas já casadas e com netos, faziam a sua vida, convidavam a mãe quando podiam.

Reconhece que não sabe viver só e que lida mal com o sofrimento, por isso quando *lhe faleceu o neto*, ainda bebé, entrou numa depressão, *queria morrer*. As vizinhas faziam o que podiam para a ajudar. Nada resultava, metida na cama, não queria comer nem beber, só queria a morte para descansar.

Uma das suas vizinhas apontou-lhe o *caminho para a salvação*: Uma igreja onde curavam todos os males. Não queria, a vizinha, as filhas tanto insistiram que a Emília acabou por ceder.

A entrada da Emília nessa instituição curou-lhe a depressão e devolveu-lhe a vontade de viver. Agradeceu a sua volta à vida entregando o pouco dinheiro que tinha no banco, conseguido pelas retribuições da Segurança Social aquando da morte do marido.

De novo com gosto de viver, como gosta de afirmar, inicia os seus passeios dominicais ao Porto. Encontra amigas, antigas companheiras de trabalho que lhe indicam e se prontificam a acompanhá-la a um *lugar* ideal para pessoas sós. É desta forma que a Emília conhece, a danceteria que visitei.

As minhas observações, ilações e contradições das senhoras com quem conversei, foram confirmadas pela nossa fonte, diz a propósito:

A primeira vez que vão ao baile, o intuito pode ser de dançar, para quem gosta. O objectivo principal é o de encontrar uma companhia que preencha a solidão em que vivem. Não pretendem passar as tardes de Domingo apenas no baile, querem um companheiro que as leve a passear de carro, a conhecer novos sítios, a lanchar, uma vida melhor e também uns carinhos.

Quando encontram um companheiro de dança que lhes agrade e a quem sentem agradar voltam no baile seguinte com o coração aos saltos na expectativa de o encontrar à sua espera.

Aos 69 anos a Emília, conheceu na danceteria o Fernando. Admitia estar a viver uma história de amor análoga à dos livros infantis; *serão felizes para sempre.*

O Fernando, *mimou* a Emília fazendo-lhes todas as vontades, quando sentiu que a *presa* já estava pronta contou-lhe a *triste história* da sua vida. Foi abandonado pela mulher que o trocou por um rapaz mais novo, deixou a casa e os filhos de um dia para o outro.

O Fernando era motorista por conta própria. Ganhava muito dinheiro, transportava, diariamente, raparigas do Porto para um bar de alterne em Amarante.

A sua vida, nos últimos tempos, era marcada pelo azar. Numa das suas viagens sofreu um acidente, ninguém ficou ferido, mas a carrinha tinha ido para a sucata.

O dono do bar, um grande amigo, dispôs-se a emprestar-lhe dinheiro para comprar outro carro, quando recebesse do seguro acertariam as contas. Foi preso, por isso ficou impossibilitado de ajudar o Fernando.

A Emília não devia ficar preocupada, pois em breve os problemas financeiros do Fernando estariam resolvidos. O seguro tinha de lhe pagar uma avultada quantia. A sua maior tristeza era a de viver sozinho. Não gostava da solidão e

não sabia orientar uma casa. Os filhos não se preocupavam com o pai. Que nem uma sopa era capaz de fazer.

Emília ficou comovida perante tanta *desgraça*, porque não aceitar o convite de ir viver com ele: - *Depois do baile ia-mos para minha casa fazer amor, como a casa de banho era no exterior, as vizinhas já começavam a falar.*

Vendeu os móveis ao desbarato, fez uma trouxa com as roupas e foi viver *com o seu homem*.

A casa do Fernando pertence a um dos bairros de má fama da cidade do Porto. A Emília encontrou-a num estado caótico, impossível de ser habitada.

Durante uma semana limpou até ficar com os dedos em ferida.

Na casa faltava quase tudo: produtos de limpeza, de higiene, lençóis, toalhas, alimentação. Com o dinheiro que tinha no banco, fruto do trabalho que prestava como mulher-a-dias, foi comprando o que era necessário.

O Fernando, servido de *criada*, operacionalizou o passo seguinte: controlar o dinheiro que a Emília recebia mensalmente, da pensão de viuvez e do trabalho adicional como mulher-a-dias.

Etapas a etapas o Fernando foi conseguindo os seus intentos, apenas faltava a compra de um carro usado. Justificou esta pretensão, junto da Emília como um meio de abandonarem o baile. Aquele, não era um bom ambiente para a sua mulher. Com carro podiam passar os Domingos de outra forma. Iam passear, forma da Emília conhecer novos locais e podiam ir a Lisboa visitar a sua irmã.

Perante *tal* manifestação de afecto e preocupação, a Emília levantou o último dinheiro que tinha no banco, compraram o carro, que ficou em nome do Fernando.

A Emília, de carro, foi uma vez à Foz e outra à feira de Espinho.

O Fernando necessitava do carro diariamente para tratar dos seus assuntos, incluindo o Domingo. Justificava a sua atitude, com a necessidade de procurar um amigo, que levantara dinheiro da caixa e desaparecera. A responsabilidade era sua, se ele não restituísse o dinheiro, o Fernando teria de o fazer.

A Emília, começou a desconfiar de tantas desculpas. Sem dizer nada deixou o Fernando sair, numa tarde de Domingo, e foi até à danceteria. Descobriu que continuava a frequentar o baile e já tinha outra namorada.

Emília voltou para casa, como não gostava de escândalos, optou por falar com o companheiro mais tarde. A confirmação da desconfiança da Emília permitiu-

lhe perceber o que se passava à sua volta. Só agora entendia porque motivo quando ia à mercearia, a dona e as vizinhas a olhavam com piedade, e diziam: *A senhora não é daqui. Coitada não sabe onde se veio meter. São todos iguais, pai e filhos. O pai é um zaragateiro, ninguém pode falar com ele. Os filhos andam na droga e a roubar, as filhas, essas, até as casadas são umas putas.*

O Fernando voltou do baile, não mostrou nenhum sinal de preocupação com o que a Emília tinha descoberto. De forma arrogante, pediu para jantar, ela tentou falar sobre o que tinha visto. Levou um murro na cabeça que a atirou ao chão. Incapaz de continuar a conversa que tinha iniciado, foi para a cama.

O companheiro jantou, viu televisão e quando decidiu ir para a cama, obrigou-a a ter relações sexuais. A propósito, a Emília referiu:

Não imagina como me senti. Cedi porque tive medo dele, parecia um louco. Não sabe o pior ele não gostava de sexo normal, só se vinha nas minhas coxas. Era um nojo.

Emília percebeu que não podia continuar a viver com aquele homem. Perdeu a vergonha, pediu ajuda a uma das irmãs. Joaquina prontificou-se a auxiliá-la com uma condição o marido não podia saber de nada.

A Emília tinha de recomeçar a sua vida. Procurou uma casa, a mais barata que encontrou tinha uma renda de 20 contos. A casa era muito pequena e sem condições, o aluguer era um grande encargo para a Emília, mas todos os sacrifícios eram preferíveis a continuar com o Fernando.

Com a ajuda da irmã preparou a fuga da casa do amante. Aproveitou o dia em que ele foi à Segurança Social e fugiu.

A Emília estava agora mais sozinha que anteriormente. As filhas falavam com a mãe às escondidas, *os genros não gostaram do passo que a Emília deu. Viram logo que ele não prestava. Filhas e netos não a podiam visitar, o homem tinha de estar a esconder alguma coisa.*

Cansada da solidão voltou a dar as suas voltas de Domingo. Soube por uma das amigas que o seu ex - companheiro já vivia com outra mulher na casa que a Emília limpou e organizou.

Aos poucos, a Emília foi constituindo a sua vida; mobilou a casa que alugara, frequentava um Centro de Dia onde almoçava, lanchava e trazia sopa para a noite. Passeava com as amigas ao Domingo, estava tranquila. Apenas um

facto a atormentava, a sua filha do meio não conseguia andar bem de saúde. Há anos que frequentava um psiquiatra, mas nunca se encontrava bem.

Sempre perguntara à filha o motivo para tanta insatisfação. Nunca obteve uma resposta concreta. Sentia que a situação piorava, o neto tinha-a informado que o pai não aguentaria a mãe por muito mais tempo.

Marcou um encontro com a filha, insistiu em saber a razão para tanto descontrolo. Num acesso de raiva a filha explicou-lhe o motivo da sua doença. O pai tinha-a violado, bem com à irmã mais velha desde os dez anos de idade. A mais nova escapou porque as duas mais velhas se uniram e ameaçaram-no de contar tudo à polícia.

A violação das suas duas filhas durou anos, ocorriam quando a Emília fazia o turno da noite.

Jurou nunca ter desconfiado de nada e lamenta que as filhas lhe tenham escondido este facto. Ela podia ter aguentado tudo com ele, as suas meninas não, tinha-o morto. Lastima o facto de já não se poder vingar dele.

Sente-se perdida, não sabe o que fazer. A filha mais velha não quer falar no assunto. A do meio é incapaz de conviver com o facto de ter sido violada pelo pai, e de se realizar sexualmente com o marido, procurou outros homens, *mas todos lhe metiam nojo*.

A filha da Emília sabe que o seu casamento está a chegar ao fim, o marido não a entende, ela nunca lhe contará a verdade, tem uma vergonha que não consegue ultrapassar.

Emília não sabe como ajudar a filha, sente culpa de nunca se ter apercebido de nada, num acto de revolta vai ao cemitério e parte o tumulto do falecido. Os coveiros face ao descontrolo desta mulher chamam o 112. A Emília vai para a urgência do S. João. Não encontrou coragem para contar ao médico a razão da sua atitude. Sabe que lhe administraram uma injeção e a mandaram para casa.

Segundo a Emília voltou a encontrar a desgraça da sua vida quando aceitou o convite de uma amiga, de passar a noite de S. João no Porto, comentando a propósito:

Vim animada, sempre gostei de festas, então a de S. João é a minha preferida. Fomos directas ao baile das Fontainhas. Estava tão feliz, não sei como olhei

para o lado e vi o Fernando agarrado a outra. Senti que me deram um murro no estômago. O S. João tinha terminado para mim.

A Emília voltou a frequentar a danceteria aos Domingos à tarde. Sabia que encontraria o Fernando, foi o que aconteceu. Entre promessas de amor e de mudança, a nossa entrevistada deixa a casa que tinha alugado e volta para o Fernando.

No dia que me deu este testemunho confirmou que o seu companheiro em nada mudou. Sente que já não tem força para fazer mais nada, a sua vida é uma vergonha. Isolada de tudo e de todos espera que a morte chegue rápido, ou que tenha coragem para ser ela a acabar com tudo.

VIII – Análise dos Percursos de Vida

*As memórias são maleáveis e é necessário compreender como são caracterizadas e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade.*⁴¹

Em 1998 Joël Candau⁴² referiu a existência de três tipos de memória: a proto-memória (a que resulta do habitus e da socialização, que leva à actuação automatizada dos sujeito), a memória propriamente dita (o sujeito intensifica as recordações e o reconhecimento das mesmas) e a metamemória (o individuo define as representações do que viveu).

A memória e a metamemória retomam a noção de anamnesis pois significam uma procura activa de recordações, a maneira como cada individuo se entronca no seu passado e como, explicitamente constrói a sua identidade e se distingue dos outros.

A memória colectiva e histórica não é uma contrução independente, ela resulta da interligação da proto-memória, da memória e da metamemória. Reduzir a memória à espontaneidade e ao que cada indivíduo percepçiona para o seu eu eliminaria a determinação que a sociedade exerce o sujeito.

Na assunção do eu interior coexiste a memória pública e privada sendo difícil não reconhecer que as duas inter-agem e se formam em simultâneo, a propósito Paul Ricoeur afirma:

*Recordar é em si um acto de alteridade*⁴³.

Assim, a relação com o passado não se esgota numa lembrança em que o eu se vê a si mesmo como outro, mesmo quando o sujeito pretende furtar a diferença temporal, em nome da ubiquidade da sua identidade em todas as fases da sua vida.

O facto de recordar envolve sujeitos diferentes do evocador e de o desejo de ascender ao crível se comprovar com recurso às recordações dos outros. Namer considera: *a consciência do eu se constrói em correlação com camadas*

⁴¹ Burke, in Resumos das Comunicações do Congresso-1first International Oral History, Congress, October 2006, Porto, Portugal

⁴² CANDAU, Joel, 1998, *Anthropologie de la mémoire*, PUF, Paris, in, CATROGA, Fernando, 2001, *Memória, História e Historiografia*, Quarteto Editoras, Coimbra

⁴³ RICOEUR, Paul, in Resumos das Comunicações do Congresso-1first International Oral History, Congress, October 2006, Porto, Portugal

memoriais adquiridas, tem que se ter presente que estas só se formam a partir de narrações contadas pelos outros, o que prova que a memória é um processo relacional e inter-subjectivo.

Em suma, a formação do eu de cada indivíduo será inseparável da forma como ele se relaciona com os valores e grupos em que se insere, e de como organiza o seu percurso como projecto de vida. As suas recordações podem ser fragmentadas, sobretudo quando se reportam a períodos de tensão. Como refere *Walter Benjamin: a recordação é a rememoração «quente». Esta faculdade não se limita a evocar o passado; ao contrário, ela deseja transformá-lo, de modo a acabar o que ficou inacabado*⁴⁴.

*James Spaddley*⁴⁵ incita os investigadores a colocarem as necessidades das pessoas no cerne da própria investigação. As pessoas ao envolverem-se, tornam-se participantes deixando de lado o papel passivo e silencioso que a sociedade lhes atribuiu.

Despertar memórias, entender os esquemas comuns de significação, o código dominante independente do tempo, construir de uma forma democrática uma história de vida, de *alguém* que não é notável, não tem feitos importantes para serem inscritos nas páginas da História, mas tem a *sua alma* para libertar

Peter Burke refere: *Os historiadores interessam-se ou precisam de se interessar pelas memórias, considerando dois pontos de vista: como fonte histórica e como fenómeno histórico. Sob o primeiro aspecto, além de estudarem a memória como fonte para a historiografia, os historiadores devem criar uma crítica da reminiscência, nos moldes da operação de análise dos documentos históricos. Na verdade essa tarefa começou a ser cumprida em parte nos anos sessenta, quando alguns historiadores contemporâneos passaram a entender a relevância da história oral.*

Assim, a riqueza está em poder apreender nas histórias narradas os fios de tensão, as linhas condutoras, de fuga, que formam um quadro complexo e desafiador para a pesquisa histórica.

⁴⁴ BENJAMIN, Walter, in Resumos das Comunicações do Congresso-1first International Oral History, Congress, October 2006, Porto, Portugal

⁴⁵ SPADDLEY, James, 1979, The Ethnographic Interview, in Resumos das Comunicações do Congresso-1first International Oral History, Congress, October 2006, Porto, Portugal

A recolha dos testemunhos orais de mulheres que se prostituíram foi um apelo à sua memória. Abordar o seu passado criou focos de tensão entre o transmissor e o receptor. A maleabilidade impôs-se como condição à compreensão das recordações aos limites e contradições de quem as reproduzia.

A análise das contradições do discurso de cada mulher completara as suas possíveis histórias de vida.

No intuito de proceder à análise qualitativa dos dados recolhidos nas entrevistas procedemos à construção de uma ficha, instrumento facilitador da nossa leitura, e de quem vier a avaliar este trabalho

Maria das Dores de prostituta a patroa

Esta mulher iniciou a vida de prostituta, após a morte do marido, evocando necessidades económicas. Mãe de dois filhos, alegou que o dinheiro que ganhava como mulher-a-dias, não lhe possibilitava cumprir com as despesas básicas mensais. Não tendo qualquer tipo de ajuda, familiar ou assistencial, se a procurou, a prostituição surgiu como um emprego cumulativo, um aumento do orçamento familiar.

No relato, que fez da sua vida, foram detectadas várias incoerências, as quais se destacam:

Recusou qualquer referência à sua família de origem, pais, irmãos ou outro parente directo. A infância e adolescência não existiram no discurso desta mulher. As razões, para ela ter omitido partes da sua vida, poderá ter várias leituras: violência física e ou psicológica, incesto, entrada precoce no mundo da prostituição...

Mostrou uma grande precisão sobre; a idade em que contraiu matrimónio, profissão do marido, número de filhos e a doença que vitimou o seu companheiro.

Admitimos, que esta mulher, à semelhança das mulheres de famílias disfuncionais, para quem o casamento não era uma obrigação, assim como os contactos sexuais que iniciavam cedo, terá tido os dois filhos fora do casamento e, a prostituição já era uma actividade exercida, encoberta com o trabalho doméstico.

Em momento algum referiu o nome do marido, ou expressou qualquer palavra afectuosa sobre ele. Apenas indicou a sua profissão, trolha. A aquisição do prédio que referiu ser seu, facto por nós confirmado. Esta compra, muito invulgar à época, e sabendo as profissões do casal, actividades laborais mal remuneradas, mais se estranhou a compra de habitação própria. A explicação para este facto poderia residir no exercício de actividades paralelas no mundo da prostituição; ela prostituta, ele proxeneta.

Sobre os dois filhos só os refere em duas situações e como um problema. Quando pequenos foram o motivo para entrar na prostituição (precisava de os alimentar, pagar às amas). Agora, que são adultos, deseja que morram. O facto de serem toxicodependentes custou-lhe e custa muito dinheiro. Mostrou uma

grande preocupação em que, os dois rapazes, se venham a tornar um fardo para a sua filha.

A recuperação do prédio não foi apenas concebido como casa de habitação. O imóvel foi preparado para o exercício da prostituição clandestina, como prova a abertura da janela nas traseiras, que em caso de denúncia daria a fuga aos clientes. Esta preocupação demonstra que a Dores conhecia bem o mundo da prostituição e os seus interditos.

Afirmou que só recebia os homens, em sua casa e durante o dia, mas, dizia por outro lado que era bem conhecida do chefe de polícia. Ela foi para a esquadra mais de uma vez, apanhada com outras mulheres e travestis nas rusgas nocturnas

O relato da sua prisão configura um esquema de suborno mas, que ela dominava. Apesar de afirmar que nunca aceitou ser subornada, confessou que oferecia presentes e dinheiro para ser avisada das rusgas.

No que concerne à sua prisão, não nos parece que a Dores tenha sido absolvida de forma tão simples. Da bibliografia consultada, verificamos que uma detenção obrigava a que fosse lavrado um auto de ocorrência. Mesmo com um bom advogado, como afirmou, sair ilibada, sem uma multa para pagar, ou uma advertência não é credível.

Maria das Dores, mais por vaidade do que por vontade refere uma filha, a sua seguidora. Se do seu casamento só nasceram dois rapazes, então esta filha, o seu orgulho, terá sido fruto de uma relação com alguém que conheceu como prostituta. Confirmou, que não teve mais nenhum homem depois da morte do marido. O pai da filha terá sido um cliente, um proxeneta ou um protector. Um facto foi-nos possível apurar, quando se referia á filha demonstrava; carinho, orgulho e confiança, a ponto de ter deserdado os outros filhos a favor da filha mais nova que já está envolvida no negócio e será a sua seguidora.

Referiu constantemente que o negócio da prostituição já não é o que era, devido à falta de dinheiro e à concorrência das pretas e brasileiras. A acreditar nas suas afirmações impõem-se a questão. Como consegue esta mulher manter quatro casas de passe em funcionamento, na mesma rua?

Dores mencionou que já deixou a prostituição, hoje é apenas patroa. Esta mulher, na verdade, nunca abandonou a prostituição, assegurou a sua *saída* explorando as mulheres que trabalham nas suas casas.

Será a Dores uma vítima, apanhada nas redes da prostituição?

Maria prostituta por necessidade

Maria nasceu em 1934. A morte prematura dos pais remeteu a criança para os cuidados de uma tia. Desconhecia se esta sua parente (irmã da mãe) detinha algum poder legal sobre a sua pessoa, sabe que foi a tia que decidiu o seu futuro. A tia da Maria, cujo nome não referiu, acordou com a dona da venda da terra enviar a sobrinha para servir no Porto.

O relato da Maria sobre a forma como veio para o Porto encontra-se dentro dos parâmetros atitudinais do meio rural à época. Situações como as da Maria são relatadas com frequência; famílias numerosas em que os filhos contribuem desde cedo para o orçamento familiar, dos pais, padrinhos a quem são entregues para serem criados, pois o trabalho rural era mal pago, e, normalmente sazonal.

O novo trabalho da Maria, fruto da convivência entre a tia e a “dona da venda, configurava uma situação de duplo interesse: o familiar eliminava um elemento do seu seio, a quem não tinha de prestar os cuidados básicos de subsistência e auferia do salário que o menor viesse a ganhar, por outro lado, a angariadora recebia uma comissão pela prestação do serviço, sem qualquer responsabilidade, assim eram atiradas para o desconhecido estas *jovens/crianças*.

A Maria veio trabalhar para uma casa e cidade que desconhecia, foi depositada pela tia nas mãos de pessoas alheias, de nada foi advertida, salário, horário de trabalho, folgas, ou qualquer outro direito.

Não foi informada porque não tinha de ser, a lei protegia o trabalho e a exploração infantil. Assim só no seu novo emprego percebeu que tinha uma panóplia de obrigações, os direitos, se podiam ter essa denominação, resumiam-se a uma tarde de folga quinzenal.

Maria, como qualquer jovem, gostava da liberdade, encontrava-a na cidade. Ela semanal podia percorrer as ruas, descobrir o que a urbanidade tinha para lhe oferecer e, sobretudo, conhecer e dialogar com o sexo oposto sem ficar uma rapariga falada, como acontecia na sua terra.

Foi no deslumbramento da sua independência que Maria encontrou o rapaz que definitivamente a afastaria da sua terra e lhe permitiria apresentar-se aos seus familiares como uma vencedora. O casamento de uma rapariga da

província com um rapaz da cidade funcionava como uma promoção no meio rural.

O sonho de Maria esfumou-se com a gravidez. O pai do filho que lhe prometera casamento quando teve conhecimento da notícia arquitetou um plano para por termo à situação. A Maria deveria pensar em abortar, decidiam o que fazer no próximo encontro que nunca aconteceu.

A forma como a Maria falou do seu passado, as palavras que usou, a dor que o seu rosto revelou, as lágrimas que ainda derramou, a vergonha que sente, o rumo que conseguiu dar à sua vida conduziu-nos a uma mulher vítima de um sistema familiar e político e inoperante.

Emília, que nunca foi prostituta

A história de vida da Emília traduz-se no desconhecimento do pai, na morte prematura da mãe, tendo por isso necessidade de começar a trabalhar antes de terminar a 3ª classe.

Operária de uma fábrica de cerâmica ainda hoje muito conhecida, conheceu o pai das filhas de quem engravidou antes da maior idade e com quem casou.

Ficamos com dúvidas se o assédio do encarregado transpôs as fronteiras das palavras. A Emília falou deste homem como um amigo que sempre a protegeu e amparou nos momentos difíceis, mesmo depois de ter sido dispensada da fábrica.

Para o marido, a Emília, não passava de uma prostituta. Ele usava o seu corpo quando e como queria, não era uma mais-valia para o orçamento familiar, pelo contrário, as suas exigências obrigavam esta mulher a trabalhar num sistema de *escravatura* na fábrica e em casa. Contrariar as vontades do companheiro, resultava em violência doméstica.

Na fábrica consentia as *investidas* do encarregado para obter, sobre as colegas o primado das horas que aumentavam o salário mensal.

Objectivando a Emília não deixou o marido, por vergonha, medo e falta de protecção judicial. A Emília tinha um *chulo* em casa, aceitava-o. Várias vezes foi aconselhada pela irmã que foi viver para Lisboa a abandonar *aquela vida*, nunca o fez, Lisboa era muito longe...

A morte do marido foi uma *alforria* para a Emília. Liberta da exploração física e emocional que o casamento lhe impunha, o facto das filhas já não dependerem de si poderia recuperar uma vida sem medos. Dependia de si própria para recuperar a felicidade que nunca sentira.

A mulher viúva e livre reencontra velhas amigas do seu tempo de operária fabril. Elas, as amigas, não tinham companheiro por isso ocupavam as tardes de Domingo a percorrer os bailes da cidade. Levaram a Emília consigo, mostraram-lhe os locais de divertimento e em especial uma danceteria onde poderiam encontrar divertimento e uma companhia.

Foi na danceteria que a Emília conheceu o Fernando com quem viveu uma história de amor que pensava ser para toda a vida.

O novo companheiro convenceu-a a abandonar tudo, casa, amigas e família. Fez a vontade ao seu homem de *boa fé* pois acreditava nas suas intenções. A

realidade foi bem diferente do que esperava. Segundo as suas palavras a vida com o Fernando foi um inferno. Voltaram as exigências, os maus tratos e as sevícias sexuais.

Foge do homem que a abusava. Recomeça a sua vida sozinha e assim fica durante dois anos. Encontra o Fernando numa noite de S. João e não sabe explicar a razão que a levou a voltar para o homem que tanto a maltratara, diz ser o seu destino.

Não reconhece qualquer valor à sua vida. Considera que a sua morte seria a única forma de se libertar do destino que pensa estar determinado desde o dia em que nasceu.

A Emília era uma mulher vergada ao peso da culpa e da vergonha. Resignada em aceitar a vivência com o companheiro e abandono da família aguarda a morte para ser feliz...

A Emília é *uma vítima* de si própria, dos sonhos de uma adolescência perdida e do sistema que permitia e permite histórias de vida como a sua.

Julieta de menina abusada a prostituta assumida

Dividimos o relato da Julieta em duas partes, como se pode comprovar pela entrevista feita, existem duas histórias de vida: a da infância e o percurso escolhido na adolescência.

Filha de pai incógnito e de uma criada de servir não soube o que era ter uma casa de família. Foi criada em amas e na rua, conhecendo precocemente o significado da liberdade e da luta pela sobrevivência.

Aos onze anos entrou na prostituição pela mão da mãe, que a entregou a um homem com filhas mais velhas do que ela. O homem a quem foi *dada*, cujo nome nunca referiu, encerrou-a numa casa de alterne na rua do Almada. Ele, não manteve com a *menina* relações sexuais mas obrigou-a à prática de sexo oral.

A mulher á nossa frente foi *vendida/entregue* por vontade própria da mãe em criança. A facilidade com que se efectuou a transacção, colocou-nos uma interrogação. Quem seria este homem? Um amante da mãe, ou alguém muito próximo para que a criança fosse entregue de forma tão simplista? A verdade é que cedeu aos caprichos do dito homem, provavelmente considerando que a criança já tinha idade para iniciar *vida*, podendo ganhar dinheiro para as duas, ou operacionalizou uma simples transacção comercial. Recebeu dinheiro pela menor e deixou de ter despesas com as amas...

Julieta justificou a sua fuga da casa de alterne porque conhecia a liberdade. Não gostava de estar presa. Queria ser novamente livre.

Apanhada na rua a *vadiar* foi presa de acordo com os regulamentos da época e enviada para a Tutoria, instituição de reeducação de jovens em perigo moral.

A Julieta considera que na Tutoria aprendeu o que era a vida. A convivência com todo o tipo de raparigas, desde prostitutas a criminosas, a ladras, permitiu-lhe conhecer o mundo que estava para além da casa de alterne da rua do Almada.

A directora, D. Rute, dirigia a instituição seguindo a filosofia do regime, *só o trabalho árduo podia libertar o corpo do vício e regenerar os perdidos*. O trabalho das utentes era explorado à exaustão, poupando recursos humanos e económicos ao Estado.

À época, a homossexualidade, *aberração da natureza* assustava mais os moralistas do que a prostituição, o facto de a Julieta brincar com uma colega de

presídio aos casais valeu-lhe a sua deportação para uma outra instituição do centro do país. Esta foi outra parte da sua vida que a nossa fonte propositadamente, referiu sem grandes pormenores. Desconhecemos as razões da omissão, poderá ser mais um dos actos marcantes da sua vida que procurou retirar da sua memória.

A memória, enquanto pertença de um ser é individual, cabendo ao seu portador sublimar factos. Assim se justificam as imprecisões de alguns episódios da vida da Julieta; relata com todos os detalhes a sua vivência com 11 anos na casa de alterne, mas omite a razão do seu castigo.

A Julieta fica em Peniche por um período que não revela. Não foi clara a forma como a mãe a encontrou e qual o interesse da sua progenitora, uma vez que aos 11 anos a entregou a um homem para usar como prostituta.

A Julieta é precisa relativamente às pessoas que a esperavam no Porto, a mãe e o homem que a levou para a casa de alterne, quanto à forma como saiu da instituição, o meio de transporte utilizado é ambíguo, diz ter vindo de camioneta, e ter desembarcado do comboio na estação de S. Bento.

Indicou com toda a segurança que da estação seguiu para a casa de passe da rua do Almada com o mesmo homem. O segundo período de convivência, com o mesmo indivíduo, resultou numa gravidez da qual nasceu a sua única filha.

Saída da Maternidade tomou a decisão de criar condições económicas para que a sua filha tivesse uma vida diferente da sua. Sobre o pai da criança, não fez qualquer referência.

A Julieta era uma adolescente, decidiu enveredar pela prostituição sem qualquer hesitação, os períodos passados na casa de passe tinham-na colocado em contacto com esta forma de vida que percebeu ser lucrativa.

Julieta revelou ser conhecedora da noite, cantou o fado em casas nocturnas, e reconheceu ser portadora de um corpo que seria o seu capital.

Conhecedora do comportamento das amas, converteu a mãe em sua empregada pagando-lhe o mesmo salário que recebia na casa onde trabalhava. Desta forma podia trabalhar à vontade, sabendo que a sua filha estava bem entregue. O comportamento da Julieta mostrava algo de contraditório entregou a filha que não desejou, mas que lhe despertou sentimentos de maternidade e responsabilidade à mulher que a tinha *vendido* aos 11 anos.

Afirmou que como prostituta foi sempre clandestina, não tinha *chulo* e exercia a sua profissão longe do meio onde vivia para não perder o respeito da comunidade e da família. Para que a sua actividade passasse completamente despercebida comprou um carro, poderia assim deslocar-se para locais mais distantes e com maior facilidade.

Todo o relato da Julieta sobre a sua actividade da prostituição indicia que ela exerceu a sua actividade em local de categoria mais elevada. A sua postura, a forma como se referiu aos clientes, o discurso fluente, o nível de vida que detinha em nada se comparava à prostituição de rua.

O crescimento da filha obrigou a Julieta a investir cada vez mais no número de clientes. Pretendia uma boa escolarização para a filha que complementou com explicações particulares, institutos (Francês e Inglês), e com a frequência da aprendizagem de dactilografia na Tecla. Os institutos, a Tecla e as explicações particulares eram pagos pela Julieta.

A nossa entrevistada afirmou que nunca ninguém desconfiou da sua actividade. Apenas a filha, à medida que crescia, questionou a mãe sobre a sua profissão. No sentido de enganar a filha arranjou emprego como gaspeadeira. Não aguentou este trabalho mais de um mês. O salário mensal equivalia ao que a Julieta ganhava num dia como prostituta.

O emprego de gaspeadeira da Julieta terá resultado de um acordo com um dos seus clientes. Nunca exerceu a função de operária, a situação pressupõe um binómio de interesses: a Julieta enganava a filha menor com o emprego, o patrão (um possível cliente assíduo desta prostituta) mantinha a Julieta simbolicamente empregada a fim de lhe garantir os descontos para a reforma.

Efectivamente a Julieta é reformada. Comprovou-o com o cartão da Segurança Social que nos permitiu analisar.

O discurso da Julieta demonstrou outras incoerências. Afirmou nunca ter tido *chulos*, mas viveu com um homem durante vinte anos. Em momento algum referiu o nome do seu companheiro ou a sua profissão, pelo contrário, narrou que aumentava as horas de trabalho como prostituta quando as despesas aumentavam.

Nunca disse ter carta de condução, embora tenha vincado por várias vezes que se deslocava para o local onde se prostituía em carro próprio. Nunca mencionou o local nem quem a conduzia ao seu terreno de trabalho.

Salientou várias vezes que no local onde mora, o mesmo de sempre, ninguém conhece o seu passado, o que não corresponde à verdade, pois como já referimos, o contacto com a nossa fonte foi estabelecido através de um comerciante do seu local de morada.

Da filha, genro falecido, e netos, fala com muito orgulho, especialmente dos netos que são *doutores*, todos desconhecem a sua vida passado e nunca a poderão saber.

A Julieta falou de todos os temas com grande naturalidade. Abordou o tema do aborto sem qualquer pudor, esclarecendo: *que fez tantos que lhe perdeu a conta*.

Não se arrependeu nada da opção que tomou para a sua vida, se fosse hoje voltava a fazer a mesma coisa, apoia a legalização da prostituição, é um trabalho como outro qualquer, só difere no dinheiro, a prostituta é muito mais bem paga do que a trabalhadora de qualquer outro ofício.

Reflectindo nas últimas palavras da Julieta não podemos deixar de analisar o estigma que a sociedade coloca sobre estas mulheres. A sociedade marginaliza, em nome de falsos moralismos, os que se desviam da norma comportamental, contudo, a nossa entrevistada que diz aceitar a legalização da prostituição, que a voltaria a exercer esconde o seu passado.

Paula a Madeirense

Analisando as declarações que fez durante a entrevista foram detectadas várias contradições no seu discurso.

A Paula não relatou como veio parar ao Continente. Consideramos que não o fez sozinha. Oriunda do meio rural, jovem trabalhadora, analfabeta, que entregava integralmente o seu salário à mãe, não podia pagar a viagem. Abandonou o meio em que sempre viveu, investindo num salto para o desconhecido. Não mencionou ter amigos ou familiares no Continente que lhe pudessem prestar apoio nos primeiros tempos, ou ter travado algum conhecimento que lhe garantisse trabalho à chegada.

Continuando a dissecar o seu relato, percebemos que foi criada de servir. Desconhecemos a razão porque não mencionou onde trabalhou, por quanto tempo o fez ou como conheceu o pai dos seus filhos, mostrou firmeza sobre o período que viveu sustentada pelo seu homem casado, não lhe faltava nada.

A propósito de homens casados terem uma vida dupla, Arnaldo com 75 anos, reformado da indústria química refere:

Na época era muito comum os homens casados terem uma ou mais amantes. Tratavam-nas como suas mulheres, montavam-lhes uma casa, não consentiam que exercessem uma profissão. Visitavam-nas em dias certos, quando resultavam filhos destas uniões clandestinas, assumiam as crianças na qualidade de padrinhos.

Estas relações duravam anos, muitas vezes até à morte de um deles. As mulheres legítimas conheciam a situação, maioritariamente viviam-nas em silêncio.

Conheço o caso de um amigo que casou os dois filhos no mesmo dia, o da mulher e o da amante, não me pergunte como: ele conseguiu assistir às duas cerimónias e tirar fotografias com os dois e as respectivas mães.

Quando o pai dos filhos morreu, (a filha mais velha tinha treze anos e o mais novo fazia uma diferença pequena). Paula foi obrigada a entrar no mundo do trabalho a fim de fazer face às despesas mensais.

Conseguiu emprego na lavandaria do Grande Hotel da Batalha trabalho que considerava muito pesado e mal remunerado. O que ganhava não chegava para cumprir os seus encargos mensais. Necessitava de ganhar mais. Foi desta forma que justificou a sua entrada na prostituição.

Joaquina de 71 anos, viúva explica como era fácil seduzir raparigas necessitadas, proferindo:

As mulheres entravam na prostituição por muitas razões: falta de dinheiro, perda de emprego, morte do marido. As alcoviteiras, aquelas mulheres que não faziam nada e sabiam a vida de toda a gente, faziam-se muito amigas das mulheres desesperadas, e eram elas que arranjavam, muitas vezes a solução para o desespero destas mulheres, apresentando-as a um senhor ou à dona de uma casa de alterne.

Confrontadas com ganho rápido de dinheiro, iam para a prostituição a pensar que só ficavam nessa vida até resolver os problemas económicos, mas na verdade nunca mais saíam.

A Paula foi questionada com a sua entrada no mundo da prostituição, por várias vezes e em diferentes momentos, mas ela nunca acedeu a explicar como começou a actuar na qualidade de bailarina/ prostituta nas boîtes do Porto.

Os filhos são outro tema de contradição, pouco ou nada referiu sobre eles: idade, nome, ocupação, fugiu propositadamente ao assunto, não demonstrando qualquer emoção ou laço afectivo aos seus descendentes. Evocou a necessidade de se prostituir para pagar à ama dos filhos e prover o seu sustento.

Cansada de trabalhar de dia na lavandaria do Grande Hotel da Batalha e à noite nas boîtes optou pelo mais vantajoso, a prostituição. Consumado o declínio do seu corpo deixou de interessar aos donos das boîtes, já não era um elemento lucrativo. Muda de vida e encontra emprego como doméstica. Não aguenta as exigências das patroas nem o excesso de trabalho. Volta para a prostituição, a da rua, a que a idade lhe permitia, onde tem de enfrentar diariamente uma concorrência feroz de mulheres novas, por isso desce o preço dos encontros e não selecciona os clientes.

A segunda vez que a Paula deixa o emprego para enveredar pela prostituição os filhos já não vivem consigo, é uma mulher só. Justificou a sua opção pelo sabor da liberdade, não receber ordens nem cumprir horários.

A tentativa da filha de retirar a Paula da rua resultou numa afronta porque não podia fazer o que queria. Provocou desacatos, mãe e filha espancaram-se, e a Paula fica novamente livre para se prostituir na Cordoaria.

Enumerou frequentemente a falta de clientes, os preservativos fora de prazo são prova de há quanto tempo não fazia um cliente. Esta mulher seria tão exigente, como dizia, na prática do sexo seguro? A sua afirmação foi uma contradição da Madeirense, pois enquanto decorria a nossa conversa, ela exerceu a prostituição.

Ao longo das horas que estivemos com ela, foi notória a vontade de não abandonar a vida que escolheu, teve mais de uma hipótese para viver fora deste submundo pautado pela exploração e subalternidade; paga 1.500\$ /dia por um quarto em condições já descritas. Apenas para o aluguer do quarto despende por mês o valor de 45.000\$00. Quantia acrescida dos bens essenciais que tem de comprar e dos vícios que não dispensa como o tabaco, café e bebida.

A Paula recebe 32.000\$ de rendimento mínimo, o que significa que para fazer face a todas as despesas que enumerou, uma por nós comprovada (compra dois maços de tabaco por dia, o que lhe absorve o rendimento mínimo) tem de atender muitos homens durante um mês.

Reflectindo na vida desta madeirense, procedemos a uma estimativa dos gastos mensais da Paula, valor aproximado, não referiu mais custos dos que aqui reproduzidos, se a Paula necessitar de 500 euros /mês será obrigada a prostituir-se com 50 homens por mês.

Um Olhar Masculino Sobre a Prostituição

As nossas fontes masculinas foram mais disponíveis a relatar o que observaram e observam sobre a prostituição. Afirmaram que o seu conhecimento sobre as prostitutas advinha da observação da vida destas mulheres, pois nunca frequentaram casas de passe ou boîtes.

O Ardina, o conhecedor do Porto

O Ardina, é natural do Porto, sempre viveu na zona histórica da cidade, considera conhecer a cidade como ninguém e tudo o que nela se passa. Não referiu a idade, mas outro dos nossos contactos, pensa que o Ardina já ultrapassou os 80 anos.

Muitos são o que o procuram para o saberem pormenores do Porto antigo. Relativamente à prostituição nunca foi inquirido, mas conhece bem o assunto, apesar de nunca ter frequentado esse meio. Via as mulheres, conhecia-as e observava como actuavam.

Considera que as mulheres de má vida normalmente eram criadas de servir ou operárias e entravam nessa vida por necessidade ou por serem abusadas, recorda a propósito:

As criadas eram muitas vezes violadas pelo patrão ou pelos filhos, engravidavam, postas na rua, caíam direitinhas nessa vida.

As operárias eram muito mal remuneradas, o salário não cobria as despesas familiares e, seduzidas pelos encarregados, entregavam-se em troca de um lugar e salário melhor. *Essas mulheres escondiam da família que se prostituíam com o encarregado, e muitas, as mais bonitas com o patrão.*

E acrescenta:

Ser amante do encarregado ou do patrão não lhes assegurava o emprego, pelo contrário quando o esquema era descoberto ou quando as raparigas exigiam mais eram despedidas. Não podiam lutar contra gente tão poderosa por isso enveredavam pela prostituição.

O Ardina classificava as prostitutas em categorias: as legais, as clandestinas e as que fingiam ser sérias mas governavam bem a vida indo para a cama com homens. Segundo ele, o mundo da prostituição, esteve sempre viciado, tanto nas casas de passe como na rua. Todos os agentes de autoridade eram

corrompidos, desde os mais graduados ao simples polícia. Os pagamentos eram feitos em dinheiro, com sexo gratuito ou das duas formas.

Disse desconhecer como elas evitavam a gravidez, mas sabia que o aborto era praticado por habilidosas ou por parteiras, dependendo do dinheiro que cada uma pudesse despende.

Por outro lado, aceita o estigma que a sociedade colocava sobre as prostitutas porque elas eram indecorosas na forma de vestir e na linguagem e deviam, por isso, estar dentro das casas de passe, não devendo conviver com as senhoras de respeito.

O Ardina é um saudosista dos tempos da ordem salazarista, em que a quebra de um vidro podia levar um jovem para a Tutoria, *Hoje os jovens fazem o que querem e nada lhes acontece!*

Considera que as mulheres se prostituíam por necessidade de ganhar dinheiro. Acrescenta que muitas destas mulheres não eram responsáveis pelo seu percurso de vida, as principais culpadas eram as *chegadeiras* que lhes apresentavam os senhores ou as donas das casas de prostituição.

Relativamente à actualidade, analisa a prostituição que acha ter repercussões mais graves do que na época da regulamentação. É peremptório ao afirmar:

As prostitutas estão por todo o lado, cada vez são mais e de todas as nacionalidades. Exercem a actividade livremente sem inspecções da Delegação de Saúde e a polícia não pode fazer nada. O aparecimento dos telemóveis foi a desgraça completa!

Braga de sapateiro a comerciante

O Braga nasceu em 1931, na cidade do Porto. Filho de uma união estável. Frequentou a escola primária por imposição do pai que não conclui por ser malandro.

O pai, um homem trabalhador e severo na educação não queria vadios em casa, obrigou-o a trabalhar na arte de sapateiro, contribuindo para o pequeno negócio da família.

Sempre adorou a vida nocturna e mulheres. O casamento, a filha, o exemplo do pai não conseguiram mudar o Braga. As mulheres e os casos amorosos fizeram e fazem parte da sua vida.

Assim, para o Braga falar de prostituição afigura-se uma tarefa fácil. Conheceu e conhece o meio. Faz questão de referir que nunca recorreu aos serviços de uma prostituta porque as raparigas lhe caíam aos pés. Considera-se um sedutor, a forma como fala e toca as mulheres tornou-o irresistível no passado e no presente.

Para o Braga as mulheres merecem-lhe todo o respeito. O homem com quem falávamos apresentava um discurso para nos causar boa impressão, não se apercebia das contradições em que caía. Não demonstrou o menor respeito pela mulher com quem é casado. No passado como no presente relaciona-se com várias mulheres ao mesmo tempo. O Braga não considera o sexo feminino usa-o como instrumento de afirmação da sua masculinidade.

Das prostitutas que conheceu indicou a sua proveniência e as causas (que para si era a fome e a miséria) para optarem por essa vida. Colocou a tónica na carência económica. Recordou as normas a que estas mulheres estavam sujeitas e as penalizações que sofriam pelo incumprimento das mesmas. As mulheres que não cumprissem os regulamentos eram presas. Diz que havia uma forma de contornar as leis policiais, falou abertamente do suborno.

Pelos *chulos* nutre uma notória antipatia, considera que eles existem desde que existe a prostituição. Sobre os *chulos* actuais refere:

Nos dias de hoje ainda são mais ordinários. Nunca gostaram de trabalhar, vivem à custa das mulheres e usam-nas como lhes apetece.

Considera normal as pessoas de bem, especialmente os chefes de família, quererem as prostitutas confinadas a espaços próprios, elas representavam um mau exemplo moral e eram portadoras de doenças graves.

O Braga conheceu muitas prostitutas que engravidaram. Pelo que observou as mulheres prostitutas eram boas mães. Muitas raparigas da vida abortavam, todas sabiam onde encontrar as pessoas que faziam este tipo de serviço.

Não concorda com a legalização da prostituição diz ele:

Legalizar a prostituição é enviar mais raparigas para a miséria. Elas não sabem poupar para a velhice, gostam de luxos e boa vida, gastavam tudo o que ganhavam. O seu discurso reportou-nos ao início do século XX

Em relação aos clientes, o Braga considera-os uns *idiotas* que acreditam no que lhes dizem as prostitutas, elas não sentem nada, fingem sentir para os despachar. *Quantos mais homens as mulheres levarem para o quarto mais dinheiro ganham.*

A Danceteria, um lugar de encontros

O objectivo da minha visita à danceteria foi o de observar no presente, os comportamentos das mulheres, que pela sua idade viveram no período do Estado Novo. Estas mulheres estiveram sujeitas a um código de conduta moral que cerceava a sua liberdade enquanto cidadãs. Decidi confrontar o passado com o presente no intuito de melhor entender como se havia libertado, ou não a mulher submetida, durante anos, a regras de conduta moral tão rígidas.

As mulheres em maior número procuravam a juventude perdida, manifestavam-no pela forma como se vestiam e insinuavam. O período em que tudo lhes era proibido pertencia ao passado. Actualmente eram donas da sua vida e do seu corpo, libertas das amarras e maus tratos que o marido, a família e a sociedade lhes impusera.

As frequentadoras do local visitado, desde que se sentavam nas mesas multiplicavam os jogos de sedução a fim de serem convidadas por um dos cavalheiros para a pista de dança.

O conhecimento ocasional entre o homem e a mulher rapidamente os transformava num casal. O desejo dos seus corpos afluía. Os beijos eram longos. As mãos deslizavam pelos corpos de forma erótica. O enamoramento acontecia.

Pelos dados observados no local, considereei que aquele espaço não passava de um lugar onde a prostituição acontecia, com outro rosto e de forma encoberta. As mulheres não estipulavam um preço pelo uso do seu sexo, mas ofereciam-se de outra forma, esperavam que os parceiros lhes proporcionassem saídas, prendas e sexo. Eles procuravam quem lhes mantivesse a casa, a roupa e as despesas correntes. As reformas, pensões de viuvez e economias destas mulheres permitiam aos frequentadores masculinos viverem de expedientes, próprio do mundo da marginalidade.

Conclusão

Este estudo sobre uma das muitas vertentes do mundo da prostituição, no período do Estado Novo, foi baseado em entrevistas feitas a mulheres em actividade nesse período. O conteúdo das entrevistas foi por nós analisado e objecto de uma reflexão exhaustiva, a fim de conferir a maior fiabilidade a este estudo.

As horas que passámos com as prostitutas, a observação que fizemos de cada personagem e dos seus percursos de vida, a análise das suas entrevistas, foram o material que nos levou às conclusões expressas ao longo deste trabalho. Assim, impõe-se, agora, perceber de que forma se contribuiu com este estudo para a história social.

Sendo a prostituição exercida por actores sociais marginais não mereceu a atenção da História social. O desinteresse pelos seres marginais da sociedade foi apanágio da História. Os desintegrados sociais mereceram atenção da historiografia ocidental a partir dos anos setenta do século XX. Em nossa opinião, uma investigação precoce desta franja social poderia corroborar uma perspectiva da História social mais realista do mundo ocidental. As mulheres entravam na prostituição, sobretudo para suprir as carências económicas com que se debatiam, pois, eram mães, solteiras, viúvas, responsáveis por uma família, e sobretudo, eram mulheres. Para elas, a entrada no mundo do trabalho constituía uma tarefa árdua, constrangidas a empregos mal remunerados, enquanto ser prostituta, por maior que fosse o estigma que a comunidade lhes inculcava, poderia significar a obtenção de ganhos rápidos, sem horários e a possibilidade de ascender a uma vida menos miserável, pelo menos, economicamente.

Estas mulheres eram obrigadas a depender de si. Os serviços de assistência social percepcionavam a venda do sexo como um acto de debilidade mental, portanto, de anormalidade. A ajuda que as assistentes sociais prestavam a estas mulheres configurava uma tentativa de as curar do mal de que padeciam e nunca o de empreender uma intervenção nas verdadeiras causas, que passava por uma habitação condigna, facilidade no acesso a um emprego estável e a creches para os filhos. As organizações particulares, dependentes da boa vontade do cidadão comum, criavam núcleos de ajuda. Contudo, as organizações não governamentais eram manifestamente insuficientes para o

número de mulheres que poderiam ter abandonado a prostituição, ou nunca a iniciar, se as respostas a famílias em crise constituíssem uma prática institucional. Por outro lado, não detectamos medidas de intervenção preventiva. As mulheres que foram por nós contactadas eram oriundas da cidade e da província, pertencentes a famílias numerosas e/ou monoparentais com um rendimento salarial muito baixo resultante do trabalho agrícola, doméstico ou fabril. O analfabetismo dos seus pais ou mães, impelia-as para profissões mal remuneradas e para uma consequente vida de miséria.

A família numerosa explicava-se pela pouca eficácia dos métodos contraceptivos e pela condenação do seu uso por parte da Igreja. Sobre este assunto, relata Evangelina:

Não era fácil evitar os filhos. Os homens queriam sexo ao natural. Os padres diziam que os filhos eram uma bênção de Deus. Era tudo muito bonito...Mas para sustentar, vestir e calçar as crianças não havia ajuda. Nós, as mulheres, é que resolvíamos o assunto. Olhe como eu tive de fazer...

Portugal mantinha-se como um país, tradicionalmente, católico. O Estado validava os valores defendidos pela Igreja: pecado, sofrimento e obediência funcionavam como reguladores das mentes populares, que pouco ou nada instruídas, tudo aceitavam até à transgressão, como processo de sobrevivência.

Ficaria incompleta a nossa reflexão/contributo se não fosse referido que a maioria das mulheres com quem estivemos, não demonstrou qualquer arrependimento quanto à sua opção de vida. Pelo contrário, foram categóricas, afirmando que voltariam a vender o seu sexo para viverem uma vida livre, sem horários, isentas das ordens de um patrão, mas, essencialmente, bem remunerada.

IX - Considerações Finais

O SONHO

*Mais e mais me assemelho ao caranguejo:
Olhos fora do corpo,
Vou sonhando de lado
Hesitante entre duas almas:
A da água e a da terra.*

(Curozero Muando)⁴⁶

As causas/condicionantes que foram enunciadas pelas mulheres prostitutas e que nos possibilitaram construir o observatório que serve de base a este trabalho, permitem-nos afirmar que o factor económico foi o principal motivo da entrada dessas mulheres no universo da prostituição. O desemprego, a insuficiência do rendimento familiar, a gravidez inesperada, a viuvez precoce ou o falecimento do protector, deixava-as vulneráveis à alternativa de ganhos rápidos e fáceis.

No que respeita à entrada das mulheres no mundo da prostituição, verificou-se que elas assumiram este modo e opção de vida, atraídas pela possibilidade de aderirem a um patamar social mais destacado que, o meio de onde provinham, nunca lhes permitiria. Imbuídas da ideia, de que a prostituição seria uma fase transitória das suas vidas, viriam, afinal, a mergulhar neste submundo sem regras e direitos. As mulheres prostitutas, cedo perceberam que a sua opção se transformara num estilo de vida, sem retorno. Por todos condenadas, descaracterizaram-se, forjaram uma nova identidade, uma profissão e até, mesmo, uma família. A venda do sexo desumanizou-as, porque os clientes não passavam de meros, compradores da sua intimidade, uma intimidade que se revelara como mais um bem de consumo. Assim, a relação que as prostitutas estabeleciam com os clientes era desprovida de qualquer sentimento, uma vez que a base de sustentação desta relação era mercantil, num processo de oferta e procura.

Como se conclui, as mulheres entrevistadas não optaram pela prostituição, no período a que se reporta este estudo, por vontade própria. Poderão tê-lo feito

⁴⁶ Mia Couto, *Um Rio chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra*, editorial caminho, 2002.

mais tarde, como revelaram alguns dos nossos contactos. Inicialmente, todas confessaram uma história de vida que justificava a sua entrada na prostituição. Oriundas da província, ou de zonas degradadas da cidade, elementos de famílias monoparentais, ou de agregados familiares disfuncionais, sem escolarização, a entrada precoce no mundo laboral, levou-as a empregos como, criadas de servir, mulher-a-dias, ou empregadas fabris.

Desenvolve-se a ideia da perigosidade urbana e fabril na moral feminina, forma de sustentar o êxodo rural. A conjuntura económica do país não se compadecia com os apelos à virtude feminina. As jovens rurais, por sua iniciativa, ou dos seus pais, procuravam na cidade a oportunidade de ascenderem a um futuro promissor. Mas impreparadas, facilmente deslumbradas e exploradas, funcionavam como viveiro de abastecimento das casas de prostituição.

As jovens citadinas, criadas na rua, ou em amas, cedo conheceram a liberdade. Isentas de regras, de horários, habituadas a procurar o que necessitavam para o imediato, encontram na prostituição um trabalho sem normas. Outras seguiram a prostituição porque estava enraizada no meio familiar. Algumas raparigas entravam no comércio da venda do corpo pela mão das mães, como nos foi relatado por uma das mulheres que entrevistámos.

A sociedade sempre puniu os comportamentos desviantes. Contudo, os que interferiam com a moral estabelecida e oficial arrecadavam maior número de interditos. Por isso, às mulheres prostitutas era vedado o direito de exercer livremente a venda do sexo, devendo permanecer em casas próprias, resguardadas de olhos atrevidos ou reprovadores, devidamente identificadas e nas zonas mais degradadas da cidade. Por conveniência social, a ordem era mantida pela polícia de costumes, a fim de proteger os bons cidadãos do convívio com os *imorais*, que eram contaminadores da saúde pública e, portanto, não constituírem exemplo, nem eram merecedoras de qualquer respeito, por parte da *sociedade honesta*.

Tentar penetrar no mundo da prostituição é como entrar na escuridão. As regras que modelam este mundo prefiguram um conjunto de símbolos desconhecidos do cidadão comum, desde o vocabulário usado sempre em gíria, à forma de vestir, passando pelas atitudes assumidas entre as prostitutas, configurando códigos de conduta que, sendo marginais à sociedade, facilitavam a comunicação no mundo da prostituição, composto por seres

humanos, homens e mulheres, portadores de sentimentos, em que a capacidade de sonho e emoção, não estava reduzida a zero. O estudo realizado incidiu sobre a população feminina, pois era esta que, à época, por ser mais visível, a sociedade condenava e estigmatizava. Descortinar o ser humano que se encontrava dentro da prostituta revelou-se o nosso maior desafio.

A análise de estudos feitos sobre a prostituição, as horas de conversa que mantivemos com mulheres que fizeram dela profissão, a decomposição do conteúdo das entrevistas, permitiram-nos verificar que elas se apresentavam como pessoas comuns. São seres que pensam, que se emocionam, que possuem determinada opinião sobre os factos ligados ou não à prostituição.

As prostitutas conheciam a marginalização que a sociedade lhes impunha, e, porque não desejavam ser vistas como diferentes, criavam estratégias de fuga para sempre que possível, se adequarem à norma. Contudo, os esquemas normativos de inserção social, nem sempre funcionavam. A idade, a rua, a proibição legislativa, arruinava a história que as mulheres haviam tecido. Desmascaradas perante a família e a comunidade em que se incluíam, mudavam de cidade, de identidade e mergulhavam na noite sem crepúsculo, cedendo, em definitivo, às amarras da prostituição.

Uma questão de fundo se coloca a quem decide estudar o mundo da prostituição: está relacionada com o facto de se saber se os seus actores se iniciam por imposição ou por opção. Esta foi a questão que mereceu a nossa maior reflexão. Observados os relatos obtidos junto das prostitutas e analisados exaustivamente, verificámos que as mulheres que nos relataram as suas histórias de vida revelaram duas posturas distintas face à vida de prostitutas.

Na primeira fase, que consideramos ser de imposição, as jovens/mulheres abraçavam a prostituição porque não encontravam, no imediato, outra forma de sobrevivência, ou porque não possuíam idade para compreenderem a quem eram entregues pelas mães, e para quê. Quando mais velhas e experientes, pelo contrário, conheciam o terreno em que caminhavam, optando por mergulhar no abismo da prostituição. Conscientes das cedências que esta opção lhes impunha, anuíram às forças dominantes, que disfarçadas de amor, carinho e protecção, subjugavam as mulheres, obrigando-as a seguir as

normas que lhes impunham. Embora reconhecendo que os sentimentos dos seus protectores não passavam de uma ilusão, persistiam em manter o protectorado.

A entrada das mulheres na prostituição é um caminho rápido de percorrer. Para uma jovem desesperada existia sempre uma amiga ou namorado que lhe apontava o caminho, transitório de resolução de um momento difícil que atravessava. Mas a sua saída poderia ser possível, não fácil porventura, mas sempre sujeito a um preço, que passava, quase sempre, pelo medo da descoberta do seu passado. Hoje, quase meio século volvido, ainda temem que os filhos, netos, ou vizinhos tomem conhecimento do período em que exerceram a prostituição.

A prostituta não vivia isolada no mundo da prostituição. As mulheres que afirmaram ter exercido a actividade de forma independente, confessaram ter necessidade de se cercarem de pessoas que lhes fossem próximas. Assim, o chulo foi uma personagem, podemos afirmá-lo, que integrou a vida das prostitutas, mas difícil de analisar. Esses homens que incitavam as mulheres à venda do sexo, e posteriormente as exploravam, não sendo figuras gratas à sociedade, não recebiam desta, a atitude estigmatizante imposta à prostituta. Eles sabiam camuflar as suas pretensões. Exerciam uma profissão, ou apresentavam-se como maridos, namorados, patrões, papel que as próprias prostitutas os ajudavam a construir e a representar.

Os trabalhos que consultámos, a observação que foi feita no terreno, os relatos que foram obtidos das mulheres que se prostituíram, colocam-nos em posição de afirmar o seguinte: junto à mulher que vende sexo, está próximo um actor que a explora. A forma que assume pode variar. As mulheres contactadas demonstram uma postura de independência face à vida da prostituição, os interditos que povoavam a sua actividade, dificultaram-nos, no entanto, a construção de uma elaboração assertiva e minuciosa da figura do chulo.

A prostituição será sempre um tema controverso sobretudo para uma sociedade dominada pelos valores patriarcais. A prostituição surge como uma alegada tendência feminina para o exercício da prática perversa da sua sexualidade. O exercício da prostituição foi e continua a ser um assunto tabu. Os preconceitos, os estereótipos conferiram às prostitutas uma forte carga estigmatizante: mulher prostituta, criatura impura, corrupta e corruptora. Assim

consideradas, as prostitutas passaram a ser objecto de intervenção dos vários poderes: político, policial-administrativo, judicial e religioso. O período em que incidiu o nosso estudo obrigou-nos a consultar bibliografia sobre a prostituição, anterior e posterior, ao tempo cronológico que definimos.

Podemos afirmar que o tema prostituição foi marcado por ciclos de silêncio. A mudez sobre a prostituição rompe-se quando a população sente a saúde pública ameaçada. Assim aconteceu na transição do século XIX para o século XX com a sífilis. A descoberta, por parte do mundo científico, de que a sífilis era uma doença sexualmente transmissível, obrigou o poder político a intervir no fenómeno da prostituição criando regulamentos administrativos e agentes policiais, (a polícia de costumes) para que as *mulheres imorais* cumprissem o estipulado nos regulamentos. Acreditando-se ser esta uma forma de proteger a saúde pública, mas que levava à ostracização das mulheres.

Nas últimas décadas do século passado, a temática da sexualidade volta a ser mote para a proliferação de estudos sobre os comportamentos marginais, assumindo especial relevância a prostituição. A sida, doença com contornos de pandemia, relançou o debate sobre a sexualidade perversa. O poder político e religioso desdobraram-se em esforços e campanhas de prevenção, sensibilização e fiscalização.

Na sequência das leituras feitas podemos afirmar que as autoridades constituídas pronunciaram-se face ao fenómeno da prostituição quando este, pretensamente, interferia com a saúde pública da sociedade organizada.

Em suma, a prostituição consubstancia um problema quando se supõe que a venda do sexo desequilibra a organização social. Compreender as causas da prostituição, o submundo onde esta actividade se desenvolveu e os interesses que gravitam à sua volta, configuravam metas que o poder político e judicial preferiu ignorar. O silêncio pressupõe a barreira que a sociedade e o poder criaram para, comodamente, ignorar as mulheres prostitutas. As forças que controlam o mundo da prostituição gerem com eficácia a atitude silenciadora dos grupos sociais. Assim, tudo o que se afirma sobre a prostituição, não é senão uma parte da verdade. Esta torna-se inatingível.

	Emília	Dores	Maria	Julieta	Paula
Data de nascimento	1938	1940	1934	1930	1948
Naturalidade	Arredores do Porto	Não referiu	Província, não indica o nome	Porto	Ilha da Madeira
Profissão dos pais	Mãe /trabalho indiferenciado	Não referiu	Agricultores	Mãe/ criada de servir	Agricultores
Agregado familiar	Numeroso	Não referiu	Numeroso	Filha única	Numeroso
Rendimento familiar	Família muito pobre	Não referiu	Família muito pobre	Não referiu	Família muito pobre
Escolarização Educado por	3ª Classe Irmã mais velha, devido à morte prematura da mãe	Analfabeta Não referiu	Analfabeta Tia, devido à morte prematura dos pais	Lê e escreve Amas	4ª Classe Pais
Estado civil/ Filhos	Viúva com três filhos	Viúva com três filhos	Casada com quatro filhos	Solteira com um filho	Solteira com dois filhos
Profissão	Operaria	Mulher-a-dias	Criada	Gaspeadeira	Criada
Idade de entrada na prostituição		Não referiu. Indicador: viuvez	Não referiu. Indicador: mãe solteira	Onze anos	Não referiu. Indicador: morte do amante
Causas	Solidão	Económicas	Económicas	Infância: decisão materna. Estado adulto: opção da própria	Económicas
Como acederam ao mundo da prostituição	Amigas	Decisão pessoal	Mulheres de rua	Mãe	Amigas
Locais onde exerceram a sua actividade	Casa	Casa e rua	Rua	Casa destinada ao acto da prostituição	Bares, dancing e rua
Situação enquanto prostitutas.		Clandestina	Clandestina	Clandestina	Clandestina
Detenções		Detida mais de uma vez	Nenhuma	Nenhuma	Nenhuma
Relação com os clientes		Indiferente	Difícil	Boa	Indiferente
Relação com o seu corpo	Difícil	Indiferente	Difícil	Indiferente	Indiferente
Relação com a família e meio	Parcialmente escondida e de vergonha	Assumida	Escondida	Escondida	Assumida
Como encaram o exercício da prostituição	De forma envergonhada	Forma de ganhar dinheiro e preparar o futuro	Experiência de sobrevivência que abandonou quando reuniu	Profissão lucrativa	Profissão

	condições				
Práticas abortivas	Não referiu	Conhecia mas não referiu	Nunca praticou	Conhecia, mas não referiu	Conhecia mas não referiu
Doenças sexualmente transmissíveis	Conhecia, nunca contraído	diz ter	Conhecia, diz nunca ter contraído	Conhecia, diz nunca ter contraído	Conhecia, diz nunca ter contraído
Possibilidade de abandonar a prostituição	Nunca conseguiu abandonar os homens que usaram física e economicamente	Não equacionou essa possibilidade	Abandonou quando encontrou emprego	Abandonou para trabalhar como operária voltou por considerar o vencimento pouco para um trabalho duro	Teve vários empregos que abandonou por os considerar pesados e mal pagos. Recusou a ajuda da filha
Como preparam a sua saída	Não consegue abandonar o explorador	Tornou-se dona de quatro casas de passe	Arranjou emprego; casou	Reformada da indústria de calçado. Profissão fictícia.	Continua a viver da prostituição

Nome	Dores
Data de Nascimento	1940
Naturalidade	Porto
Idade	68 anos
Profissão	Mulher-a-dias, prostituta, dona de casas de passe
Local de encontro	Numa das casas de passe da Dores

A Maria das Dores é uma mulher de 68 anos, mas olhando para a sua figura descuidada, (cabelos loiros muito mal tratados, por pentear, vestida com uma bata de empregada de limpeza e de chinelos chinelos de quarto) aparentava ter mais idade e nada indicava que ela fosse a dona do bordel.

Sobre a sua infância e juventude, ela não quis falar. Contornou todas as abordagens que lhe fiz sobre; os pais, a profissão que exerceram, se ainda eram vivos, como a trataram. A todas as questões, que lhe coloquei apenas referiu que não tinha frequentado a Escola, era analfabeta, apenas sabia assinar o seu nome.

O relato da sua vida começa a ser perceptível quando refere o seu trabalho de mulher-a-dias. Diz a propósito: *Sempre fui uma lutadora. Trabalhei desde muito nova na casa de um médico muito conhecido. Morreu o ano passado, até fui ao funeral. Depois fui trabalhar para Santo Ovideo, para um advogado que tratava das coisas do Sr. Pinto da Costa.*

Trabalhei sempre em boas casas, fiz de tudo, desde a cozinha a tomar conta das crianças. Tanto era empregada de fora, como de dentro.

Continua a contar a sua vida, dizendo: *Com 28 anos casei-me com um trolha. Quando comprei este prédio, todo em ruínas, o meu homem já estava muito doente, de cancro, morreu poucos meses depois. Fiquei sozinha, com uma casa em ruínas e dois filhos para criar.*

O que ganhava como mulher-a-dias não dava para pagar 800.escudos de renda e 100 à ama dos meus filhos, mais a água, luz e comida, por isso

comecei a dar umas voltinhas, não podia roubar, os meus filhos precisavam de comida.

Perguntei-lhe de que forma exercia a prostituição, ao que respondeu: *Antes do 25 de Abril, esta vida era proibida, como não queria andar na rua levava os homens para casa. Como era esperta, fiz obras e abri janelas nas traseiras, que dão para a Torre dos Clérigos. Fui sempre muito invejada pelos vizinhos, por isso fizeram queixa de mim muitas vezes.*

Certo dia, tinha um homem em casa e soube que a polícia estava à porta. Agarrei no homem e saltamos pela janela das traseiras. Ele foi à vida dele, eu peguei na minha carteira, dei a volta e vim para casa, como se viesse de fazer um recado. Fiz-me de muito espantada de ver a polícia à porta, a vizinhança estava toda na varanda, à espera que eu fosse presa. Perguntei ao Sr. Chefe o que se passava. Ele bem disse que eu não o enganava, mas não podia fazer nada. Passados uns dias, o Sr. Chefe passou por mim e disse: Não devias ser puta, mas bombeira, saltar daquela altura sem partir nada, é obra...

A Dores não diz como angariava os clientes. *Ora, ora, eles bem sabiam onde me procuram...*

Diz que exerceu a prostituição por conta própria. Conheceu muitas mulheres que andavam na prostituição, mas não tinha amigas ou colegas, acrescentando: *Eu queria saber da minha vida, das outras, cada uma tratava de si.*

Comenta que foi presa uma vez. Sobre o assunto refere: Cheguei a ser presa, mas como tinha dinheiro, pude pagar a um advogado, que disse ao Dr. Juiz que eu não era escandalosa, só recebia homens por necessidade para sustentar os meus filhos. Fui logo absolvida. Havia um Chefe, que agora não me lembro o nome, e, sempre que estava de serviço, mandava fazer rusgas, para as putas serem presas, porque se divertia de as ter toda a noite na esquadra, juntas com os travestis. O Sr. Chefe apresentava-me sempre como um exemplo de puta que ganhava para ela, já tinha prédios em seu nome e estava cheia de dinheiro, enquanto as outras sustentavam os chulos e morriam na miséria. A maior parte das que conheci morreram na valeta.

Questionada sobre a existência de subornos no mundo da prostituição, respondeu: *Comigo a polícia tentou subornar-me, mas eu nunca aceitei. O que fazia era oferecer-lhes umas garrafinhas de vinho do Porto e às vezes 10*

contos, assim, era sempre avisada das rusgas. Nessa noite não saía, porque se fosse apanhada pela rusga passava a noite na cadeia...

Sobre os filhos, a Dores fala com um misto de vaidade e revolta. *Tenho dois filhos toxicodependentes, dou-lhes 20 euros por dia para a dose. Já os tentei tratar na clínica se Santa Catarina, paguei 200 contos por semana, mas não adiantou. A minha filha mais nova vai ser uma vítima dos irmãos, por isso gostava que eles morressem à minha frente, porque sabia onde os deixava e a irmã ficava sem esta cruz. Mas eu sou esperta, vou deixar os prédios no nome da minha filha. Assim, ela fica à frente do negócio, é esperta e dura para dirigir as quatro casas de passe que tenho, casas que são prédios como pode ver. Comecei com uma e já tenho quatro.*

Mulher de estatura média tem os cabelos curtos pintados, de um tom loiro exagerado, mas muito mal tratados.

Abordei a Dores sobre a forma como preparou o seu futuro, não mencionou se recebia algo do Estado. Apenas disse: *Agora não faço nada dessa vida, isso é para as minhas mulheres. Hoje as coisas estão difíceis, as mulheres sofrem muito com a concorrência das brasileiras, ucranianas e das pretas. Há anos atrás faziam trinta contos por dia, hoje não ganham para comer. Com sorte, fazem um homem por dia. Os chulos estão desgraçados...*

De sindicatos, ela nunca ouviu falar como não tem opinião sobre a profissionalização da prostituição. Acrescenta: *as mulheres entram nesta vida por necessidade, os empregos estão maus, é por isso que há tantos assaltos, isto para endireitar não chegava um Salazar, eram precisos dois ou três. Até tenho a trabalhar uma mulher casada, que vem de Valongo; o marido sabe, mas vão para o divórcio.*

A doença que melhor conheceu no seu tempo foi a tuberculose e a sífilis. *Vi muitas morrerem na valeta, ninguém queria saber delas, os chulos desapareciam, iam procurar outras que rendessem. Nunca fui matriculada, por isso não sei como funcionava a assistência nos casos de doença. Sei, e vi muitas a morrer na valeta, o resto não sei.*

Sobre a forma de evitar a gravidez, ou de ter praticado algum aborto, não quis responder.

Sobre o balanço da sua actividade e da sua existência fá-la sorrir e comentar: *A vida está muito difícil, mas eu tive cabeça, tenho quatro prédios, todos com o*

negócio a funcionar. Os meus dois filhos fizeram-me gastar rios de dinheiro, mas ainda tenho muito para deixar à minha filha. Vim para esta vida porque o que ganhava como mulher-a-dias, depois da morte do meu falecido, não chegava para tudo, teve de ser...

Questionada sobre os ganhos efectivos desta profissão, bem como o tipo de clientes que recebeu, e a forma como a trataram, respondeu: *São tempos que já lá vão, não vale a pena falar sobre isso.*

Nome	Julieta
Data de Nascimento	1930
Naturalidade	Porto
Idade	78 anos
Profissão	Prostituta. Actualmente é reformada da indústria de calçado
Local de encontro	Praça dos Leões, Porto

A Julieta é filha de pai incógnito, e de uma criada de servir. A mãe trabalhava em casa de uma família muito conhecida da cidade do Porto.

Entrou na prostituição com onze anos, entregue pela mãe a um homem, seu conhecido, com filhas mais velhas do que ela. Este indivíduo colocou a Julieta numa casa de alterne na rua do Almada. Como era uma criança não a obrigou a ter relações sexuais, apenas lhe exigia uns *beijinhos* nas partes.

Nesta casa conviveu com mulheres mais velhas que se dedicavam à prostituição. Reconhece que na altura não percebia o que se passava naquela casa. Lembra-se de haver rusgas policiais, e de as mulheres a esconderem debaixo das saias rodadas que usavam.

Habituada à liberdade, pois sempre conviveu com a rua. Era esta que a acolhia quando a mãe não pagava às amas. Esmolava durante o dia, pão para comer e dormia em vãos de escada, para aquietar o frio e se defender dos perigos da noite. Por isso não aguentou a prisão da casa de alterne e as visitas do *seu protector* fugiu. Foi apanhada, pela polícia, a vadiar. As autoridades conduziram-na para a Tutoria.

Recorda muito bem a sua reclusão neste estabelecimento da cidade. Considera que deve tudo a esta instituição, entrou criança e saiu mulher. Conviveu com todo o tipo de jovens: - as que estavam detidas por se prostituírem, por roubo, por fuga, tudo...

Deste convívio aprendeu o que era ser mulher. Cita como exemplo a desfloração, a menstruação que surgiu tardiamente e lhe causou pânico. *Pensava que estava muito doente, por isso foi levada para a enfermaria.*

Explicaram-me o que a menstruação era normal em todas as mulheres, aparecia uma vez por mês e que a partir deste momento tinha de ter cuidado pois se tivesse relações sexuais podia engravidar.

Neste espaço de reclusão aprendeu, também, todas as tarefas relacionadas com o dia-a-dia., Ainda hoje faz uso dessas aprendizagens, não precisa, mas se fosse necessário, sabia colocar meias solas em sapatos.

Como não tinha tido infância, aproveitava os recreios para brincar. Gostava muito de *fazer casinhas* com uma das suas companheiras, sendo ela a mulher, a outra, o marido, as bonecas eram os filhos. A Directora, a D. Rute, chamou-a ao seu gabinete e proibiu as brincadeiras, não as achava próprias. A Julieta, não entendia o que estava errado na sua brincadeira ripostou, o que lhe valeu a advertência da Directora de lhe cortar as tranças. Considera ter sido a pior ameaça que recebeu, podia perder tudo menos as suas tranças, tem a certeza que mataria a Directora se lho fizesse. Esta atitude de defesa e rebeldia conduziu-a para um colégio interno em Peniche.

A mãe que não soube da sua transferência acabou por encontrar a Julieta. Não sabe como. Recorda apenas que foi metida num comboio com destino ao Porto. Na estação, encontrou a mãe e o homem que aos onze anos a tinha fechado na casa de alterne da rua do Almada. Percebeu que a sua saída do internato de Peniche ficara a dever-se ao facto deste homem se ter feito passar por seu padrasto, assumindo a responsabilidade sobre a Julieta. Foi ele que pagou as coimas ao Estado para a sua libertação.

A mãe nada fizera. Novamente entregue àquele homem, volta para a casa de alterne da rua do Almada. Já não era a menina de onze anos, tinha mais quatro. O seu tutor não se ficou pelos *beijinhos*. Desta vez concretizou o acto sexual, ficou grávida e foi mãe aos dezasseis anos.

Na Maternidade Júlio Dinis deu à luz uma menina. Sozinha, perdida e sem ajuda de ninguém ganhou uma certeza dentro de si, a sua filha não passaria o que ela tinha passado, faria de tudo para que a sua bebé fosse criada como uma princesa. Rapidamente percebeu que a forma mais fácil de ganhar dinheiro era entrar na prostituição.

A família, mãe e filha, desconheciam a sua actividade. Escondia-a com outros empregos; tentou ser criada de servir, mas era muita prisão para quem sempre

conhecera a liberdade, estava habituada a fazer o que queria e não gostava de receber ordens.

Mais tarde, optou por tirar a mãe da casa onde servia, pagando-lhe o salário que recebia em casa dos patrões. Não queria a sua filha em amas, trabalhava mais descansada sabendo que a criança estava entregue à avó.

O crescimento da filha obrigava-a a trabalhar cada vez mais, só assim podia fazer face às despesas. As perguntas começaram a surgir. A filha queria saber qual era o emprego da mãe. A Julieta tentou sempre esconder a sua actividade arranjando empregos conhecidos. Trabalhou como gaspeadeira numa fábrica, mas não se aguentou muito tempo no emprego. O que ganhava num mês, equivalia ao dinheiro de um dia na prostituição. Deixou o emprego, mas continuou a fazer os descontos para o Estado a fim de ter uma garantia para a sua velhice. Hoje é reformada recebendo mensalmente a sua pensão e tendo os direitos médicos de qualquer trabalhador aposentado.

Desconhece como agiam as suas colegas prostitutas face ao futuro. Diz nunca ter tido amigas, e ainda hoje prefere passear pela cidade que adora, mas sozinha.

Nunca foi presa, nem teve qualquer registo policial como prostituta. Actuou sempre como prostituta clandestina. Comprou um carro para poder atender os homens longe da sua residência. Nunca teve um chulo. Praticou a prostituição sempre por conta própria.

Os homens eram recebidos numa casa destinada a esse fim, mas não refere onde se localizava a mesma. *Homens foram muitos...Nunca foi maltratada, sabia como exercer a profissão, era preciso ser meiguinha.*

A comunidade onde vivia é mesma onde vive hoje, nunca sentiu qualquer tipo de hostilidade por parte dos vizinhos, muito pelo contrário, sempre foi respeitado como o é hoje. As pessoas também nada sabiam da sua vida, daí ter comprado carro, e trabalhar longe. Nunca levou nenhuma amiga a passear, se o fizesse *elas sabiam tanto da sua vida como ela própria e isso não podia acontecer.*

Sempre foi discreta na forma de vestir e falar, nunca usou pinturas em excesso ou roupas escandalosas. A Julieta do quarto nada tinha a ver com a Julieta do local onde morava e mora.

Vaidosa e limpa sempre fui e sou. Tomava banho todos os dias, o que era raro no meu tempo, ia, como vou com frequência, ao cabeleireiro para arranjar o cabelo e as mãos.

Tem noção que era uma mulher bonita. *Eu fazia parar o trânsito.* Sente muito orgulho de ter sido a primeira classificada no Concurso Vestido de Chita que decorreu no Palácio de Cristal. Quando cantava o fado, *deixava os homens tolinhos.*

Faz questão de mostrar uma fotografia sua, e do seu companheiro de vinte anos, num jantar no Casino de Espinho: *Diga lá, olhando para esta fotografia alguém diz o que eu era?*

Sempre pensou na sua velhice, por isso nunca deixou de fazer os descontos para a Segurança Social como gaspeadeira, e optou por trabalhar por conta própria como prostituta. Hoje não precisa de nada nem de ninguém.

Considera a prostituição como outra profissão qualquer, afirmando: *os trabalhadores ditos normais, contam os dias para o final do mês, eu contava os homens para chegar à quantia que precisava para cada dia...*

A Julieta trabalhava por dia, e estes, não eram todos iguais. O crescimento da filha aumentava as despesas, e, como queria que ela fosse alguém, fez de tudo para lhe dar escolarização, chegando a contratar explicadores para irem a sua casa.

A doença da mãe, de foro oncológico, aumentou as suas despesas precisava de uma enfermeira para olhar por ela durante o dia. A noite ficava a cargo da Julieta Diz a propósito: *Foi um período muito difícil da minha vida mas não me arrependo. Nada me pesa na consciência.*

As doenças mais comuns entre as mulheres que se prostituíam eram a sífilis e a tuberculose. *Muitas destas mulheres trabalharam como desgraçadas para entregar tudo aos seus chulos. Quando ficavam doentes, eles não queriam saber delas para nada e arranjavam outras, com saúde e mais novas que rendessem. Algumas morreram na minha cama...*

Nunca usou nenhum método para evitar a gravidez, por desconhecer. Abortou muitas vezes nas mãos de curiosas ou enfermeiras, não referindo nomes, disse apenas que todos sabiam onde as encontrar. Acrescenta: *Fiz muitos abortos, nem me lembro quantos fiz. Correram sempre bem. Abortava de manhã e à noite já estava a trabalhar.*

Olhando para trás não se arrepende do rumo que deu à sua vida, foi ela que a escolheu, se fosse hoje voltaria a fazer o mesmo. Reafirmando: *A prostituição é uma profissão igual às outras, mas permite ganhar muito mais dinheiro, não se recebe ordens, é preciso ter cabeça. Hoje voltaria a ser prostituta.*

De sindicatos nunca ouviu falar, a política não a interessava, dizendo: “O Salazar e os outros lá sabiam o que faziam. Só sei que naquele tempo havia respeito, o que eu sempre gostei e gosto...”

Dos muitos homens que recebeu não guarda nenhuma recordação: *Eles queriam o meu corpo e eu o dinheiro deles. Por isso nunca soube o que era o amor.* A felicidade, conhece-a hoje junto da filha que enviuvou cedo. O genro era maravilhoso. A filha e os três netos, todos *doutores*, ficaram muito bem de vida. Quando a filha a convida para ir a sua casa vai com muito prazer, mas quando tal não acontece sai de sua casa, passeia na cidade, conversa com os lojistas, todos amigos e respeitadores. Volta a casa, onde gosta de estar, não conseguindo sair por mais de dois dias.

A Julieta revela uma relação com a Igreja algo complexa, diz ser crente convicta, mas descobriu, recentemente, poderes paranormais. Acometida de um enfarte, esteve vários dias em coma, e está completamente convencida de ter visto o túnel da luz; *não seguiu a sua viagem porque ainda tinha missões para cumprir.* Uma já aconteceu, a outra até advinha o que seja mas não fala antes do tempo; quando acontecer ela conta, pois tem a certeza que nos iremos encontrar mais vezes...

Despedimo-nos desta mulher de 78 anos, estatura baixa, cabelos muito curtos completamente brancos, provida de um sorriso contagiante, disposta a colaborar desde que as regras fossem cumpridas: hora marcada para lhe telefonar, e um código, tudo porque o passado da Julieta é desconhecido da família e assim continuará, a sua vida é só sua, só a ela diz respeito. Para a filha, o pai nunca existiu, ela foi uma trabalhadora como tantas outras que conseguiu vencer na vida com muitos sacrifícios.

Nome	Maria
Data de Nascimento	1934
Naturalidade	Aldeia dos arredores do Porto
Idade	74 anos
Profissão	Criada de servir, prostituta, doméstica
Local de encontro	Residência da Maria
Estado civil	Casada

Maria era filha de pequenos agricultores que morreram muito cedo. Ficou à guarda de uma tia que vivia da agricultura. A sua nova família era numerosa, sendo a Maria mais um encargo. Foi enviada para o Porto, como criada de servir.

Enquanto viveu com os pais, diz que: *Não aprendeu a ler e escrever. Nenhum elemento da família frequentou a escola, pois todos eram necessários para o trabalho do campo bem como para tratar do pequeno rebanho de ovelhas. Recorda-se que se levantavam muito cedo. O almoço era de café com sopas de broa, cozida pela mãe. Quando iam para o monte levavam um naco de broa com carne gorda, quando havia carne, ou meia sardinha que restara da ceia. Tomavam banho ao Sábado, numa bacia grande que a mãe colocava no meio da cozinha, a água era aquecida no fogão e dava para todos. Era muito pesado acartar a água da fonte até nossa casa.*

O Domingo era dia de missa, por isso vestiam a melhor roupa e calçavam sapatos, mas, mal chegavam a casa roupa e calçado era guardado. *Tinha de ser assim, não havia outra roupa para sair.*

O primeiro a morrer foi o pai. A vida ficou mais complicada. A mãe para arranjar dinheiro começou a trabalhar na jorna. Os filhos tinham de cumprir com as tarefas da casa, da agricultura e tratar dos animais.

A morte da mãe trouxe-a para o Porto. A dona da venda da sua terra arranjava casas para as raparigas servirem na cidade. O dia em que a foram buscar,

nunca poderá esquecer, apesar de não ter pais sentia a protecção da família. Agora ficava abandonada a estranhos.

A casa onde trabalhou situava-se no Ameal. Era grande, havia muito trabalho para fazer. Não era a única empregada, mas como era a mais nova recebia ordens da patroa e da empregada mais velha, o que significava fazer de tudo, desde de se levantar às seis horas da manhã para engraxar os sapatos dos meninos e preparar a roupa para irem para o colégio, servir o pequeno-almoço, branquear roupa, passar a ferro com o ferro de carvão, engomar colarinhos, ajudar na cozinha. Tudo foi aprendendo e fazendo, dormir só quando o serviço estivesse pronto.

Os dias eram todos de trabalho, podia sair uma vez de quinze em quinze dias, e só depois de arrumada a cozinha do almoço. O regresso a casa era antes do jantar. Inicialmente a Maria não saía, não conhecia ninguém. Aos poucos foi tomando conhecimento com outras raparigas, colegas de profissão, que encontrava ou na mercearia ou na costureira quando ia fazer os recados que a patroa mandava.

Ela começou a gozar as suas folgas quinzenais e gostou. Afinal a cidade era muito mais bonita do que a sua terra, tinha muito para ver: os jardins, o mar, o Palácio de Cristal, tanta coisa! Os rapazes eram simpáticos, sabiam falar com as moças, diziam coisas bonitas...

Numa das suas saídas conheceu um rapaz. O mais bonito do mundo. Ficou apaixonada, não percebia o que ele via nela. Quando marcaram novo encontro, não queria acreditar. Só podia ser um sonho.

Aguardou com ansiedade a próxima folga. No dia tão ansiado preparou-se o melhor que sabia. *Estriei um vestido e alisei o cabelo com o ferro. Saí de casa com o coração aos saltos.* O seu pretendente esperava-a, como combinado no jardim. “Afinal ele era um rapaz de palavra...Os encontros sucederam-se, a Maria cada vez ficava mais envolvida, falavam de casamento e de como seriam felizes. Das promessas passaram aos actos. Teve a sua primeira relação sexual de pé, na rua, não sabe se gostou ou não porque só pensava em agradar ao seu homem. Nunca ouviu falar como poderia evitar a gravidez. Não pensava em nada, sabia que ia casar, por isso não se importava de já não ser virgem, o homem a quem entregou a sua virgindade ia ser o seu marido.

Os encontros continuaram assim como as relações sexuais e as juras de amor. Ela vivia o momento mais feliz da sua vida, nada lhe retirava o sorriso do rosto e a vontade constante de cantar, baixinho, porque em casa a senhora queria silêncio e respeito.

Maria acrescenta: *Um dia acordei com o corpo mole e uma grande vontade de vomitar, tudo que ia à boca vinha para fora. Pensei que estava doente. Juntei as poucas forças que tinha para fazer o serviço, aquilo passava, afinal era nova, devia ser da comida.* A criada mais velha rapidamente percebeu o que se passava: *Perguntou-lhe se a coisa tinha vindo pois já não via as suas toalhinhas a secar há muito, de certeza que ela estava de bucho cheio.* Maria preocupou-se, mas o namorado resolveria o problema, casavam. Assim, ficava livre da patroa e da empregada que lhe fazia a vida num inferno. E concretizava o seu sonho ter a sua casa e a sua família.

Esperou pelo dia de encontro com o namorado, contou-lhe a novidade. A cara dele mudou por completo. *Disse-lhe que não tinha condições para casar e muito menos para ter um filho.* Quando a Maria ouviu aquela frase: *Foi como se o chão se abrisse aos meus pés.* A proposta dele foi muito simples: *conheço uma senhora que sabe tirar as crianças, é de confiança. As despesas ficam por minha conta. Somos muito novos, vamos casar e ter filhos, mas tenho de ter um emprego seguro para manter uma família.* Maria recusou a proposta, “não tirava o filho, isso era um grande pecado, tudo se cria. O namorado, que a nunca referiu o nome, ficou de pensar, resolveriam o problema no próximo encontro. O que nunca aconteceu.

Enquanto lhe foi possível enganou as mulheres da casa, mas quando tal deixou de acontecer, foi posta na rua.

Sozinha, não podia recorrer à família, nem voltar para a terra, pois uma coisa era aparecer casada, outra era desonrada, não podia passar por essa vergonha e também sabia que nenhuma porta se abriria para ajudar uma desavergonhada.

Na rua pedia esmola para comer, à noite procurava um portal para dormir, mas nem sempre arranjava dinheiro ou sítio para dormir. Maria conheceu mulheres da rua que lhe explicaram como arranjar dinheiro de forma rápida e fácil. Foi assim que começou a prostituir-se. Considera que não teve alternativa,

procurou todo o tipo de trabalho, ninguém queria uma rapariga grávida para trabalhar.

Odiou todos os homens com quem se deitou. *Eram bêbados, porcos, obrigavam-me a fazer de tudo mesmo com a barriga ao pé da boca. Eu tinha fome, o que podia fazer? Roubar isso não, por nada deste mundo, por isso preferi fazer mal ao meu corpo.*

Quando o seu menino nasceu, na Maternidade, ficou muito feliz. Do pai nunca mais soube nada. Desapareceu por completo, por isso o seu menino foi registado como filho de pai incógnito.

Saída da Maternidade sabia que tinha de voltar à vida da rua. Como não tinha onde deixar a criança procurou uma ama. O que lhe pediam para ficar com a criança, ela não podia pagar. Sem saber o que fazer, voltou a pedir esmola. Dormia com o filho em qualquer portal que encontrasse aberto.

Um dia foi encontrada pela dona da casa, uma senhora que também tinha um bebé. Esta teve pena da Maria e do filho, arranjou-lhe um quartinho no fundo do quintal, fora da casa da família. Dava-lhe comida e roupa para a criança. Foi ficando naquele refúgio improvisado, até ao dia em que o seu menino ficou muito mal.

Sem saber o que fazer, chorava não queria perder o seu filho. A senhora quando lhe foi levar comida percebeu que o estado do bebé era grave, pegou nela e na criança e levou-os ao médico do seu filho.

Nunca esquecerá esse dia. *O médico carregou na barriga do meu menino e saía uma coisa verde pela boca e por trás. Disse que o anjinho estava à beira da morte; no hospital morria, só havia uma esperança: “se eu fosse uma mãe competente, talvez conseguisse salvar a vida do meu filho. Durante o dia e a noite, e de trinta em trinta minutos tinha de lhe dar três gotas de água das pedras. Não me garantia a cura do meu filho, mas era a única tentativa. Não seria por isso que o meu menino deixaria de viver, faria tudo para o salvar. Ganhei coragem para pedir mais um favor à senhora, “que me ajudasse a dar uma alminha aquele anjinho, não queria que morresse sem alma.*

O casal compreendeu o meu desespero, baptizou o menino e ajudaram-me em tudo o que precisava. *Ainda há gente boa, não me conheciam de sítio nenhum e fizeram por mim o que a minha família nunca faria. Não sei as noites fiquei sem dormir, mas o meu filho está vivo e já me deu netos.*

Não voltei à prostituição. Conheci um rapaz que não se importou com o meu passado, casámos, arranjámos a nossa vida, e tive mais três filhos que não sabem que fui prostituta. Sou feliz, tenho uma família, o meu marido e os meus filhos.

A minha passagem pela prostituição, graças a Deus, não foi muito longa. Nunca fui presa. Trabalhei sempre na rua, ia com os homens para as pensões da zona, chamadas pensões de trânsito. Dinheiro? Ganhei pouco. Eu só atendia os homens que me garantissem a quantia que precisava para comer e pagar o quarto. Aqueles homens metiam-me tanto nojo. Não sabe o que me custa falar disso, parece que estou a viver tudo. Já me esqueço de muitas coisas, mas essa parte da minha vida está bem gravada. Nunca a vou esquecer mesmo que dure até aos cem anos.

Eu e o meu marido trabalhamos muito, somos pobres mas os meus filhos estudaram, hoje estão arrumadinhos e felizes, visitam-me sempre que podem. Ver os netos a crescer é uma felicidade muito grande.

Nome	Paula, Madeirense
Data de nascimento	Julho de 1948
Naturalidade	Ilha da Madeira
Idade	60 anos
Profissão	Prostituta
Local de encontro	Café

A Paula era uma, dos muitos filhos de um casal de agricultores. Os pais não sabiam ler nem escrever. Do pai pouco ou nada se lembra, morreu quando era criança. A mãe, após a morte do pai foi obrigada a acumular o trabalho agrícola com os bordados. Era uma vida muito difícil. Sobre a sua frequência escolar diz: *Só me deixaram andar na Escola Primária até ao terceiro ano. A minha mãe precisava de ajuda por isso fui trabalhar, no que calhava.*

É solteira, nunca casou, tem dois filhos de uma relação que teve com um homem casado.

Acredita em Deus, precisa mesmo de acreditar, mas respeita todas as religiões, afirmando que cada um tem a sua fé.

Cansada de trabalhar e de entregar tudo o que ganhava à mãe, saiu de casa e veio para o Continente, para ser independente e ganhar para si. Trabalhou como empregada doméstica, concluiu a quarta classe na Escola de Adultos. Não gostava do que fazia, a senhora era muito má e exigente.

Numa das suas saídas de Domingo conheceu o pai dos filhos. Soube que ele era casado quando já *estava de barriga*. O amante nunca lhe faltou com nada, mantinha-a numa casa com os filhos, não precisava de trabalhar. Não quer referir quem foi o pai dos filhos, o que fazia, tudo o que se relacione com este homem mantém no mais estrito silêncio.

A morte do seu companheiro apanhou a Paula completamente desprevenida, a filha mais velha tinha treze anos. Sem emprego, dois filhos para criar, foi obrigada a procurar emprego. Trabalhou na lavandaria do Grande Hotel do Porto. Diz sobre o seu emprego: *O trabalho era muito, mas o dinheiro era pouco. Comecei a trabalhar na noite numa boíte conhecida da cidade.*

Foi desta forma que entrou na prostituição. A Paula relembra esses tempos com mágoa. *Era uma vida muito dura, passar a noite a beber, e entornar garrafas para a comissão ser maior e depois pegar ao trabalho na lavandaria do hotel. A noite por dormir, muita bebida no corpo, o trabalho pesado da lavandaria, custava muito.*

Aguentou os dois empregos durante sete anos, foi o máximo que conseguiu. As despesas continuavam a ser elevadas; as contas de casa, o pagamento à ama que tomava conta dos filhos, por isso multiplicou os serviços na noite, em boîtes e a atender homens.

Da cidade do Porto, conhece todos os estabelecimentos destinados a este fim, que a nosso pedido explicitou; são casas só frequentadas por homens de todas as idades e mais ou menos endinheirados, depende do estabelecimento, da sua localização e das raparigas que os donos apresentam. As mulheres que trabalham nestas casas, as bailarinas, esperam a chegada dos homens, servem as bebidas e fazem tudo para serem convidadas a beber um copo, é a parte mais importante do trabalho pois quanto mais o homem beber, maior é a comissão da acompanhante. Tentam tudo para os entusiasmar, as mãos das bailarinas deslizam pelas partes mais íntimas do corpo do homem, eles podem e são convidados a acariciar o corpo da mulher. É a altura delas despejarem a garrafa e pedir mais, nada mais lhes interessa do que a comissão, a elas e ao dono da casa nocturna.

As mulheres são convidadas pelos clientes para fazer sexo. Elas, normalmente aceitam. A concretização da relação sexual depende da categoria da casa. Existem estabelecimentos onde o acto pode ser concretizado, (numa parte escondida da casa e destinado a esse fim). Outras casas nocturnas não permitem os encontros sexuais, nestas, as mulheres levam os clientes para pensões conhecidas. Os contornos do negócio são sempre os mesmos, uma comissão para o dono, o resto para a prestadora do serviço.

Viveu muito a noite. A juventude começou a desaparecer e sentia o cansaço da vida de prostituta. A Paula decidiu arranjar um emprego, que lhe garantisse o sustento da família. Duas velhotas precisavam de uma empregada a tempo inteiro, aceitou o emprego, mas era muito trabalho, tinha de tratar da casa, o chão era de tábuas compridas que tinha de encerar todas as semanas. O trabalho do interior da casa era acrescido com o do quintal, onde havia muita

bicharada para alimentar e limpar. Desistiu. Era muito trabalho para ganhar tão pouco. Voltou à prostituição.

Procurei emprego nos clubes mais fracos, mas não me aceitaram. Estava gasta. O meu corpo e a minha cara mostravam a idade, por isso comecei a trabalhar na rua como prostituta. O que ainda faço. A rua é livre, não preciso de dar comissões a ninguém.

Ao relembrar o seu percurso desde a sua entrada na prostituição, considera que é uma mulher de sorte, até hoje nunca foi roubada, ou maltratada. Mesmo no tempo em que ser prostituta era proibido, não foi apanhada, mas sabia que o jipe andava sempre atrás das mulheres para as levar ao Aljube ou à esquadra de Coronel Pacheco.

A filha, actualmente com trinta e três anos, quando soube que a mãe era prostituta de rua foi buscá-la. Levou-a para a sua casa, mas a Paula não gostou de viver com a filha. *Ela proibia-me tudo, não podia sair, beber, fumar. Discuti-mos, até deu batatada, nunca mais a vi. É melhor assim ...*

Vive num quarto arrendado, onde paga mil e quinhentos escudos por dia, tem direito a usar o fogão para cozinhar e uma prateleira do frigorífico, só pode tomar um banho por dia de água fria, a roupa da cama é sua, bem como a comida. Tudo o que usar, desde o fogão à casa de banho, tem de ficar bem limpo. As donas da casa, duas velhotas, são tão esquisitas que a Paula prefere comer fruta e pão. Sempre que apanha as donas da casa fora e quando o tempo está quente usa o tanque do quintal, que é grande e toma um bom banho.

Recebe o rendimento mínimo, mas como é pouco dinheiro, continua na prostituição. Reconhece que cada vez é mais difícil ser prostituta de rua. O dinheiro é pouco para todos, e ela já não é uma jovem. Cada encontro, dura quinze a vinte minutos, a Paula recebe dez euros e o cliente paga o quarto da pensão, três euros por vinte minutos. Acrescenta: *Veja a data destas camisinhas, já estão fora de prazo. É para ver ao tempo que não faço um homem.* Esta declaração da Paula surpreendeu-me. A nossa conversa foi interrompida três vezes porque ela tinha de trabalhar.

Enquanto podia engravidar teve sempre o cuidado de usar a camisinha, para evitar ficar grávida, e também com medo das doenças. Nunca fez abortos, ou apanhou um esquentamento ou viajantes. Conhece a sida, por isso não aceita

relações sem preservativo, os homens que o recusam, resolve o problema: *meto o pássaro na gaiola, faço uma punheta, não me arrisco.*

Diz ser desmazelada com a sua saúde, nunca vai ao médico, mas como é cuidadosa com os homens que atende, não sente que precise muito de ir ao posto de saúde.

Gostaria de ter outra vida, mas agora não vale a pena, não quer perder o rendimento mínimo, são trinta e dois contos que lhe fazem muita falta. Esteve um ano com o rendimento cortado porque não se apresentou no Centro. Foi um ano muito difícil. Voltou a pedir ajuda à assistente social, fez o pedido, e conseguiu de novo o rendimento. É sempre uma ajuda.

Considera a prostituição como uma profissão, gostaria que houvesse mais direitos para as prostitutas e organizações sindicais que lutassem pelos seus direitos, para garantirem a velhice das mulheres.

Despedimo-nos da Paula Madeirense, pagamos o acordado pelo tempo que diz ter perdido com a nossa conversa e, ficou ao nosso dispor para qualquer outra abordagem, desde que esta fosse combinada e longe das suas companheiras de rua, para não ter problemas, a rua não é fácil, toda a gente é desconfiada com pessoas estranhas.

A Paula já tinha abandonado a confeitaria onde nos encontrávamos, voltou para trás e pediu que lhe fosse escrito num guardanapo que tirou do balcão o sítio de onde éramos, já se tinha esquecido o que lera nos papéis e queria saber. Afinal a Paula como as suas companheiras mantinha reservas a estranhos ao seu território.

Nome	Braga
Data de Nascimento	Abril de 1932
Naturalidade	Porto
Idade	76 anos
Profissão	Sapateiro e comerciante
Local de encontro	Confeitaria Ateneia, Porto

O Braga é filho único de um casamento bem sucedido. O pai, sapateiro de profissão era muito severo, a mãe doméstica era muito compreensiva.

Fez a escola primária, não os quatro anos, pois não gostava de estudar. A rua e a bola chamavam por si. O pai que não queria malandros em casa, obrigou-o a aprender a arte de sapateiro e a ajudar no pequeno negócio de família.

Nunca faltou ao trabalho, mas as noites eram por sua conta, indo muitas vezes trabalhar sem dormir. Considera que a culpa não era apenas sua, as mulheres não o largavam, tinha uma boa figura, gostava de sexo, a vida era para aproveitar.

Casou tarde, a filha já tinha quatro anos; os sogros não queriam o casamento pois consideravam que os homens que lidavam com facas eram muito mal vistos, tinham fama de arruaceiros e perigosos. O crescimento da filha e o amor da mulher demoliram a resistência dos sogros e o casamento acabou por acontecer. O pai considerou o facto de ele ter constituído família e deu-lhe sociedade no negócio de sapateiro. Nunca faltou com os seus deveres de marido, mas também nunca conseguiu deixar a vida nocturna e nunca foi homem de uma mulher só.

Para ele falar sobre prostituição é fácil por que esta lhe é muito familiar, apesar de referir que só em novo frequentou essas casas e muito poucas vezes. O dinheiro era pouco e como era um boa figura, arranjava as mulheres que queria sem precisar de pagar. Considera as mulheres, alvo muito fácil, comenta a propósito: *só precisam de palavras doces, e que lhes seja dado aquilo que os maridos ou namorados não sabem fazer, ir devagarinho...*

Em solteiro seus alvos predilectos eram as criadas de servir. *Com juras de amor, promessas de casamento, passeios no Areíño, elas caíam direitinhas. Rapidamente as levava para a “Pensão Eucalipto” – ou seja fazia-mos amor ao ar livre no meio do pinhal, era mais barato, só tinha o inconveniente dos mirones. Coitados também tinham o direito de consolar a vista.*

Das prostitutas que conheceu, sabe que eram originárias de vários locais. Elas vinham da província à procura de emprego como criadas, aprendizes de costureiras, ou de um emprego fabril. As filhas da cidade, provinham de mulheres que estavam na vida e as entregavam a amas e esqueciam que tinham filhos. Estas crianças passavam o dia na rua, eram vadias, muitas vezes acabavam na Tutoria ou em casas de alterne, escondidas porque a maior idade, era só aos 21 anos.

As prostitutas legais exerciam o ofício em casas próprias chamadas de alterne. Lá, tinham uma patroa que as vigiava e lhes cobrava uma comissão; os *homens entravam e elas estavam num salão como uma mercadoria. Escolhíamos a que nos interessava para levar para o quarto. Lembra-se muito bem de estas mulheres precisarem de ir à Delegação de Saúde para as inspecções, pois só com o visto no livrete de que estava tudo bem é que podiam trabalhar. “Era muito mais seguro do que hoje.*

Havia ainda as fadistas, cantavam em tabernas, e depois do espectáculo tinham os seus arranjinhos.

As mais desgraçadas eram as clandestinas; os homens que andavam na rua ouviam os seus convites. *Elas usavam um palavreado rasca.* Os homens que contratavam o serviço destas mulheres acertavam o preço com elas. O serviço era feito em pensões ou quartos que alugava em casas de fama duvidosa. Muitas destas mulheres, simples donas de casa, viviam do expediente de alugar quartos às mulheres da vida.

As mulheres que tinham família tentavam esconder que eram prostitutas, sobretudo se a família vivia na cidade. Arranjavam emprego nas fábricas ou como criadas. Depois do expediente trabalhavam no bordel.

As raparigas da província praticavam a prostituição em exclusividade, de forma escancarada, outras iam para a vida pela mão das mães ou de outros membros da família. As casadas, essas normalmente eram mais discretas, tinham os *seus arranjinhos* mas tentavam passar por senhoras sérias. Também

havia o caso de os maridos serem os *chulos*, sendo eles que as levavam ao bordel ou à zona da cidade onde arranjavam os clientes. No final vinham buscar a companheira, mas sobretudo o dinheiro. Quando elas não faziam clientes em número suficiente eram espancadas, para terem medo e no dia seguinte fazer mais.

E o Braga continuava, explicando-nos que a polícia controlava essas mulheres, sendo presas se não estivessem legais. Mas é claro que este negócio dava muito dinheiro, e havia sempre uma forma de calar os agentes: *as donas das casas ou os chulos pagavam. Aí já não havia nem matrícula ou idade, sendo muitas, menores, prostitutas. Quando não tinham protecção eram presas e presentes ao juiz, só podendo sair se pagassem a multa; se não tivessem dinheiro cumpriam pena de cadeia.*

Os *chulos* eram uns malandros, que não gostavam de trabalhar mas queriam viver bem. Juravam às prostitutas serem os seus homens para toda a vida. Prometiam-lhes casamento, mas alegavam que precisavam de juntar dinheiro para casar, e, como eles não conseguiam emprego, a única forma de concretizarem os seus planos era a companheira ganhar dinheiro rápido, ou seja viver da prostituição. O pior era quando elas descobriam que não eram únicas, as cenas de pancadaria eram fortes, até navalhas andavam no ar. *Eles sabiam-na toda...com um jantar, uma noite de amor e no dia seguinte elas já estavam a trabalhar novamente para o seu homem.*

Quando as mulheres adoeciam ou eram presas, nunca mais ouviam falar dos *chulos*, os seus homens. Estes, como a mercadoria já não tinha valor arranjavam outra e de preferência uma jovem que fosse novidade.

As pessoas de família não olhavam com bons olhos para estas mulheres, queriam distância, tentavam não passar pelas ruas onde se situavam estas casas, e, se cruzavam com estas mulheres na rua, viravam a cara para o lado como se elas tivessem uma doença contagiosa.

Elas vestiam-se de forma a chamar a atenção dos homens: saias curtas e mostravam as partes com facilidade; os decotes eram grandes, tudo o que mostrasse o corpo era da preferência das prostitutas. Usavam pinturas em excesso, numa palavra eram escandalosas.

O Braga afirma que, neste mundo, também existiam homens que se prostituíam, a quem chama de *paneleiro*". Usavam os urinóis públicos para

terem relações. Mas não gosta de falar do assunto pois considera-os anormais, denomina-os *de animais*.

Nunca ouviu falar em sindicatos, não era uma palavra muito dita, lembrava os comunistas. Assegura que estas mulheres também nunca o pensaram, pouco ou nada sabiam de leitura e escrita. Para as mulheres de *vida fácil* as preocupações eram de natureza económica: garantir um tecto e comida para o dia-a-dia. *O resto eram cantigas*.

Encarar a prostituição como uma profissão, pensa que não. Para o nosso entrevistado, entrar nesta vida era a última alternativa ao desemprego, à viuvez ou à desgraça de cair nas garras de um homem e depois ser abandonada.

A doença de que mais se ouvia falar era o cavalo ou a mula, leia-se sífilis. Nunca contraiu tal doença, mas sabe que quem frequentava estes meios estava sujeito.

Quando esta doença era contraída, as mulheres eram tratadas num local próprio que pensa ser perto do jardim de S. Lázaro. Muitas pediam ajuda a enfermeiros, tomavam umas injeções e continuavam na vida, ninguém ficava a saber de nada. Quando a *coisa* estava mais adiantada, muitas vezes não havia salvação. Muitas morriam, outras eram recolhidas na Misericórdia, sobretudo as mais velhas.

Abortos, toda a gente sabe que se faziam. As *abortadeiras* faziam o serviço nas suas casas e, se corresse mal, não queriam saber das raparigas, deixavam-nas entregues à sua sorte.

O Braga afirma com toda a convicção que as mulheres se prostituíam por necessidade. Eram tempos de grande miséria e muita fome. Considera que as raparigas se iludiam com o dinheiro fácil e a vida da noite, por isso ganhavam muito mas não sabiam poupar, gastando com muita facilidade, e, por isso, a maior parte destas mulheres ou arranjava um velho para as manter, (que elas depois manobravam bem) acabando por convencer o amásio a montar um negócio, ou morriam na miséria.

Acredita que estas mulheres não sentiam nada pelos homens que recebiam, eles é que eram parvos, *já se sabe que uma mulher consegue fingir na cama, o homem é que não*, contudo pelo seu homem, sentiam amor fazendo tudo por eles. Os *chulos* ou *azeiteiros* eram espertos, no início, tratavam-nas muito bem,

sabiam daquilo que elas gostavam, depois de as apanhar, a *coisa mudava de figura*.

Das muitas que conheceu, pensa que elas não gostavam de ser o que eram, repete o chavão da necessidade ou do engano, *mas é como tudo, o que custa é a primeira vez depois habituam-se...*

Nome	Lopes
Data de Nascimento	Desconhecida
Naturalidade	Porto
Idade	Provavelmente 80 anos
Profissão	Ardina
Local de encontro	Casa Comercial

O Lopes dos jornais foi-nos apresentado por um dos nossos intermediários que o considerou uma mais-valia para o nosso trabalho, dado o seu grande conhecimento da cidade.

O Ardina, não referiu a sua idade. Disse que na cidade havia três figuras que nunca seriam esquecidas: o duque da Ribeira, o Carlinhos da Sé, conhecido por ter assumido a sua homossexualidade, passeando na cidade de avental, todo arranjadinho. Às bocas que lhe mandavam respondia, e de que maneira. E ele, o ardina.

Disse que tem falado com muita gente sobre a cidade pois conhece-a como ninguém e que lhe fazem muitas perguntas sobre como era a vida no tempo em que vendia jornais na Praça da Liberdade. Por ser tão conhecido mereceu uma estátua no sítio que lhe serviu de local de trabalho, anos a fio.

Da prostituição nunca falou mas sabe tudo, não que fosse um frequentador, mas porque da cidade, nada lhe escapava.

Questionado sobre o tipo de mulheres que entraram nessa vida e as profissões que exerciam, foi peremptória a resposta: eram as criadas de servir e as operárias. As criadas muitas vezes eram violadas pelo patrão ou pelos filhos, quando engravidavam eram postas na rua. Sem emprego, caíam direitinhas na vida. As operárias, eram mal pagas, trabalhavam sobretudo na indústria têxtil. As mais conhecidas eram as da Senhora da Hora, a Fábrica dos linhos e uma outra em Rio Tinto e na branqueação na rua do Breyner. Eram mal pagas, a

vida muito difícil e os encarregados, normalmente casados, seduziam estas operárias prometendo-lhes um lugar melhor noutra secção a ganhar mais.

A família desconhecia o que elas faziam, era uma vergonha. Aquelas que se dedicavam só à prostituição, ou escondiam o feito como podiam, ou a família não se importava e recebia o dinheiro que elas mandavam, disfarçando da vizinhança.

Havia dois tipos de mulheres nesta vida: As legais, que tinham um livrete, e eram matriculadas no Governo Civil, inspeccionadas na Delegação de Saúde e trabalhavam em casas próprias. Estas casas eram visitadas pela polícia, a secção de justiça que estava a cargo do Governo Civil. As regras tinham de ser cumpridas: não podiam ser frequentadas por menores de vinte e um anos, assim como as mulheres também tinham de ser de maior idade e estar em condições de saúde para estar na vida.

Estas casas localizavam-se sobretudo nas zonas: da Banharia, Rua Escura, Cimo de Vila, Bonjardim, Caldeireiros. Nestas zonas encontravam-se as casas de prostituição mais baratas.

As clandestinas eram em maior número. Neste grupo encontrava-se mulheres de várias profissões: criadas de servir, empregadas de escritório, mulheres de limpeza, até bancárias. Estas mulheres trabalhavam na rua ou encontravam-se com os amantes nas pensões. Tentavam fugir à Polícia de Segurança, a já referida secção de costumes, porque esta actividade era proibida fora dos locais destinados a tais práticas.

Dos subornos, fala abertamente, toda a gente sabia como era feito; as donas das casas, para evitar as rusgas, pagavam e de várias formas, entregando envelopes recheados e quando os agentes da Judiciária, chefes graduados, comissários, normalmente casados queriam uma rapariga, eram bem servidos, e não na pensão onde actuavam porque eles eram casados e conhecidos. As raparigas iam ter à pensão Emília do Adriano na rua Conde Vizela, a dona da pensão dava-lhes um jornal para disfarçar. Quando os altos senhores chegavam o quarto já estava pronto, e era só subir. Dá como exemplo o Manso do Corpo da Guarda e o Ângelo da Polícia Judiciária, só com um telefonema tinham a mulher pretendida no local e hora por si desejados.

Estes encontros eram gratuitos, outra forma de suborno, ou seja, a entrega de dinheiro e o uso das raparigas evitavam as rusgas às donas das casas, e

assim muitas fugiam à lei, desde a idade das raparigas à obrigação das inspecções.

O Lopes sabia que muitas mulheres trabalhavam nos arredores do Porto. Eram recolhidas por cinco ou seis carros, levando cada veículo cinco mulheres. Os lugares para a recolha das prostitutas eram sempre os mesmos: Café Guarani e o Imperial.

Afirmou que as prostitutas não eram todas da mesma categoria: as que trabalhavam na zona pobre da cidade atendiam todo o tipo de homens velhos, novos, bêbados, o que calhava. Muitos eram operários, e ainda havia os embarcadouros, os militares e alguns estudantes que também frequentavam estas casas.

As mais finas trabalhavam em bares para os industriais com alicerces de gastar. Estes clubes abriam por volta das dez, onze horas da noite e fechavam, pelas quatro da manhã. Dentro destes clubes não havia relações sexuais. As raparigas bebiam com os clientes, vinho do Porto ou Whisky, despejavam os copos porque quantas mais garrafas fossem para a mesa maior era a comissão. Os encontros, para o sexo, aconteciam fora do clube mas em lugar já destinado, uma residência clandestina. Elas iam, eles apareciam um bocado mais tarde no sítio combinado. Estas raparigas ganhavam mais, eram mais finas, tinham outro aspecto.

Uma das casas mais conhecidas do Porto era o Copacabana no Palácio de Cristal, onde só ia gente com dinheiro.

Não conhece a forma como evitavam a gravidez, sabe que muitas destas mulheres praticavam o aborto que era feito por habildosas, as mais baratas, ou por enfermeiras para quem tinha mais posses. Muitas mulheres morriam, nem tinham tempo de chegar ao hospital. Quando acontecia uma morte a “curiosa” se fosse identificada era presa.

Os filhos das prostitutas ou eram entregues a umas, ou andavam pela rua, como vadios. Naquela altura partir um vidro dava cadeia. Muitos foram parar à Tutória para serem ensinados.

A sociedade marginalizava estas mulheres, eram chamadas de ordinárias ou vadias, um mau exemplo para as mulheres honradas. Elas, as prostitutas não disfarçavam, na rua usavam mini-saia, meias extravagantes, falavam em calção, eram mesmo mulheres *de porta aberta*.

Perguntamos ao Lopes, pois percebemos o seu conhecimento com e sobre prostitutas, se ele conhecia os motivos que as levavam à entrada no mundo da prostituição. Foi célere na sua resposta, aliás como em todas as outras, não tem dúvida que o principal motivo estava relacionado com a miséria. Sem emprego, mães solteiras, viúvas, jovens seduzidas e abandonadas, viam-se sozinhas e acabavam no bordel. Havia sempre uma conhecida que lhes ensinava o caminho para obterem dinheiro de forma fácil e rápida.

Acrescenta, ainda que muitas mulheres casadas, tinham os seus *arranjinhos*, a forma de ganhar mais algum dinheiro ao fim do mês. Os salários eram pequenos, muitas vezes os homens não tinham emprego certo, ou ficavam desempregados, havia muita fome e miséria naquele tempo...

Os encarregados, ou os patrões prometiam um lugar melhor e lá iam elas... Outras eram empurradas pelas *chegadeiras*, que ouviam os lamentos das mulheres sobre a falta de dinheiro e apontavam-lhes o fulano ou beltrano para resolver o problema, pois num bocadinho podiam tirar a fêria do mês. Assim arranjavam-lhe o homem e o sítio do encontro; evidentemente que também recebiam a sua comissão.

As *chegadeiras* foram as responsáveis por muitas mulheres que se perderam nesse mundo, *custava a primeira vez, depois...*

Não se lembra de ter ouvido falar em escândalos que envolvesse alguém conhecido da cidade com uma destas mulheres. Para o Lopes não existiu nenhum porque os envolvidos eram influentes por isso ficava tudo abafado.

Refere ainda que nos anos sessenta, a instrução primária era muito melhor, sabiam mais do que *a canalha de hoje com o nono ano*, respeitavam os professores, os *vadios* eram entregues aos padres ou à Tutoria.

A nossa conversa terminou, o Lopes estava com pressa mas disposto a ajudar uma vez que considera que ninguém conhece a cidade como ele, com a sua idade já viu muito.

O tempo em que foi ardina na Praça da Liberdade e os anos que trabalhou como porteiro no Hotel Infante Sagres, onde ainda hoje tem uma banca de revistas, permitem-lhe uma observação profunda sobre o seu Porto.

Qualquer coisa que queira saber é só mandar um telemóvel, e voltamos a falar.

Local	Danceteria no Porto
Entrada	Livre
Preço	3€. Com direito a lanche, música ao vivo e baile
Horário	Início, 15h
Idade média dos frequentadores	Aproximadamente 65 a 70 anos
Outros eventos	Noites temáticas

Sendo o objectivo deste trabalho observar o fenómeno da prostituição nas suas diferentes vertentes, considereei uma mais-valia frequentar locais onde a actividade da prostituição pudesse ocorrer de forma aberta ou disfarçada.

Entrar neste ou noutro local do género não constitui um problema. A entrada é livre. Fui avisada pelos intermediários que comigo colaboravam de que o deveria fazer com cuidado, pois o meu perfil não se enquadrava no dos frequentadores habituais o que poderia causar desconfiança a quem vigia o local.

Cheguei ao local à hora de abertura. O átrio da danceteria estava repleto de mulheres e de homens, (sendo as mulheres em maior número). Os frequentadores aparentavam ter entre 60 e 70 anos, talvez até mais. Este dado é fruto da minha observação, não podendo por isso ser exacto.

Enquanto esperava pela abertura da porta da danceteria, dei início à minha observação. Homens e mulheres usavam roupas muito antiquadas e chamativas. As mulheres vestiam-se de cores berrantes e brilhantes. As roupas e acessórios que elas usavam faziam ressaltar as formas de um corpo que a idade já tinha alterado.

Nos homens predominava o negro, as camisas abertas com fios de ouro pendurados ao pescoço e as respectivas pulseiras. O cabelo era puxado para o lado ou para trás, coberto de brilhantina. Outros, mais fiéis à moda dos anos sessenta, vestiam de forma menos formal, calça de ganga e camisola de manga curta. Estes usavam os cabelos compridos, mas completamente brancos.

Quando as portas se abriram aquele aglomerado de pessoas precipitaram-se para a entrada para conseguirem uma mesa bem localizada. Este facto não me preocupou, já tinha uma mesa reservada pelo intermediário que se dispôs a fazê-lo. Só desta forma poderia obter uma mesa bem localizada a fim de observar o espaço e os frequentadores do mesmo. A reserva foi feita com um nome falso. Ninguém poderia desconfiar do meu papel na danceteria.

A entrada revelou-se uma surpresa. Todos os utentes tinham de passar por uma máquina de detectores de metais e permitir a revista das carteiras.

Esperei na fila para a revista. Um aviso bem visível que alertava: *Todos os utentes que se recusassem a este procedimento seriam impedidos de entrar por ordem da gerência.*

Enquanto aguardava entabulei conversa com os meus companheiros de fila. Questionei sobre o porquê daquela atitude. Os meus companheiros perceberam que era a minha primeira vez e não foram reticentes a dar-me a explicação: - *é que às vezes os casais zangam-se. Aqui, quando se acaba com um começasse logo com outro, e depois há os ciúmes, as discussões e a pancadaria.*

Quando chegou a minha vez, fui revistada como se houvesse uma ameaça terrorista. Tiraram tudo da minha carteira; abriam os livros, a bolsa que continha os meus objectos íntimos, o que não deixou de me criar um sentimento de insegurança.

Liberada a entrada, os frequentadores habituais moviam-se como formigas no sentido de arranjar uma boa meia. Só mais tarde percebi o interesse daquela procura.

Acomodada na mesa, previamente reservada, defini a estratégia da minha actuação: primeiro observar sem levantar qualquer suspeita, depois tentar dialogar com as frequentadoras do local. Não sabia como o iria conseguir. Mas o meu objectivo não podia ser logrado...

Sobre o espaço, é difícil proceder à sua descrição; senti que estava num mundo à parte. Situado no oitavo piso de um edifício comum da cidade, surge do nada, um dancing, amplo com uma decoração antiquada, bolas luminosas no tecto, palmeiras artificiais espalhadas pelo local, pouca luz, um bar e um palco.

A entrada dos músicos em cena significava o início do baile. A música era-me completamente desconhecida. Aos frequentadores agradava pois, mal se ouviram os primeiros acordes, a pista ficou cheia de pares.

Começou a primeira fase do meu trabalho: perceber a formação dos pares. Na verdade, estes nasciam ao acaso, e de acordo com os convites dos cavalheiros. Excepcionalmente havia casais nas mesas, o que nada significava pois não dançavam juntos, mas sim com quem os convidava.

As mulheres, que não eram solicitadas, iam sozinhas para a pista. Elas, dançavam de forma provocante e, quando não arranjavam par, dançavam umas com as outras

Os homens perfilhavam-se junto das mesas. De pé, numa atitude de observação. Escolhida a interessada, ou se deslocavam à mesa, ou faziam um gesto com o dedo e elas, imediatamente, se levantavam e iam para a pista.

Passei mais de três horas dentro deste local o que me permitiu observar como pessoas desconhecidas começavam a dançar e se a companhia lhes agradasse, em especial aos homens, não demorava muito que a atitude do par mudasse: de desconhecidos passavam a casal.

Reparei na existência de um espaço mais escondido e menos iluminado, entre a sala de não fumadores e fumadores. Era para este espaço que os casais se deslocavam e onde davam corpo a atitudes de maior intimidade; falo de beijos longos e de mãos que escorregavam pelos corpos.

É impossível não deixar de reflectir sobre as razões que moviam mulheres de idade tão avançada a exporem-se de forma simplista.

A danceteria transportou-me para um mundo que me era completamente desconhecido. A forma de actuação dos intervenientes levantou-me muitas questões. Aqueles indivíduos encaravam-se, observavam-se e entregavam-se...

Sendo eu, um elemento desconhecido e o meu vestuário, em nada se assemelhar aos das restantes mulher, fui convidada com frequência para dançar. Recusei todos os convites. Não pretendo invocar falsos moralismos para justificar a minha atitude de recusa. Mas tenho de afirmar que a forma como me abordaram foi completamente dissuasora. Dançar com um dos homens que me convidou poderia ter enriquecido este trabalho, mas tive muitas dúvidas. A forma como me abordaram não era para conversar! E, o

objectivo de me deslocar à danceteria era o de conhecer as razões que levavam as mulheres a exporem-se e o que procuravam naquele lugar.

A concretização do meu intuito apresentava-se uma tarefa difícil. A música não parava. Elas, ou estavam na pista de dança, ou ansiavam por um parceiro, não desviando o olhar da fila masculina que observava as mulheres disponíveis. Não queriam conversar com quem estava sentado ao seu lado, eu era uma mulher, para quê dar-me atenção, não passava de uma concorrente...

Reparei que as senhoras iam muitas vezes à casa de banho e demoravam. Decidi tentar ver o que se passava nesse local e a possibilidade de, com uma conversa de circunstância, atingir os meus objectivos.

Na realidade esse local revelou-se de algum interesse à concretização das minhas pretensões. As senhoras deslocavam-se em grupo para os lavabos, para retocar a maquilhagem e refrescarem-se. As conversas iam surgindo, visavam sobretudo a conquista da tarde. Lentamente fui entrando na conversa. Inicialmente olharam-me com desconfiança. Com alguns sorrisos e palavras de apreço à forma como aguentavam o ritmo da pista, eu seria incapaz de o fazer, as mulheres foram aceitando as minhas palavras. Expliquei que procurei aquele local, por indicação de uma amiga, que me havia dado óptimas referências de como passar uma tarde descontraída e esquecer o mau momento que a minha vida atravessava.

A Maria respondeu prontamente: *Não há melhor lugar para uma mulher passar um bom bocado. Venho sempre que há baile, o que normalmente acontece às terças e quintas, e sempre que posso também venho à noite.* "Delicadamente perguntei se não trabalhava. Já sou reformada. Fui enfermeira durante muitos anos. Trabalhei muito, agora, com 68 anos é altura de gozar a vida. Nunca casei. A profissão não permitia. A reforma não é má. Estar fechada dentro de casa, e esperar a velhice e isso não era para mim... A medo, perguntei o que a trazia àquele lugar. Prontamente respondeu: *Aqui, encontro diversão e companhia. Acrescentou: Gosto tanto de dançar que, há pouco tempo, dancei tanto e sem parar, que fui para o hospital, pois fiz esforço demais...* Disse ainda, *que o conjunto começa por tocar música muito acelerada, para cansar os velhotes, mas ela aguenta bem. O incidente que a fez ir para o hospital aconteceu, porque já não andava muito bem, devia ter ficado em casa, mas nos dias do baile sentia uma coisa e tinha de vir.*

Continuou a retocar a sombra dos olhos, bem como a amiga que a acompanhava, à qual dei o nome de Celeste, a quem perguntei se era da opinião da amiga. Mais reservada, disse concordar com a Maria.

A Celeste parecia mais velha do que a sua companheira, mas o diálogo não estava a ser fácil. De forma reticente foi dizendo: que era viúva, tinha filhos e netos, mas sentia-se muito só. Veio uma vez com a Maria gostou e continuou a vir, já não conseguia passar sem o baile. *Aqui, não acontece nada de mal.*

*Tenho 75 anos, sei bem o que quero da vida. Os meus filhos e os netos estão na vida deles. Com a minha reforma de operária e a pensão de viuvez, não preciso de nada, só quero ter saúde para gozar um bocadinho a vida...*A

Celeste continua: *Passei muita fome e levei muita pancada. Agora é para aproveitar a vida.*

Voltaram à sala. O baile e os companheiros esperavam-nas.

A música que tocava na sala de baile era mais calma. Na pista era visível os pares que se haviam formado bem como a relação de intimidade que tinham adquirido.

Na mesa continuei a minha observação. O recanto onde se encontravam os casais mais ousados era o mais escuro. Assim, e para poder conferir o que se passava nesse recanto, fui obrigada a passar para a zona de fumadores, (a forma mais discreta, que encontrei para conferir a zona mais escondida do salão).

Na obscuridade os corpos colavam-se, o desejo aflorava. Não o escondiam, pelo contrário, deixavam o seu comportamento bem visível. Pretendiam demonstrar a sua conquista?

Regressei à mesa. Os homens persistiam em convidar-me para dançar. A minha permanência no local estava a ficar insustentável. Recreei levantar qualquer suspeita, e decidi abandonar a danceteria.

Deixei o local, insatisfeita. Muitas das minhas perguntas tinham ficado sem resposta. Sabia que tinha de transpor mais uma barreira; saber o que se passava na verdade, na danceteria que visitei. Para o efeito, contactei uma antiga empregada que sabia ser frequentadora assídua do local, onde estive e de outros similares.

Nome	Emília
Naturalidade	Vila Nova de Gaia
Idade	73 anos
Profissão	Operária
Local de encontro	Casa particular em Gaia
Estado Civil	Viúva

A Emília recebeu-me com o carinho de sempre. Expliquei-lhe o que pretendia e ela de imediato, se disponibilizou a falar sobre a danceteria e as razões que a levaram a esse local.

No dia marcado a Emília compareceu, disposta a contar tudo, afirmando que até lhe fazia bem desabafar. Sabia que podia contar com a minha discrição.

A Emília vive nos arredores do Porto. É mãe de três filhas e avó de quatro netos. Filha de pai incógnito, desde muito cedo começou a trabalhar, bem como as irmãs mais velhas. A mãe que era uma santa morreu cedo e a Emília acabou por ser criada pela irmã mais velha, que casou bem e foi viver para Lisboa. Disse ter muitas saudades da irmã, gostaria de a visitar, mas como não está habituada a sair para tão longe, vai adiando a ida a Lisboa.

Começou cedo a trabalhar, numa fábrica de cerâmica, como cedo conheceu o pai das filhas. Ele era mais velho do que ela e conhecia bem a vida. Trabalhava como cobrador na empresa de camionagem da vila. Seduziu-a e engravidou-a. Como ela era menor, ele foi obrigado a casar com a Emília.

Alugaram uns anexos, onde criou, casou as três filhas e viveu até o marido morrer. Dele não guarda nenhuma saudade, justifica a sua atitude dizendo: *Ele era um egoísta. O dinheiro que ganhava, e não era assim tão pouco gastava-o com mulheres e vinho; por isso eu aceitava as horas extraordinárias que me ofereciam na fábrica. Era preciso pagar as contas e sustentar a família.*

O Encarregado, da fábrica que conhecia a sua situação, fazia de tudo para ela receber mais dinheiro no final do mês. Acrescentou: *Sabe menina, não era só por pena, ele gostava de mim. Muitas vezes me apertou quando eu estava a separar os azulejos defeituosos.*

As deslocações para a fábrica eram feitas a pé, o dinheiro não dava para os transportes. *Quando iam várias mulheres não custava muito, mas quando tinha de vir sozinha e atravessar o monte, tinha muito medo de um malandro me abafar ali. Não era a morte que me assustava mas sim, o futuro das minhas meninas. Chegava a casa cansada, mas ainda havia muito para fazer: - a comida, a roupa para lavar, quantas vezes tive de secar no fogão as batas das minhas filhas e a única saia que tinha para levar para a fábrica!*

Considera que trabalhava muito, mas que tudo ficava pior quando o marido chegava a casa, quase sempre bêbado e querendo usar o seu corpo. *Muitas vezes tentei recusar, mas ele começava aos gritos e a dar-me murros na cabeça. Eu, com vergonha dos vizinhos e para que as minhas filhas não percebessem, deixava-o fazer o que queria. Quando o sexo era normal, menos mal, o pior era quando lhe dava para as coisas porcas, isso custava-me muito. Ferrava a boca de dor e raiva. Ai se fosse hoje e depois do que soube, matava-o, ia para a cadeia mas não me importava.*

A Emília entrou num choro compulsivo, disse que não sabia se era capaz de contar tudo, tinha raiva e vergonha. Descansei-a. Ela só falaria sobre o que entendesse.

Mais tranquila, continuou o relato da sua vida, as suas filhas eram espertas, duas fizeram o sexto ano, a mais nova o nono. *Terminaram os estudos e fizeram-se à vida, são operárias e não ganham mal...*

Nunca se meteu no namoro das filhas. Queria respeito, falava com elas para que não cometessem o seu erro, se elas foram virgens para o casamento não sabe, pensa que sim que lhe deram esse gosto. O pai foi ausente em todo o processo de crescimento das filhas, mesmo para as casar; foi com muito trabalho que juntou o dinheiro para a boda e enxoval.

A morte do marido foi mais ou menos anunciada, uma vez que ele contraiu uma doença grave no fígado devido à bebida. Este foi um dos períodos mais difíceis da sua vida, não pela viuvez mas porque a fábrica, onde tantos anos trabalhou, depois do 25 de Abril começou a ter dificuldades e dispensou muito pessoal, começando pelos mais velhos e menos qualificados. A Emília foi uma das dispensadas.

Ficou viúva e desempregada antes dos 65 anos, não tinha direito à reforma restando-lhe, para viver, a pensão de sobrevivência do marido. Por mês

recebia 29 contos. Como era muito pouco para fazer face às suas despesas, decidiu procurar uma casa para trabalhar a dias.

A morte do neto, de alguns meses, torna a Emília a pessoa mais infeliz do mundo, não queria continuar a viver. Meteu-se na cama, recusando ajuda médica e os alimentos que lhe levavam. Uma das vizinhas que a visitava com frequência falou-lhe de uma Igreja que a podia ajudar. A vizinha arrastou-a para essa Igreja, e o pastor, ao saber da sua situação, orou muito com ela. Chegou a desmaiar durante a oração, mas os maus espíritos que a acompanhavam, deixaram-na em paz e ganhou gosto pela vida.

Arranjou emprego como mulher-a-dias. Sempre soube gerir bem o seu dinheiro, conseguiu fazer uma conta poupança. Vivia bem. A tristeza desta mulher era a solidão. As filhas só a convidavam ao fim de semana para almoçar e muito raramente. Como não gostava de estar em casa, vinha passear para o Porto. Foi num destes passeios que encontrou uma antiga companheira da fábrica que a levou à danceteria que visitei.

Foi a primeira vez, gostou e passou a ser uma frequentadora assídua. Dançava com quem a convidava e lhe agradava.

Perguntei à Emília sobre o que se passava na realidade nesse espaço.

A resposta foi pronta: segundo ela, havia de tudo, só mais tarde percebeu porque *o sentiu na pele*. As mulheres, que como ela eram *batidas* no local, acabavam por travar amizades, e se um homem despertava o seu interesse iam sempre na expectativa de ele estar à sua espera, no baile seguinte. O envolvimento acabava por acontecer, eles ofereciam-se para as acompanhar ao transporte, depois surgia o convite para lanche e, quando davam conta, já estavam na sua casa, na sua cama.

A Emília é sincera, quando refere: *As coisas acontecem assim porque nós queremos, as mulheres que vão para estes sítios querem divertir-se mas também procuram companhia, eles sabem e vivem disso, sei de muitas que entraram lá com boas contas bancárias e muito ouro, hoje estão sem nada, sozinhas e com dívidas para pagar.*

A menina conhece bem o meu caso: *Estava com a minha vida tão arranjada, gostava tanto do meu trabalho e abandonei tudo por causa do homem que conheci no baile e por quem me apaixonei. Ele era casado, mas a mulher deixou-o por um mais novo, tinha muitos filhos mas nenhum prestava, estava*

muito infeliz, não sabia viver sozinho. Convenceu-me que eu era a mulher da sua vida e que não valia a pena estar a pagar a renda de uma casa que não tinha condições. Ele nem gostava de vir ter comigo porque depois do acto sexual queria ir à casa de banho, mas esta era fora de casa. Ele achava que era melhor entregar a minha casa à senhoria e ir viver com ele que tinha casa com todas as condições.

Com medo de o perder fiz-lhe a vontade, entreguei a casa, vendi os móveis e fiz umas trouxas com as minhas roupas, fui viver com ele. Como sabe não deixei logo de trabalhar, ele não se importava desde que não fosse para casa tarde.

A casa do Fernando localizava-se num bairro do Porto. No dia em que fui para lá morar e nos seguintes trabalhei como uma moura pois o lixo era tanto que ninguém podia estar lá dentro. Lençol para fazer a cama não tinha; estava habituado a dormir em cima do colchão, com um cobertor. Cega de amor, fui ao banco levantar algum dinheiro das minhas poupanças e comprei o que fazia falta para a casa.

O Fernando aos poucos foi mostrando o seu feitio. Eu só podia sair de casa para trabalhar. O dinheiro que ganhava e o que recebia da pensão de viuvez era controlado por ele. Disse que a mulher o tinha deixado com muitas dívidas que precisavam de ser pagas, eu não tinha que me preocupar porque ele tinha muito dinheiro para receber do seguro.

Passado algum tempo o Fernando pediu-me para comprar um carro usado mas que estava em bom estado. Era um empréstimo, quando recebesse o dinheiro do seguro dava-me os trezentos contos. Perguntei o que se tinha passado para ele ter tanto dinheiro para receber, explicou-me que o trabalho dele era fazer o transporte das meninas que iam do Porto para o bar de alterne de Amarante, aquele que ardeu. Numa das viagens teve um acidente grave, perdeu a carrinha e está à espera do dinheiro do seguro para voltar a fazer a sua vida.

Aos poucos fui conhecendo o Fernando. Continuávamos a ir ao baile, mas ele já não tinha prazer na minha companhia, queria comprar o carro para irmos passear, o baile não era bom ambiente para a sua mulher. Fiz-lhe a vontade, achei que era uma prova de amor, ele não queria que nenhum homem olhasse para mim.

Comprou o carro que ficou em seu nome. Poucas vezes me levou a passear. Saía sozinho, tinha assuntos para tratar. Comecei a fazer perguntas, se não trabalhava o que tinha para tratar, explicou-me que fazia parte de uma caixa que emprestava dinheiro e tinha de ir à procura de um homem que ficou a dever e por isso a caixa rebentou.

Sempre que ia à mercearia, perto de casa, as pessoas olhavam para mim de forma estranha. No início pensei que era por ele ser casado. Só mais tarde, quando tiveram alguma confiança comigo, é que me avisaram: *Não sabe onde e com quem está metida. Tenha muito cuidado, já não era a primeira...*

Aos poucos fui percebendo onde estava metida, o Fernando tinha muitos filhos. Nenhum deles tinha uma vida decente: as raparigas casadas, mães de filhos, viviam da prostituição, e os maridos consentiam, mas eram umas desgraçadas, passavam a vida a bater à porta a pedir comida e dinheiro.

Os rapazes viviam de aldrabar os outros. Um foi preso porque falsificou o carimbo de uma instituição (não menciono o nome uma vez que o processo judicial não está concluído), fez peditórios na altura do Natal, passava recibos para o I.R.S., burlou várias empresas e particulares.

Os outros andavam na droga, a consumir e a traficar. O pai não queria saber dos filhos, e afirmava que já eram todos adultos e que fizessem da vida deles o que entendessem.

Este não era o Fernando que conheci no baile, de dia para dia ia ficando mais agressivo, não permitindo perguntas. O que lhe interessava era a comida pronta a horas, e não lhe servia qualquer coisa; queria a roupa lavada e passada a ferro. Na cama foi ficando mais distante, o normal não o satisfazia, queria coisas diferentes. Chorei muito, tinha vergonha de contar às minhas filhas, deixei de trabalhar e tentei o suicídio, infelizmente não morri.

Como não aguentava mais aquela vida, arranjei uma casa muito pobre, as pessoas amigas ajudaram-me, eu não tinha nada, nem uma cama para dormir, o dinheiro foi gasto com os caprichos do Fernando. Às escondidas fui arrumando as minhas coisas, aproveitei um dia que ele saiu, e fugi.

De novo sozinha, e sem dinheiro para pagar as contas, procurei emprego, o que não foi fácil devido à minha idade. Acabei por me inscrever num lar de dia, pelo menos comia, só tinha de dormir em casa.

Foi difícil conseguir o perdão das minhas filhas, mas como a mais velha estava muito doente, eu era mãe e queria ajudar, aos poucos fomos falando, mas nunca mais voltou a ser o que era. As minhas filhas falavam comigo, mas criticavam muito o passo que dei, os meus genros nem queriam conversa.

A minha filha mais velha continuava no psiquiatra e não havia melhoras. Perguntei-lhe o que se passava com ela; esse dia nunca vou esquecer, foi o maior choque da minha vida. Ela, muito revoltada, disse que se estava no psiquiatra ao pai o devia, ele tinha abusado dela e da irmã, só não conseguiu fazer o mesmo à mais nova porque ela não deixou. Era este o motivo da sua doença, não conseguia aceitar o marido, já tinha tido relações com outros homens, mas de todos sentia nojo. Fugi, não sabia o que havia de fazer, a minha vontade era matar o pai das minhas filhas, mas ele já estava morto, fui ao cemitério e despejei a minha raiva na campa.

Outra vez sozinha, e sem coragem de enfrentar as minhas filhas, voltei a frequentar os mesmos sítios. Descobri que o Fernando não tinha deixado de gostar de dançar, afinal ele continuava no mesmo sítio, só que com outra que já vivia em sua casa, foi uma facada no meu peito.

Vai achar que eu sou maluca, mas a verdade é que eu gostava daquele homem. Quando a mulher que vivia com ele o deixou, o Fernando conversou comigo, prometeu que se eu voltasse tudo seria diferente. Voltei, mas tudo é igual, não tenho mais força para lutar, quero morrer. Deus deve ter-se esquecido de mim.

Sei que ele continua a frequentar o baile e anda com outras. É o que todos fazem nesse sítio, arranjam mulheres que os sustentam e lhes façam o trabalho de casa.

Frequentei muito tempo esse lugar, pouco se aproveita desse sítio, vão para lá mulheres à espera que os homens lhes ofereçam prendas, lanches, jantares... Os homens que não trabalham aproveitam-se da solidão de viúvas, separadas ou casadas para lhes tirarem o que têm; mas não é tudo mau, é raro, mas às vezes consegue-se um casamento...

Século	Ano	Advertências	Decreto-Lei	Conteúdo
XVII	1603		Ordenação do Reino	Alcoviteiras e mulheres que fazem mal ao seu corpo podem ser punidas com penas severas.
XVIII	1760		Alvará de 25 de Junho	Cria a Intendência Geral de Polícia da Corte e do Reino, transfere os poderes de fiscalização da prostituição que estavam a cargo dos Corregedores e juizes para a polícia.
			Editais de Pina Manique, Intendente Geral da Polícia	As prostitutas encontradas em locais não autorizados eram enviadas para casas de correcção.
XVII	1781		Prescrição de Pina Manique	Todas as meretrizes serão sujeitas a um registo e uma inspecção médica. Todas as mulheres doentes serão presas e tratadas e expulsas se causarem escândalo. Pina Manique deu origem aos regulamentos.
XIX	1836		Novo Código Administrativo	Artigos direccionados para o controlo policial das prostitutas, como a proibição de permanecerem em certos locais.
XIX	1843/Porto			Surge um grave problema de sífilis entre os militares. Governador do distrito manda que fossem arroladas as prostitutas e sujeitas a uma

			inspecção médica.
XIX	Anos seguintes/Porto		Prostitutas inspeccionadas a partir de uma norma regulamentar da Polícia Sanitária do Porto que referia a matrícula e inspecção de todas as prostitutas.
XIX	1853	Regulamento Sanitário do Porto segue as medidas previstas no Código Administrativo de 1830	
XIX	1853	Regulamento Sanitário das Meretrizes e Casas de Toleradas da cidade de Lisboa	
XIX	1865	Novo regulamento em Lisboa que acrescenta multas e aspectos de controlo sanitário.	
XX	1930	Edital do Governo Civil de Lisboa	Extingue as casa de toleradas, substituídas por estabelecimentos de permanência transitória, os quartos mobilados.
XX	1931	Novo Edital do Governo Civil de Lisboa	Estabelece que as receitas com a venda de livretes, termos de responsabilidade e licenças para quartos mobilados, c constituem um fundo a ser administrado pela P.S.P.
XX	1949	Lei 2036/ de 9 de Agosto	Proíbe novas matrículas e a abertura de novas casas de toleradas, a regulamentação

			em vigor só se aplica às mulheres já inscritas
XX	1962	Decreto – Lei nº 44579	Entra em vigor a 1 de Janeiro. Proíbe o exercício da prostituição, o encerramento das casas de tolerância, sendo os bens apreendidos. Os livros de registo, livretes e outros documentos seriam queimados
XX	1977	É criada uma comissão para elaborar um relatório sobre a prostituição para analisar as causas, determinar a amplitude do fenómeno e a distribuição pelo país.	Trabalho inconclusivo. Serve de base à elaboração de um anteprojecto de lei que se orientava para a punição dos proxenetas e prostitutas.
XX	1982		A lei deixa de punir as pessoas que se dedicam à prostituição.
XX	1982	Decreto-lei nº 400/82	Despenaliza o acto prostitutivo e criminaliza o lenocínio.

Fontes e Bibliografia

I – Fontes Impressas

BRAZÃO, Arnaldo, 1926, *Abolição do Registo Policial das Meretrizes*, Tese apresentada ao primeiro Congresso Abolicionista português, Oficinas Gráficas do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, Lisboa.

COELHO, Adolfo, 1934, *Ópio, cocaína e escravatura branca*, Livraria Clássica Editora, Lisboa.

CRESPO, José, *Contribuição para o estudo do lenocínio em Portugal. O Meretrício do distrito de Viana do Castelo*, Separata da “Coimbra Médica”, vol.XI, nº4, Coimbra, 1944.

CRUZ, Inácio Santos, 1984, *Da Prostituição na cidade de Lisboa (1841)*, Publicações Dom Quixote, Lisboa

D'AZEVEDO, Francisco Pereira, 1864, *História da Prostituição e Polícia Sanitária no Porto*, Casa de F. Gomes da Fonseca, Porto.

FONSECA, Ângelo, 1902, *Da Prostituição em Portugal*, Typographia Ocidental, Porto.

FONSECA, Aureliano da, *As Doenças Venéreas e a Prostituição. Esboço do seu estudo social e vigilância Sanitária*, Separata de “O Médico” nº 181, Tipografia Sequeira, Lda., Porto, 1955.

FONSECA, Aureliano da, *Prostituição. Esboço da sua evolução no Mundo e em Portugal. Alguns Aspectos da Prostituição no Porto*, Separata “O Médico” nº 680, Tipografia Sequeira Lda., Porto, 1964.

FONSECA, Aureliano, BRANDÃO, Francisco Norton e outros, *Alguns Aspectos Sociais e Económicos da Prostituição Em Portugal*, Separata de “O MÉDICO” nº 716, Tip. SEQUEIRA, Lda., Porto, 1965.

FONSECA, Aureliano da, *O Regresso da Prostituição à Via Pública*, Separata “O Médico” nº 974, Tipografia Sequeira, Porto, 1970.

FREITAS, Sara Maria Pires de, 1960, *Ensaio para um estudo dos Factores Determinantes da Prostituição*, Dissertação para o acto de licenciatura apresentada à Faculdade de Medicina do Porto, Porto.

GIÃO, Armando, 1981, *Contribuição para o estudo da Prostituição*, Tip. Crist. A. Rod., Lisboa

LEMOS, Alfredo Tovar de, 1908, *A Prostituição*, Centro Tip. Colonial, Lisboa.

LEMOS, Alfredo Tovar de, 1910, *A Syphilis*, Centro Tip. Colonial, Lisboa.

LEMOS, Alfredo Tovar de, 1950, *Inquérito acerca da Prostituição e Doenças Venéreas em Portugal*, Editorial Império, Lisboa.

LIMA, Fernando Andrade Pires de, 1929, *O Casamento Putativo no Direito Civil Português*, Coimbra Editora Lda, Coimbra.

LOMBROSO, Cesare e FERRERO, 1991, *La femme criminelle et la prostituée* (1895), Grenoble, Editions Jérôme Millon

NEVES, Azevedo, 1929, *As matriculadas existentes em Portugal em 31 de Dezembro de 1926*, Imprensa Nacional, Lisboa.

PAIS, José Machado, 1985, *A Prostituição e a Lisboa Boémia do século XIX aos Inícios do século XX*, Editorial Querco, Lda., Lisboa.

PESSOA, Alfredo Amorim, 2006, *Os Bons Velhos Tempos da Prostituição em Portugal*, Antígona, Lisboa.

PINTO, Maria José Vahia Lima Sousa, 1962, *O Problema da Prostituição*, Imprensa Social, secção da Cop. Do Povo Portuense, Porto.

SOEIRO, Luís Navarro, 1960, *A Vagabundagem e a mendicidade. Problema bio-psico-social*, Separata do Jornal do Médico nº 1645, Costa Carregal, Porto

VIEIRA, Jorge, 1982, *A Prostituição no Porto*, Tip. José da Silva Mendonça, Porto.

II – Bibliografia

ANTUNES, José Freire, 1993, *SALAZAR CAETANO. Cartas Secretas 1932 – 1968*, Circulo de Leitores, Lisboa

BARBOSA, Madalena, 2008, *Que força é essa*, Sextante Editora, Lisboa.

BASTOS, Susana Pereira, 1997, *O Estado Novo e os Seus Vadios. Contribuição para o Estudo de Identidades Marginais e da sua Repressão*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.

BEAUVOIR, Simone, 1949, *O Segundo Sexo*, Editions Galimard, Paris

CARMO, Isabel e FRÁGUAS, Fernanda, 2002, *Putas de Prisão*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.

CORDELIER, Jeanne, LAROCHE, Martine, 1977, *Crónica da Mais Velha Profissão do Mundo*, Livraria Bertrand, Amadora.

CORREIA, Natália, 1991, *Sonetos Românticos*, Publicações Projornal, Lisboa.

CATROGA, Fernando, 2001, *Memória, História e Historiografia*, Quarteto Editoras, Coimbra

COUTO, Mia, 2002, *Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra*, Editorial Caminho, SA, Lisboa

- CUEREÑA, Jean – Louis, 2003, *La prostitución en la España contemporânea*, Marcial Pons, Ediciones de Historia, S.A. Madrid.
- DACOSTA, Fernando, 2001, *Nascido no Estado Novo*, Editorial Notícias, Lisboa.
- DALLAYRAC, Dominique, 1964, *O Novo Rosto da Prostituição. A revolta contra a ordem masculina*, Editorial Veja, Lisboa.
- DAVIS, Natalie Zemon, 1975, *II Conferência sobre História das Mulheres*, Berkshire.
- DELGADO, Iva, LOFF, Manuel e outros, 2000, *De Pinochet a Timor Lorosae. Impunidade e Direito à Memória*, Fundação Humberto Delgado, Edições Cosmos, Lisboa.
- DESSIEUX, Christine, 1993, *A Prostituição Conjugal*, Edições Livros do Brasil, Lisboa.
- DICIONÁRIO de HISTÓRIA do ESTADO NOVO*, dir. Fernando Rosas e J.M. Brandão de Brito, Lisboa, Circulo de Leitores, 1996, 2vol.
- FATELA, João, 1989, *O Sangue e a Rua, elementos para uma antropologia de violência em Portugal (1926 – 1946)*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.
- FOUCAULT, Michel, 1997, *Vigiar e Punir*, Editora Vozes, Petrópolis.
- GARNEL. Maria Rita Lino, 2005, *Vítimas e Violências Na Lisboa da I República*, Dissertação de Doutoramento em Letras, na Área de História Contemporânea, sob a orientação do Professor Doutor José de Almeida Catroga, Coimbra.
- GODINHO, Paula, 2001, *Memórias da Resistência Rural no Sul*, (cap.I) Celta Editora, Lisboa.

GOFFMAN, Erving, 1961, *Manicômios, prisões e conventos* (páginas 15 a 41), Editora Perspectiva, São Paulo.

GRELE, Ronald, *Private Memoires and Public Presentation: The Art of Oral History*, in *Envelopes of Sound. The Art Oral History*, New York, pp.242-272, 1991.

HISTÓRIA COMPARADA, dir. de António Simões Rodrigues, vol.II, Circulo de Leitores, Lisboa, 1996, 10 vol.

HISTÓRIA da HISTÓRIA em PORTUGAL sécs. XIX-XX, Torgal, Luís Reis, Catroga, Fernando e outros, Circulo de Leitores, Lisboa, 1996, 2vol.

HISTÓRIA DE PORTUGAL, dir. de José Mattoso, vol VII, Circulo de Leitores, Lisboa, 1994, 9 vol.

KAWABAT, Yasunany, 1980, *A Casa das Belas Adormecidas*, Assírio e Alvim.

LAPA, Albino, 1954, *O Mendigo*, Tipografia Severo Freitas, Mege.

LIBERATO, Isabel, 2002, *Sexo, Ciência Poder e Exclusão Social. A Tolerância da Prostituição em Portugal (1841 – 1926)*, Editorial Livros do Brasil, Lisboa.

LIBERATO, Isabel, 1999, *Discursos, Práticas e Políticas Prostitucionais Em Portugal (1841-1926)*, Dissertação de Mestrado, sob orientação da Professora Doutora Miriam Halpern Pereira, Instituto de Ciências do Trabalho e da Empresa, Secção Autónoma de História, 3º Curso de Mestrado em História Social Contemporânea, Lisboa.

LIMA, Humberto, 2003, *A Tradição Oral como Fonte Histórica*, Escola Superior de Santarém, Santarém

LOPES, Ana, 2006, *Trabalhadoras do Sexo Uni-vos*, Publicações Dom Quixote, Lisboa.

LOSURDO, Domenico, 1996, *Il Revisionismo Storico. Problemi e miti*, pp.1 a 34, GIUS, Laterza & Figli.

LOURENÇO, Eduardo, 2007, *O Labirinto da Saudade*, Gradiva – Publicações Lda., Lisboa.

MURTEIRA, Bento José Ferreira, 1954, *Sobre a Análise Estatística dos Orçamentos Familiares*, Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade, (secção Anuário Comercial de Portugal), Lisboa.

NORA, Pierre, *Entre memória e História*, Projecto História nº10, pp.7-28, São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Alexandra, 2004, *As Vendedoras de Ilusões. Estudo sobre Prostituição, Alterne e Striptease*, Editorial Notícias, Lisboa.

PAGE, Shannon, *El participante invisible: el papel del transcriptor*, in *História Oral*, 7, pp. 61-75, Revista da Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, 2004

PERKS, Rob, *Audio Formats: Summary Overview* (at Feb.2004), British Library Sound Archive.

PERROT, Michelle, 2007, *Uma História das Mulheres*, ASA Editores, Porto.

QUERALT, Luís, *El tratamiento archivístico y documental de las fuentes orales*, in *História Oral*, 7, pp 77-91, Revista Brasileira de História Oral, São Paulo, 2004.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van, 1995, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva – Publicações Lda. Lisboa.

QUOATIDIANO FEMININO 1900-1940, Departamento do Património Cultural, Arquivo Municipal de Lisboa.

RENCH, Dolores, LEE, Linda, 1988, *O Meu Trabalho como Prostituta*, Edições 70, Lisboa.

RIBEIRO; Manuela, SILVA, Carlos Manuel e outros, 2007, *Vidas na Raia, Prostituição feminina em regiões de fronteira*, Edições Afrontamento, Porto.

RIBEIRO, Maria José, 2003, *Ser Família, Construção, implementação e avaliação de um programa de Educação Parental*, Dissertação de Mestrado em Psicologia, sob a orientação da Professora Doutora Helena Marujo e co-orientação da Professora Doutora Teresa Freire, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga.

RITCHIE, Donald, *Conducting Interviews, Doing Oral History. A Practical Guide*, New York, Oxford University Press, pp. 84-109, 2003.

ROBERTS, Nickie, 1996, *A Prostituição Através dos Tempos Na Sociedade Ocidental*, Editorial Presença, Lisboa.

ROBERTSON, Beth, *Summaries and Transcripts*, in *Oral History Handbook*, South Australia: OHAA, pp.47-57, 1994.

SAMARA, Maria Alice, 2007, *Operárias e Burguesas. As Mulheres No Tempo da República*, A Esfera dos Livros, Póvoa de Santo Adrião.

SAMUEL, Raphael, *Perils of the transcript*, in R. Perks e A. Thomson (eds.) *The Oral History Reader*, London, Routledge, pp. 25-26, 2003.

SILVA, Lourdes Graça Camelo Cunha, 2004, *Os Serões de Domingo em Sambade. Outra Escola. Outros Saberes*, edição da autora, Maia.

SILVA, Manuela, *Uma estimativa da Pobreza em Portugal, em Abril de 1974*, Cadernos de Ciências Sociais, separata nº1, Edições Afrontamento, 1974.

SPADDLEY, James, 1979, *The Ethnographic Interview*, Wadsworth Pub.Co.

THOMPSON, Paul, 1998, *Voz do Passado, A história Oral*, Editora Paz e Terra, São Paulo

TUDELA, Mariano, 1960, *Biografia da Prostituição*, Brasília Editora Limitada, Porto.

VANSING, Ian, 1965, *Oral Tradition and Historical Methodology*, (Chapter I ell), London, Penguin

VAQUINHAS, Irene, 2000, “*Senhoras e Mulheres*” *na Sociedade Portuguesa do século XIX*, Edições Colibri, Lisboa.

VIDIGAL, Luís, 1993, *A História Oral: o que é, para que serve, como se faz*, Escola Superior de Santarém, Santarém

WILTON, Janis, Share and Compare, *Ideas for Teaching Oral History*, in Oral History Association of Australia Journal, nº 18, pp. 25-26, 1996.

YOW, Valerie *Recording Oral History, a Pratical Guide for Social Scientists*, Thousand Oaks, Sage Publications, pp. 32-54, 55-83, 116-142, 1994.